

# ATHENAS

Revista de Filosofia Para o Brasil

Editora da PUC-Rio - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

www.athenas.puc-rio.br

ISSN 0103-8530 - ISSN-L 1513-8300

Volume 10 - Número 20 - 2007

Editor: José Antônio da Cunha

Editora: Ana Paula Góes

# ATHENAS

Revista de Filosofia Para o Brasil

# Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

O III

MAIO — 1941

NUM. 28



OMENAGEM FIDALGA DE "ATHENAS" AO INTERVENTOR PAULO RAMOS,  
POR MOTIVO DE SEU ANIVERSÁRIO NATALÍCIO OCORRIDO EM 4 DE MAIO

# Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

O III

MAIO — 1941

NUM. 28



OMENAGEM FIDALGA DE "ATHENAS" AO INTERVENTOR PAULO RAMOS,  
POR MOTIVO DE SEU ANIVERSÁRIO NATALÍCIO OCORRIDO EM 4 DE MAIO

# O IMPARCIAL

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO ESTADO

VASTO SERVIÇO TELEGRAPHICO

## FONTES INFORMATIVAS

Agencia Nacional

Agencia Havas

British News Service

Agencia Transocean

União Jornalistica Brasileira

## CORPO REDACCIONAL

Prof. Nascimento Moraes

Padre Astolpho Serra

Erasmo Dias

A. Pires Ferreira

J. Pires — Director

RUA NINA RODRIGUES, 176 — S. LUIZ

QUANDO QUIZER CONSERVAR A RECORDAÇÃO DE  
UM DIA FELIZ, COMO O DE ANIVERSÁRIO, CASA-  
MENTO, etc., procure FOTO-GRAVADOR  
do IMPARCIAL  
de Athenas.  
SERVIÇO RÁPIDO E PERFEITO  
— RUA NINA RODRIGUES, 176 (SOBR.) — FONE, 1501



# Athenas

REVISTA DO MARANHÃO PARA O BRASIL

Director — A. PIRES FERREIRA

Redactor principal — NASCIMENTO MORAES

Secretario — ASTOLPHO SERRA

## REDACTORES

RIBAMAR PINHEIRO

ERASMO DIAS

Propriedade da Empr

IMPARCIAL

RUA NINA RODRIGUE

NUMERO AVULS

Na Capital . . . . .

Por via postal . . . . .

## ASSIGNATURAS

Por 6 meses . . . . .

Por 1 anno . . . . .

# O IMPARCIAL

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO DO ESTADO

VASTO SERVIÇO TELEGRAPHICO

## FONTES INFORMATIVAS

Agencia Nacional

Agencia Havas

British News Service

Agencia Transocean

União Jornalistica Brasileira

## CORPO REDACCIONAL

Prof. Nascimento Moraes

Padre Astolpho Serra

Erasmo Dias

A. Pires Ferreira

J. Pires — Director

RUA NINA RODRIGUES, 176 — S. LUIZ

QUANDO QUIZER CONSERVAR A RECORDAÇÃO DE  
UM DIA FELIZ, COMO O DE ANIVERSÁRIO, CASA-  
MENTO, etc., procure FOTO-GRAVADOR



O IMPARCIAL  
de  
Athenas.  
SERVIÇO RÁPIDO E PERFEITO

-RUA NINA RODRIGUES, 176 (SOBR.) - FONE, 1501

4 de junho 1901  
DUAÇÃO 203  
MARAÑHÃO

# Athenas

REVISTA DO MARANHÃO PARA O BRASIL

Director — A. PIRES FERREIRA

Redactor principal — NASCIMENTO MORAES

Secretario — ASTOLPHO SERRA

## REDACTORES

RIBAMAR PINHEIRO

ERASMO DIAS

Propriedade da Empr

IMPARCIAL

RUA NINA RODRIGUE

NUMERO AVULS

Na Capital . . . . .

Por via postal . . . . .

ASSIGNATURAS

Por 6 meses . . . . .

Por 1 anno . . . . .

## Historias de

## João Cabloco

VALERIO SANTIAGO

A noite ia alta... Manuel Coelho, cavalgando um cavalo fogoso, galopava pela estrada larga, prateada pelo luar. O rifle atravessado no alção da sela. O cabo do punhal saí da camisa, e porque era de metal branco lucilava, siniestro; à luz do luar... Havia duas horas que galopava, sem encontrar vestígios de que alguém houvera passado por ali. Manoel Caboclo, seu pagem e velho companheiro de labuta, metera o cavalo em cinco picadas que conduziam a prosperos povoados e indagara, batendo à porta de velhos camaradas, que sabiam, como de suas próprias casas do movimento dos povoados, e nada recolhiera... nem ao menos uma suspeita que o orientasse, que revelasse alguma coisa sobre o paradeiro de d. Candida...

Dante do Cruzeiro, Manuel Coelho parou o animal e saltou em terra. Sentia-se fatigado, aturdido... Não sabia o que pensar do misterio... Lançou o olhar penetrante pela orla da mata cercada. Auscultou as vozes da natureza, e elas lhe não trouxeram nenhuma esperança.

João Caboclo apeou-se, lesto, de um salto, e aproximou-se de seu amo e amigo, conduzindo o cavalo pela rédea, e com o rifle debaixo do braço.

—Vosmecê quer demorar aqui?

—Quem sabe se aqui nesta encruzilhada está o segredo desta aventura?

—Tudo pôde acontecer neste mundo... até isto que vosmecê está pensando...

—Achas impossível?

—Nunca ouvi dizer que uma mulher fugisse de casa para se esconder no mato, ou para andar por uma estrada a esta hora, a procurar o que ela não perdeu...

—Mas afinal que pensas tu de d. Candida?

João Caboclo andou, até junto do Cruzeiro, e devagar sentou-se numa das pedras que cercavam o madeiro, tendo o cavalo ao lado e o rifle na mão.

—Acho bom vosmecê ficar com o rifle na mão... e colocar o seu cavalo no geito de ca-

valgar... Vão dar duas horas... e em lugar de d. Candida pôde surgir um malfeitor ou um bando deles... É melhor está prevenido... para o que der e vier...

Manuel Coelho recebeu bem o aviso e fez o mesmo que o seu pagem acabara de fazer.

—Agora é que eu vou responder a vosmecê...

João Caboclo puxou do bolso da calça um charuto de 40 réis e uma caixa de fósforo. Acendeu o charuto, guardou a caixa de fósforo e soltou uma fumaça. E pausadamente:

—Vosmecê só pôde está pensando o que eu estou pensando: d. Candida não saiu só do engenho. Uma mulher como d. Candida não faz uma coisa dessa sozinha. Quando ela põe o pé fóra do batente, já sabe para onde vai! Vosmecê não está pensando assim?

—Palavra que não!...

Quê homem seria capaz de buscar d. Candida lá no engenho? E benl sàbes que depois que ela chegou, não tive mais visitas! De propósito não recebi mais ninguém. E quantos meses já se passaram?

Seis meses!...

—Quando vosmecê a roubou do marido, fique certo que ele também pensou como vosmecê está pensando... O coronel Matos não enchia a sua fazenda de homens. Nem os vizinhos o visitavam. Sempre passou por ser um homem grosseiro, de maus bofes, muito ruim para os empregados. E no entanto vosmecê dentro de um quarto de hora, arrebatou d. Candida da fazenda, em pleno dia!

E vosmecê nunca vira d. Candida! D. Candida também nunca vira vosmecê! Quando vosmecê chegou no engenho trazia d. Candida na garupa de Pretinho, que, benza-o Deus! é cavalo ladrão de mulher!

—A primeira vista, parece que tens razão, mas si refletires um pouco verás que estás errado.

—Prô mode?

—D. Candida não gostava do marido. Era naquela fazenda mais um escravo do que uma



## Historias de



## João Cabloco

VALERIO SANTIAGO

A noite ia alta... Manuel Coelho, cavalgando um cavalo fogoso, galopava pela estrada larga, prateada pelo luar. O rifle atravessado no alção da sela. O cabo do punhal saí da camisa, e porque era de metal branco lucilava, siniestro; à luz do luar... Havia duas horas que galopava, sem encontrar vestígios de que alguém houvera passado por ali. Manoel Caboclo, seu pagem e velho companheiro de labuta, metera o cavalo em cinco picadas que conduziam a prosperos povoados e indagara, batendo à porta de velhos camaradas, que sabiam, como de suas próprias casas do movimento dos povoados, e nada recolhiera... nem ao menos uma suspeita que o orientasse, que revelasse alguma coisa sobre o paradeiro de d. Candida...

Dante do Cruzeiro, Manuel Coelho parou o animal e saltou em terra. Sentia-se fatigado, aturdido... Não sabia o que pensar do misterio... Lançou o olhar penetrante pela orla da mata cerrada. Auscultou as vozes da natureza, e elas lhe não trouxeram nenhuma esperança.

João Caboclo apeou-se, lesto, de um salto, e aproximou-se de seu amo e amigo, conduzindo o cavalo pela rédea, e com o rifle debaixo do braço.

—Vosmecê quer demorar aqui?

—Quem sabe se aqui nesta encruzilhada está o segredo desta aventura?

—Tudo pôde acontecer neste mundo... até isto que vosmecê está pensando...

—Achas impossível?

—Nunca ouvi dizer que uma mulher fugisse de casa para se esconder no mato, ou para andar por uma estrada a esta hora, a procurar o que ela não perdeu...

—Mas afinal que pensas tu de d. Candida?

João Caboclo andou, até junto do Cruzeiro, e devagar sentou-se numa das pedras que cercavam o madeiro, tendo o cavalo ao lado e o rifle na mão.

—Acho bom vosmecê ficar com o rifle na mão... e colocar o seu cavalo no geito de ca-

valgar... Não dar duas horas... e em lugar de d. Candida pôde surgir um malfeitor ou um bando deles... E' melhor está prevenido... para o que der e vier...

Manuel Coelho recebeu bem o aviso e fez o mesmo que o seu pagem acabara de fazer.

—Agora é que eu vou responder a vosmecê...

João Caboclo puxou do bolso da calça um charuto de 40 réis e uma caixa de fósforo. Acendeu o charuto, guardou a caixa de fósforo e soltou uma fumaça. E pausadamente:

—Vosmecê só pôde está pensando o que eu estou pensando: d. Candida não saiu só do engenho. Uma mulher como d. Candida não faz uma coisa dessa sozinha. Quando ela põe o pé fóra do batente, já sabe para onde vai! Vosmecê não está pensando assim?

—Palavra que não!

Quê homem seria capaz de buscar d. Candida lá no engenho? E ben! Sábes que depois que ela chegou, não tive mais visitas! De propósito não recebi mais ninguém. E quantos meses já se passaram?

Seis meses!

—Quando vosmecê a roubou do marido, fique certo que ele também pensou como vosmecê está pensando... O coronel Matos não enchia a sua fazenda de homens. Nem os vizinhos o visitavam. Sempre passou por ser um homem grosseiro, de maus bofes, muito ruim para os empregados. E no entanto vosmecê dentro de um quarto de hora, arrebatou d. Candida da fazenda, em pleno dia!

E vosmecê nunca vira d. Candida! D. Candida também nunca vira vosmecê! Quando vosmecê chegou no engenho trazia d. Candida na garupa de Pretinho, que, benza-o Deus! é cavalo ladrão de mulher!

—A' primeira vista, parece que tens razão, mas si refletires um pouco verás que estás errado.

—Prô mode?

—D. Candida não gostava do marido. Era naquela fazenda mais um escravo do que uma



esposa. O coronel não lhe dava momentos de alegria, ~~naquele manhã~~ com a devida cortesia. D. Carolina espreitava uma oportunidade para se libertar. E essa oportunidade foi a minha passagem pela fazenda, naquela manhã em que ela vinha ~~do banho~~. Quando os meus olhos se fitaram nos dela recebi, no mesmo instante, em troca, toda a sua alma! Parei o Pretinho. Ninguém nos viu. A manhã rompia. E si alguém me viu, cuidou fosse eu um dos amigos do coronel. Conversamos no máximo, 7 minutos, e tanto bastou para que a compreendesse e para que ela me quizesse. E ela me disse quando me despedia: Até nunca mais! Por que? perguntei-lhe? E ela me respondeu: Porque nunca mais me verá! Então nos meus olhos e nos dela o mesmo pensamento se debruçou. Fugir naquele instante! E eu não sei mesmo como se deu o passo. Só sei dizer é que quando o Pretinho arrancou, ela estava na minha garupa!

E depois de uma pausa:

—Mas agora, o caso é diferente!

—Vosmecê ainda não pôde dizer si o caso é diferente.

—Como não posso! D. Candida é a dona do engenho! Ali todos os seus desejos são satisfeitos! Bem sabes que eu vivo para d. Candida! Já dois anos se passaram.

—Mas não afirme que todos os seus desejos são satisfeitos...

—E não são?

—Só mesmo d. Candida é que poderá responder quanto a esta parte...

—Por que?

—Por que a mulher tem sempre um desejo que o homem não conhece e que ela não diz.

—Neste caso, como poderá um homem fazer a felicidade de uma mulher?

—Quando, por acaso, acerte nesse desejo que ele não conhece e que ela não diz.

—Ora, João Cabôelo! Eu não sabia que eras bruxo!...

—Vosmecê não sabia, porque eu, na verdade, não sou bruxo. Mas estou com 60 anos de idade e vosmecê agora é que vai entrar na casa dos 30. Só com o seu pai, nesse mesmo engenho, trabalhei quinze anos!

—Mas eu torno a dizer-te que nunca se passou um dia que d. Candida não me dissesse: o quanto sou feliz em sua companhia! O quanto é bom se viver assim! E me abraçava e me beijava loucamente!

—Ainda mais vosmecê me ajuda. Si fosse verdade o que ela lhe dizia, não o teria abandonado tão bruscamente pela maneira que fez, nas últimas horas da madrugada, depois de, cheia de satisfação, ter adormecido a seu lado! E já que tal coisa se deu já não posso acreditar que fugisse do marido por causa dos motivos que lhe apresentou...

—Mas aquele homem é mesmo intratável...

—E' verdade, mas bem que podia ser muito docil para ela... Eu já conheci um que era bruto com a mulher e no entanto era delicado com toda gente. De modo que, quando a mulher se queixava às famílias de suas relações, da brutalidade do marido, ninguém acreditava.

—Ja me disseram que meu pae era assim... Minha mãe, por vezes, falava com amargura das asperas, do tratamento que meu pai lhe dava...

—Mas João Cabôelo continuou, como se não tivesse ouvido nada:

—Vosmecê fique sabendo que máus tratos não acabam com a amizade do homem com a mulher...

—A mulher quando gosta do homem, gosta mesmo. E o mesmo se dá com o homem quando gosta de uma mulher. Si a mulher gosta do homem, passa fome com ele. Si não gosta pôde lhe dar a melhor mesa! Ela está sempre traindo o homem...

—E jogando fóra a ponta de charuto:

—Por causa disto foi que eu deixei de ter mulher minha e passei a ter uma mulher em cada quebra. E ha 25 annos que vivo assim, e nunca mais tive dôr de cabeça.

—Alguma mulher te enganou?

—Não senhor, mas uma estava disposta a me enganar.

—Nunca me contaste isto!

—Agora é que é o momento.

—Conta lá.

—E' simples. Eu quando era mocinho me embecei por uma cabôela, que morava na nossa vizinhança, ali p'ras bandas do Craveiro, no es-

AS IMITAÇÕES DO  
SABÃO "MARTINS"  
REAFIRMAM A SUPERIOR QUALIDADE DESSE PRODUTO

PRODUTOS  
INDÚSTRIA BRASILEIRA  
MARTINS  
MARCA REGISTRADA

esposa. O coronel não lhe dava momentos de alegria, ~~naquele manhã~~ com a devida cortesia. D. Carolina espreitava uma oportunidade para se libertar. E essa oportunidade foi a minha passagem pela fazenda, naquela manhã em que ela vinha do banho. Quando os meus olhos se fitaram nos delas recebi, no mesmo instante, em troca, toda a sua alma! Parei o Pretinho. Ninguém nos viu. A manhã rompia. E si alguém me viu, cuidou fosse eu um dos amigos do coronel. Conversamos no máximo, 7 minutos, e tanto bastou para que a compreendesse e para que ela me quizesse. E ela me disse quando me despedia: Até nunca mais! Por que? perguntei-lhe? E ela me respondeu: Porque nunca mais me verá! Então nos meus olhos e nos dela o mesmo pensamento se debruçou. Fugir naquele instante! E eu não sei mesmo como se deu o passo. Só sei dizer é que quando o Pretinho arrancou, ela estava na minha garupa!

E depois de uma pausa:

—Mas agora, o caso é diferente!

—Vosmecê ainda não pôde dizer si o caso é diferente.

—Como não posso! D. Candida é a dona do engenho! Ali todos os seus desejos são satisfeitos! Bem sabes que eu vivo para d. Candida! Já dois anos se passaram.

—Mas não afirme que todos os seus desejos são satisfeitos...

—E não são?

—Só mesmo d. Candida é que poderá responder quanto a esta parte...

—Por que?

—Por que a mulher tem sempre um desejo que o homem não conhece e que ela não diz.

—Neste caso, como poderá um homem fazer a felicidade de uma mulher?

—Quando, por acaso, acerte nesse desejo que ele não conhece e que ela não diz.

—Ora, João Cabôelo! Eu não sabia que eras bruxo!...

—Vosmecê não sabia, porque eu, na verdade, não sou bruxo. Mas estou com 60 anos de idade e vosmecê agora é que vai entrar na casa dos 30. Só com o seu pai, nesse mesmo engenho, trabalhei quinze anos!

—Mas eu torno a dizer-te que nunca se passou um dia que d. Candida não me dissesse: o quanto sou feliz em sua companhia! O quanto é bom se viver assim! E me abraçava e me beijava loucamente!

—Ainda mais vosmecê me ajuda. Si fosse verdade o que ela lhe dizia, não o teria abandonado tão bruscamente pela maneira que fez, nas últimas horas da madrugada, depois de, cheia de satisfação, ter adormecido a seu lado! E já que tal coisa se deu já não posso acreditar que fugisse do marido por causa dos motivos que lhe apresentou...

—Mas aquele homem é mesmo intratável...

—E' verdade, mas bem que podia ser muito docil para ela... Eu já conheci um que era bruto com a mulher e no entanto era delicado com toda gente. De modo que, quando a mulher se queixava às famílias de suas relações, da brutalidade do marido, ninguém acreditava.

—Ja me disseram que meu pae era assim... Minha mãe, por vezes, falava com amargura das asperas, do tratamento que meu pai lhe dava...

—Mas João Cabôelo continuou, como se não tivesse ouvido nada:

—Vosmecê fique sabendo que máus tratos não acabam com a amizade do homem com a mulher...

—A mulher quando gosta do homem, gosta mesmo. E o mesmo se dá com o homem quando gosta de uma mulher. Si a mulher gosta do homem, passa fome com ele. Si não gosta pôde lhe dar a melhor mesa! Ela está sempre traindo o homem...

—E jogando fôra a ponta de charuto:

—Por causa disto foi que eu dei xe de ter mulher minha e passei a ter uma mulher em cada quebra. E ha 25 annos que vivo assim, e nunca mais tive dôr de cabeça.

—Alguma mulher te enganou?

—Não senhor, mas uma estava disposta a me enganar.

—Nunca me contaste isto!

—Agora é que é o momento.

—Conta lá.

—E' simples. Eu quando era mocinho me embecei por uma cabôela, que morava na nossa vizinhança, ali p'ras bandas do Craveiro, no es-

AS IMITAÇÕES DO  
SABÃO "MARTINS"  
REAFIRMAM A SUPERIOR QUALIDADE DESSE PRODUTO



tirão do Sítio Alegre. Mas fique certo de que eu fiquei louquinho pelo cabôcla.

Chamava-se Maria Raimunda, e era tão pobrezinha que fazia dó. Depois que ela aceitou o meu namoro, nunca mais passou necessidade.

Eu lhe fazia tudo. Raimunda não perdeu mais uma festa. E em cada festa ia sempre com um vestido novo. E cada vestido me custava o suor de muitos dias... Mas eu estava por tudo, pois só a Raimunda me sabia bem ao paladar. E entonce estava eu nesta cegueira, quando numa noite de S. João, ás 8 horas, ao chegar ao arraial o preto Quirino p'ra tomar um visquete, que o preto vendia bom, dei de cara com a Raimunda encostada numa banca, num cheira-cheira danaado com um alvacente da polícia que era cabo do destacamento. Vosmicê não queira saber o que se passou em mim... Arranquei de passo feito! O alvacente já sabia do meu chôro pela cabôcla e depressa se levantou concertando a farda. Mas não pude fazer mais nada porque no mesmo instante, caíá estrebuchando com una canhotada que lhe dei na rosca da venta!

E o tempo fechou contra mim! Puxei da biguana e feri muita gente. Até hoje não consegui saber quem me atirou, com um môcho na cabeça e me prostou sem sentido no arraial.

Fui preso. Passei quatro meses na cadéa de Grajahú, sem ter quem pedisse por mim. Esperava ser ouvido pelas autoridades. E pensava de mim para mim que si elas me ouvissem, me dariam razão. Mas ao mesmo tempo uma voz interior me dizia que Maria Raimunda seria presa. Quem é que pôde sofrer não grande assombracão! E os dias se foram passando assim, até que uma noite, senti que alguém me sacodia a réde e me acordava. Era o Chico Biquara, um paraibano ruim como peste, que me convidava para fugir. Perguntou-me se eu tinha coragem. Nem lhe respondi. Puz-me logo de pé e fui acompanhando o Chico até a porta da cadéa.

Os soldados dormiam. Um que estava acordado era da terra do Chico...

Quando me quizeram prender tempos depois eu estava na casa do pai de vosmicê. O melhor, porém, vai agora. Quando eu estava na cadéa, onde toda gente me visitou, com pena de mim, perguntei pela Raimunda. E soube, então, que ela dissera que sentia muita pena de mim. Muita mesmo, pois sabia o quanto eu a estimava, e sentia muito não se sentir presa a mim pela mesma paixão.

— Nunca mais viste a Maria Raimunda?

— Como não!

— Ha quantos anos?

— Constantemente a vêjo, e vosmicê também.

— Eu conheço a tua Maria Raimunda?

# LIVRARIA

## MODERNA

— DE —

GUIMARÃES & SOBRINHO

Rua Joaquim Tavora, 377 Tel.  
1220 — Caixa Postal, 97 — S.  
Luiz-Maranhão

Grande empório de livros escolares, direito, medicina e contabilidade.

Livros em branco, de todos os formatos, Romances de todos os estylos, Livros de Historias para Creanças. Grande variedade em papeis, jornaes, encadernação, apergaminhado, de seda, gelatinado, desenho, etc. Blocos diversos, Caixas de papel, Cartões em branco

Artigos para escriptorio e escolares. Artigos próprios para presentes

Visitae a LIVRARIA MODERNA

— Conhece muito bem. Em compañhia, vosmece eu tenho falado com ela. Si ela não me pode ver sem me pedir uma coisa!

Manoel Coelho mergulhou o olhar na luz algida do luar, como se procurasse a mulher do romance de seu pagem. Mas debalde a procurou...

— Não sei quem é...

— E' a Doquinha, do Quebra-Pote!

— A Doquinha!

— Sim, senhor. E' a Doquinha!

— João Cabôclo!

— Sinhô!

— A Doquinha, aíqueja mulher feia, angulosa, de olhos fundos, que parece mais uma fantasma do que gente, com aquelas farrupas de cabelos na cabeça...

— E' a Maria Raimunda.

— Aquela mulher tem duas idades tuas.

tirão do Sítio Alegre. Mas fique certo de que eu fiquei louquinho pelo cabôela.

Chamava-se Maria Raimunda, e era tão pobrezinha que fazia dó. Depois que ela aceitou o meu namoro, nunca mais passou necessidade.

Eu lhe fazia tudo. Raimunda não perdeu mais uma festa. E em cada festa ia sempre com um vestido novo. E cada vestido me custava o suor de muitos dias... Mas eu estava por tudo, pois só a Raimunda me sabia bem ao paladar. E entonce estava eu nesta cegueira, quando numa noite de S. João, ás 8 horas, ao chegar ao arraial o preto Quirino p'ra tomar um visquete, que o preto vendia bom, dei de cara com a Raimunda encostada numa banca, num cheira-cheira danaado com um alvacente da polícia que era cabo do destacamento. Vosmice não queira saber o que se passou em mim... Arranquei de passo feito! O alvacente já sabia do meu chôro pela cabôela e depressa se levantou concertando a farda. Mas não pude fazer mais nada porque no mesmo instante, caíia estrebuchando com uma canhotada que lhe dei na rosca da venta!

E o tempo fechou contra mim! Puxei da biguana e feri muita gente. Até hoje não consegui saber quem me atirou, com um môcho na cabeça e me prostou sem sentido no arraial.

Fui preso. Passei quatro meses na cadéa de Grajahú, sem ter quem pedisse por mim. Esperava ser ouvido pelas autoridades. E pensava de mim para mim que si elas me ouvissem, me dariam razão. Mas ao mesmo tempo uma voz interior me dizia que Maria Raimunda seria presa. Quem é que pôde sofrer não grande assombracão! E os dias se foram passando assim, até que uma noite, senti que alguém me sacodia a réde e me acordava. Era o Chico Biquara, um paraibano ruim como peste, que me convidava para fugir. Perguntou-me se eu tinha coragem. Nem lhe respondi. Puz-me logo de pé e fui acompanhando o Chico até a porta da cadéa.

Os soldados dormiam. Um que estava acordado era da terra do Chico...

Quando me quizeram prender tempos depois eu estava na casa do pai de vosmice. O melhor, porém, vai agora. Quando eu estava na cadéa, onde toda gente me visitou, com pena de mim, perguntei pela Raimunda. E soube, então, que ela dissera que sentia muita pena de mim. Muita mesmo, pois sabia o quanto eu a estimava, e sentia muito não se sentir presa a mim pela mesma paixão.

— Nunca mais viste a Maria Raimunda?

— Como não!

— Ha quantos anos?

— Constantemente a véjo, e vosmice também.

— Eu conheço a tua Maria Raimunda?

# LIVRARIA

## MODERNA

— DE —

### GUIMARÃES & SOBRINHO

Rua Joaquim Tavora, 377 Tel.  
1220 — Caixa Postal, 97 — S.  
Luiz-Maranhão

Grande empório de livros escolares, direito, medicina e contabilidade.

Livros em branco, de todos os formatos, Romances de todos os estylos, Livros de Historias para Creanças. Grande variedade em papeis, jornaes, encadernação, apergaminhado, de seda, gelatinado, desenho, etc. Blocos diversos, Caixas de papel, Cartões em branco

Artigos para escriptorio e escolares. Artigos próprios para presentes

### Visitae a LIVRARIA MODERNA

— Conhece muito bem. Em compañhia, vosmecê eu tenho falado com ela. Si ela não me pode ver sem me pedir uma coisa!

Manoel Coelho mergulhou o olhar na luz algida do luar, como se procurasse a mulher do romance de seu pagem. Mas debalde a procurou...

— Não sei quem é...

— E' a Doquinha, do Quebra-Pote!

— A Doquinha!

— Sim, senhor. E' a Doquinha!

— João Cabôelo!

— Sinhô!

— A Doquinha, a queja mulher feia, angulosa, de olhos fundos, que parece mais uma fantasma do que gente, com aquelas farrupas de cabelos na cabeça...

— E' a Maria Raimunda.

— Aquela mulher tem duas idades tuas.

—E' mais moça do que eu, mas não é uma sombra de Maria Raimundo, aos 17 anos de idade. O sofrimento comeu-lhe as carnes, queimou-lhe a pele, varou-lhe os olhos, arrancou-lhe os cabelos. Maria Raimunda foi roida pela desgraça, que quando não teve mais nada que roer, deixou-a tóta, enxotou-a por estas estradas... a fazer com as próprias mãos a casinha de palha para morar.

—E mora só? Porque nunca vi outra pessoa ali senão ela...

—E' por que vosmecê ainda não reparou... Acompanham-na sempre dois cães, um gato e muitas galinhas...

—Só.

—Nunca teve parentes. Não conheceu pai nem mãe. Quando me apaixonei por ela, morava em companhia de uma madrinha, já muito velha, que foi o pai e a mãe que ela conheceu. E era uma beleza a Maria Raimunda!

—Mas às vezes a casa está fechada...

—E' quando se embriaga. Então dorme o dia inteiro. Ou então é quando vai coser na vizinhança, para ganhar alguns vintens.

—Mas olha que Maria Raimunda é uma ruína.

—E' verdade. Teria sido feliz, si não tivera nascido para o alvacento...

—Achas então que a Maria Raimunda nasceu somente para um homem?

—Ha mulheres assim...

Si o homem é bom, elas vivem num paraíso. E todas as desgraças suportam com valentia. Si não presta vive como Maria Raimunda, aos tranços e barrancos.

—João Cabôclo estás completamente enganado. A tua infelicidade no amor deu-te uma idéa falsa da mulher...

—Vosmecê pensa assim, porque ainda é muito moço e não conhece o mundo. Quem vê cara, não vê coração. O coração é cidade em que ninguém passeia. E coração de mulher é um labirinto.

—Queres assim convencer-me de que a Maria Raimunda só conheceu o alvacento...

—Não senhor. Depois do alvacento, outros se apaixonaram. Sei de alguns que a tiveram como amasia e tudo fizeram para ser felizes com ela. Mas todos tiveram a mesma sorte que eu tive. Homens até de grande responsabilidade e muitos haveres que podiam dar-lhe muito conforto.

A uns ela repeliu ao fim de algum tempo. Outros não encontraram nela o que queriam.

O mais feliz fui eu que fui apenas um namorado... E é por isso que eu digo que Maria Raimunda nasceu para o alvacento, que foi o homem que descobriu nela o desejo que a mulher sente mas que não diz a ninguém...

—João Cabôclo si o que dizes fosse verdade a infelicidade estaria em quase todos os lares.

—Vosmecê é porque ainda não conhece o mundo, que é cheio de enganos.

Olhe cá, vosmecê conhece o coronel Pinto Souza, de S. Jaronymo, casado com a mulher mais bonita do lugar?

—Si conheço! Por três vezes fui hospede do coronel, quando ia comprar reses que vinham de Goiás. Chama-se Santinha a sua esposa... Está muito grisalha mas ainda é bonita. São casados há muitos anos:

—Trinta seis anos de casados!

—Uma vida...

—Sim senhor, uma vida!

Mas eu ouvi, uma tarde, uma conversa dela com a filha mais velha. Eu estava sentado num banco junto da porteira, quando ela passou conversando com a filha. O sol ia-se apagando.

—Laurinda, você está pensando mal. \*Acho que você fará um bom casamento. O rapaz vale. E' um tipo sério, trabalhador e muito querido de todos.

—Mas eu não me sinto atraída por ele.

—A felicidade está onde a gente a quer. Na tua idade eu me casei com teu pai. Tivemos nove filhos. Pois eu me casei com o teu pai sem gostar dele, e fica sabendo que ainda hoje não gosto dele!

A mocinha parou e olhou para d. Santinha, com o olhar muito espantado.

E ela continuou:

—Trata-me muito bem. Só faz o que tu quero. E' um homem de caráter, respeitável, sério, trabalhador e de bons sentimentos.

Mas... não sei, ainda hoje, sinto que não gosto dele como homem. Gosto muito como amigo, companheiro e protetor.

Já me comprehendestes?

João Cabôclo tirou outro cigarro do bolso. Tirou a caixa de fósforo. Acendeu o cigarro. Guardou a caixa de fósforo e puxou uma fumaça.

—Vosmecê é muito moço e não conhece o mundo. Vosmecê conhece d. Branca, filha do capitão Bacaba, lá do rancho de Sto. Antonio?

—Bonita! Que bonita mulher. Bonita, rica e prendada! Mas já vai quebrando de carnes!

—Quarenta anos tem d. Branca!

—Mas ainda está bem conservada. E' muito alegre! Muito distinta!

E' uma mulher que sabe agradar!

—Pois bem, d. Branca quando mocinha quis casar-se com o Saturnino Lopes... dono daquela criação de porcos de que vosmecê me falou no mês passado.

—Sei... sei...

(Continua na pag. V).

—E' mais moça do que eu, mas não é uma sombra de Maria Raimundo, aos 17 anos de idade. O sofrimento comeu-lhe as carnes, queimou-lhe a pele, varou-lhe os olhos, arrancou-lhe os cabelos. Maria Raimunda foi roida pela desgraça, que quando não teve mais nada que roer, deixou-a tóta, enxotou-a por estas estradas... a fazer com as proprias mãos a casinha de palha para morar.

—E mora só? Porque nunca vi outra pessoa ali senão ela...

—E' por que vosmecê ainda não reparou... Acompanham-na sempre dois cães, um gato e muitas galinhas...

—Só.

—Nunca teve parentes. Não conheceu pai nem mãe. Quando me apaixonei por ela, morava em companhia de uma madrinha, já muito velha, que foi o pai e a mãe que ela conheceu. E era uma beleza a Maria Raimunda!

—Mas às vezes a casa está fechada...

—E' quando se embriaga. Então dorme o dia inteiro. Ou então é quando vai coser na vizinhança, para ganhar alguns vintens.

—Mas olha que Maria Raimunda é uma ruína.

—E' verdade. Teria sido feliz, si não tivera nascido para o alvacento...

—Achas então que a Maria Raimunda nasceu somente para um homem?

—Ha mulheres assim...

Si o homem é bom, elas vivem num paraíso. E todas as desgraças suportam com valentia. Si não presta vive como Maria Raimunda, aos tranços e barrancos.

—João Cabôclo estás completamente enganado. A tua infelicidade no amor deu-te uma idéa falsa da mulher...

—Vosmecê pensa assim, porque ainda é muito moço e não conhece o mundo. Quem vê cara, não vê coração. O coração é cidade em que ninguém passeia. E coração de mulher é um labirinto.

—Queres assim convencer-me de que a Maria Raimunda só conheceu o alvacento...

—Não senhor. Depois do alvacento, outros se apaixonaram. Sei de alguns que a tiveram como amasia e tudo fizeram para ser felizes com ela. Mas todos tiveram a mesma sorte que eu tive. Homens até de grande responsabilidade e muitos haveres que podiam dar-lhe muito conforto.

A uns ela repeliu ao fim de algum tempo. Outros não encontraram nela o que queriam.

O mais feliz fui eu que fui apenas um namorado... E é por isso que eu digo que Maria Raimunda nasceu para o alvacento, que foi o homem que descobriu nela o desejo que a mulher sente mas que não diz a ninguém...

—João Cabôclo si o que dizes fosse verdade a infelicidade estaria em quase todos os lares.

—Vosmecê é porque ainda não conhece o mundo, que é cheio de enganos.

Olhe cá, vosmecê conhece o coronel Pinto Souza, de S. Jaronymo, casado com a mulher mais bonita do lugar?

—Si conheço! Por três vezes fui hospede do coronel, quando ia comprar reses que vinham de Goiás. Chama-se Santinha a sua esposa... Está muito grisalha mas ainda é bonita. São casados ha muitos anos:

—Trinta seis anos de casados!

—Uma vida...

—Sim senhor, uma vida!

Mas eu ouvi, uma tarde, uma conversa dela com a filha mais velha. Eu estava sentado num banco junto da porteira, quando ela passou conversando com a filha. O sol ia-se apagando.

—Laurinda, você está pensando mal. \*Acho que você fará um bom casamento. O rapaz vale. E' um tipo sério, trabalhador e muito querido de todos.

—Mas eu não me sinto atraída por ele.

—A felicidade está onde a gente a quer. Na tua idade eu me casei com teu pai. Tivemos nove filhos. Pois eu me casei com o teu pai sem gostar dele, e fica sabendo que ainda hoje não gosto dele!

A mocinha parou e olhou para d. Santinha, com o olhar muito espantado.

E ela continuou:

—Trata-me muito bem. Só faz o que tu quero. E' um homem de caráter, respeitável, sério, trabalhador e de bons sentimentos.

Mas... não sei, ainda hoje, sinto que não gosto dele como homem. Gosto muito como amigo, companheiro e protetor.

Já me comprehendestes?

João Cabôclo tirou outro cigarro do bolso. Tirou a caixa de fósforo. Acendeu o cigarro. Guardou a caixa de fósforo e puxou uma fumaça.

—Vosmecê é muito moço e não conhece o mundo. Vosmecê conhece d. Branca, filha do capitão Bacaba, lá do rancho de Sto. Antonio?

—Bonita! Que bonita mulher. Bonita, rica e prendada! Mas já vai quebrando de carnes!

—Quarenta anos tem d. Branca!

—Mas ainda está bem conservada. E' muito alegre! Muito distinta!

E' uma mulher que sabe agradar!

—Pois bem, d. Branca quando mocinha quis casar-se com o Saturnino Lopes... dono daquela criação de porcos de que vosmecê me falou no mês passado.

—Sei... sei...

(Continúa na pag. V).

# Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

ANNO III

MAIO — 1941

NUM. 28

NASCIMENTO MORAES

## UM ESQUEMA

## DA GUERRA

Quando o telegrafo e o radio registaram a derrota inesperada da França, todos tiveram a impressão de que a guerra ia terminar, dentro de breves dias. Era, então, grande a campanha contra a Inglaterra... tão grande que ninguém viu que o termo geográfico, Inglaterra, era um diminutivo de Império Britânico. Ninguém se lembrou de que a palavra Inglaterra era uma simplificação de Reino Unido da Gran-Bretanha, a maior potência colonial do mundo. Foi tão intensa a campanha que quando o telegrafo e o radio registaram a derrota da França, todos tiveram a impressão de que a guerra ia terminar, dentro de pequeno lapso de tempo...

Era, então, grande a campanha contra a Inglaterra... tão grande que ninguém viu que o termo geográfico, Inglaterra, era um diminutivo de Império Britânico. Ninguém se lembrou de que a palavra Inglaterra era um simplificação de Reino Unido, da Gran-Bretanha, ou melhor, era um substantivo em que modestamente se ocultava a solenidade de um aposto — a maior potência colonial do mundo !

Os proselytos da democracia ficaram de crista baixa quando o exército francês deu a alma ao criador.

Porque a confiança de todos estava no exército francês, o glorioso exército das arrancadas formidáveis, aquele exército que tecera para Napoleão Bonaparte lauréis imortais. E esse exército estava desmoralizado. Gamelin, Weigand, haviam descambado para o oceano.

E Hitler blasonava após o armistício: Dentro de 24 horas o exército alemão invadirá a Gran-Bretanha ! E todos acreditaram !

Mas em meio da catástrofe, ouviu-se uma voz que dominou a tragedia. Era uma voz serena, mas no momento de acentos tremendos, porque os que tiveram ouvidos de ouvir, compreenderam que aquela voz vinha do passado, atravessara alguns séculos de Civilização, irrompera do tronco anoso de uma nacionalidade. Compreenderam que aqueles acentos eram os da honra e da dignidade de um povo. Era a voz da História de uma Nação, que não se orgulhava de seu poderio, nem de suas riquezas, mas que se ufanava de sua cultura sentimental, dos grandes serviços prestados a numerosos povos, em todos os continentes, por meio de uma colonização que era o seu maior título de glória.

Essa voz saíra pela garganta de Churchill, em cuja personalidade vimos com admiração, a figura simbólica de todas as energias da raça que levara a todos os cantos da terra os caracteres inapagáveis de sua vitalidade, de sua pertinacia, de sua resistência moral a todos os sacrifícios e a todos os revezes que aguardam, em todas as latitudes, as grandes forças civilizadoras.

Churchill desafiava a tempestade. Zombava do raio ameaçador. De cerviz levantada respondia ao Chanceler germanico. Na sua voz reconheceram os que acompanham a evolução da vida política dos povos a velha e tradicional convicção inglesa, que é a ufanía de um povo que se discipli-

# Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

ANNO III

MAIO — 1941

NUM. 28

NASCIMENTO MORAES

## UM ESQUEMA

## DA GUERRA

Quando o telegrafo e o radio registaram a derrota inesperada da França, todos tiveram a impressão de que a guerra ia terminar, dentro de breves dias. Era, então, grande a campanha contra a Inglaterra... tão grande que ninguém viu que o termo geográfico, Inglaterra, era um diminutivo de Império Britânico. Ninguém se lembrou de que a palavra Inglaterra era uma simplificação de Reino Unido da Gran-Bretanha, a maior potência colonial do mundo. Foi tão intensa a campanha que quando o telegrafo e o radio registaram a derrota da França, todos tiveram a impressão de que a guerra ia terminar, dentro de pequeno lapso de tempo...

Era, então, grande a campanha contra a Inglaterra... tão grande que ninguém viu que o termo geográfico, Inglaterra, era um diminutivo de Império Britânico. Ninguém se lembrou de que a palavra Inglaterra era um simplificação de Reino Unido da Gran-Bretanha, ou melhor, era um substantivo em que modestamente se ocultava a solenidade de um aposto — a maior potência colonial do mundo !

Os proselytos da democracia ficaram de crista baixa quando o exército francês deu a alma ao criador.

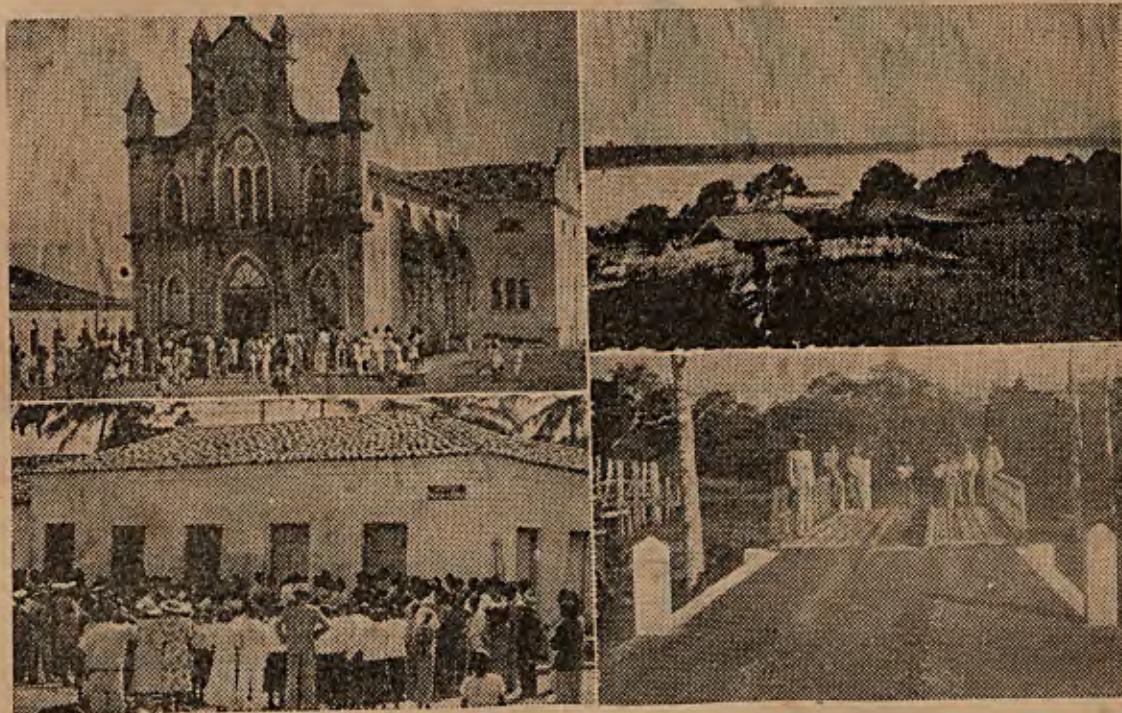
Porque a confiança de todos estava no exército francês, o glorioso exército das arrancadas formidáveis, aquele exército que tecera para Napoleão Bonaparte lauréis imortais. E esse exército estava desmoralizado. Gamelin, Weigand, haviam descambado para o ocaso.

E Hitler blasonava após o armistício: Dentro de 24 horas o exército alemão invadirá a Gran-Bretanha ! E todos acreditaram !

Mas em meio da catástrofe, ouviu-se uma voz que dominou a tragedia. Era uma voz serena, mas no momento de acentos tremendos, porque os que tiveram ouvidos de ouvir, compreenderam que aquela voz vinha do passado, atravessara alguns séculos de Civilização, irrompera do tronco anoso de uma nacionalidade. Compreenderam que aqueles acentos eram os da honra e da dignidade de um povo. Era a voz da História de uma Nação, que não se orgulhava de seu poderio, nem de suas riquezas, mas que se ufanava de sua cultura sentimental, dos grandes serviços prestados a numerosos povos, em todos os continentes, por meio de uma colonização que era o seu maior título de glória.

Essa voz saíra pela garganta de Churchill, em cuja personalidade vimos com admiração, a figura simbólica de todas as energias da raça que levara a todos os cantos da terra os caracteres inapagáveis de sua vitalidade, de sua pertinacia, de sua resistência moral a todos os sacrifícios e a todos os revezes que aguardam, em todas as latitudes, as grandes forças civilizadoras.

Churchill desafiava a tempestade. Zombava do raio ameaçador. De cerviz levantada respondia ao Chanceler germanico. Na sua voz reconheceram os que acompanham a evolução da vida política dos povos a velha e tradicional convicção inglesa, que é a ufanía de um povo que se discipli-



Alguns aspectos da cidade de Carolina, perola sertaneja e nucleo dos mais importantes do Maranhão. Vêm-se, ahi, uma ponte construida sobre o rio Itapecurú, destacando as seguintes pessoas: o construtor Luiz Antonio Macêdo, o prefeito local e outras. A igreja da Matriz; inauguração da Avenida Paulo Ramos; um pitoresco recanto do subúrbio da cidade, vendo-se a largo o magestoso rio Tocantins

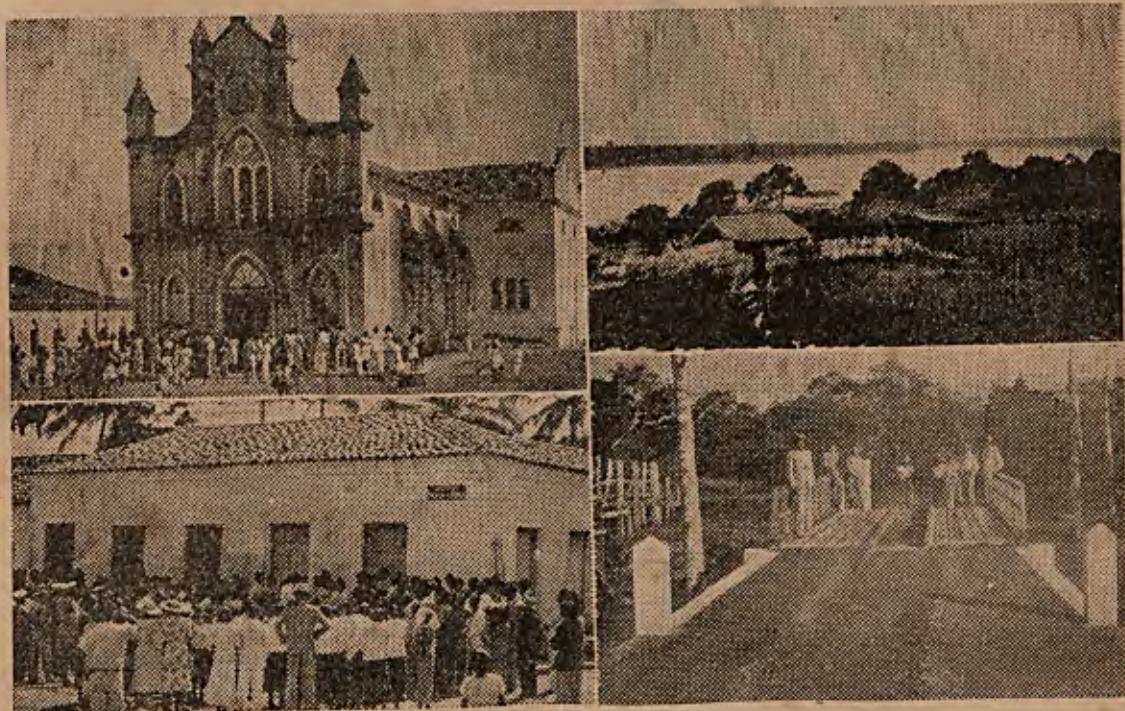
nou pelo trabalho metódico, pela persistência, pela abnegação e por uma paciência que nunca coubeu limites, para levar avante a sua obra edificadora.

Hitler, o genio da guerra, não conhecia ao que parece, a psicologia do povo inglês. Resolvido a germanizar o mundo, com uma guerra fulminante, para que se preparara, confiado no seu indomável exercito, estimulado pela sua estrondosa vitória na planicie gaulesa, certo de que povo algum se podia opor ao seu aparelhamento bélico, as suas possantes máquinas de guerra, e com muita razão convencido de que sua arrançada contra a França abalara o mundo, nas suas pilastres seculares, investiu contra a Mancha e o Passo de Calais. De posse da costa francesa da Mancha, preparou para o ataque os chamados portos de invasão. Nas costas da Noruega preparou e disciplinou numerosa tropa de desembarque. Mandou construir embarcações próprias para conduzir essas tropas às costas da Gran-Bretanha. Invençou lanchas velozes, que, bem artilhadas, deviam proteger o desembarque, e um dia, depois de incessantes ataques de sua aviação, decidiu-se ao passo pe-

rigoso, obrigado que já estava a dá-lo, depois que o houvera prometido, com todas as veras de suas resoluções, si bem, que por varias vezes o adiara... O desastre desse empreendimento ainda não foi contado com todos os pormenores. Sabe-se, porém, que foi grande. Até o mar se encrespou contra as forças germanicas, que foram completamente destruidas.

Segundo lemos, perto de setenta mil alemães foram vitimados pela estranha aventura.

E a luta recrudesceu. Hitler diante da dificuldade que se lhe apresentou, para invadir a Gran-Bretanha, jrou aos seus deuses arrazar com a sua poderosa aviação as principaes cidades inglesas. Destruiria a ilha ! Churchill calculou o tempo que Hitler empregaria para levar avante o seu cometimento ! E chegou à evidencia de que teria de levar muitos anos nesse trabalho ciclopico ! E sorrio. E sem prometer coisa alguma continuou a fortificar a sua ilha, até que a transformou numa praça de guerra, inexpugnável, guardada por um dos maiores exercitos do mundo ! Ninguem pode fazer uma idéa do que sejam as defesas da Gran-Bretanha !



Alguns aspectos da cidade de Carolina, perola sertaneja e nucleo dos mais importantes do Maranhão. Vêm-se, ahi, uma ponte construida sobre o rio Itapecurú, destacando as seguintes pessoas: o construtor Luiz Antonio Macêdo, o prefeito local e outras. A igreja da Matriz; inauguração da Avenida Paulo Ramos; um pitoresco recanto do subúrbio da cidade, vendo-se a largo o magestoso rio Tocantins

nou pelo trabalho metódico, pela persistência, pela abnegação e por uma paciência que nunca coubeu limites, para levar avante a sua obra edificadora.

Hitler, o genio da guerra, não conhecia ao que parece, a psicologia do povo inglês. Resolvido a germanizar o mundo, com uma guerra fulminante, para que se preparara, confiado no seu indomável exercito, estimulado pela sua estrondosa vitória na planicie gaulesa, certo de que povo algum se podia opor ao seu aparelhamento bélico, as suas possantes máquinas de guerra, e com muita razão convencido de que sua arrançada contra a França abalaria o mundo, nas suas pilastres seculares, investiu contra a Mancha e o Passo de Calais. De posse da costa francesa da Mancha, preparou para o ataque os chamados portos de invasão. Nas costas da Noruega preparou e disciplinou numerosa tropa de desembarque. Mandou construir embarcações próprias para conduzir essas tropas às costas da Gran-Bretanha. Invençou lanchas velozes, que, bem artilhadas, deviam proteger o desembarque, e um dia, depois de incessantes ataques de sua aviação, decidiu-se ao passo pe-

rigoso, obrigado que já estava a dá-lo, depois que o houvera prometido, com todas as veras de suas resoluções, si bem, que por varias vezes o adiara... O desastre desse empreendimento ainda não foi contado com todos os pormenores. Sabe-se, porém, que foi grande. Até o mar se encrespou contra as forças germanicas, que fôram completamente destruidas.

Segundo lemos, perto de setenta mil alemães foram vitimados pela estranha aventura.

E a luta recrudesceu. Hitler diante da dificuldade que se lhe apresentou, para invadir a Gran-Bretanha, jrou aos seus deuses arrazar com a sua poderosa aviação as principaes cidades inglesas. Destruiria a ilha ! Churchill calculou o tempo que Hitler empregaria para levar avante o seu cometimento ! E chegou à evidencia de que teria de levar muitos anos nesse trabalho ciclopico ! E sorrio. E sem prometer coisa alguma continuou a fortificar a sua ilha, até que a transformou numa praça de guerra, inexpugnável, guardada por um dos maiores exercitos do mundo ! Ninguem pode fazer uma idéa do que sejam as defesas da Gran-Bretanha !

Jornalistas e criticos militares que a propósito a têm visitado descreveram-nas com um assombro de aparelhamento bélico. Muito antes, Churchill ao saber da resolução inabalável de Hitler, pronunciara uma frase que causou horror ao mundo:

“Deus tenha piedade dos que se aventurarem a desembarcar em a nossa ilha” !

Estamos em abril de 1941. E as forças germanicas não se animaram a outra tentativa.

O nazismo, pela primeira vez, sentiu abalado o seu credito.

\*\*\*

E' sobremaneira impressionante a energia britanica.

Ninguem até agora, conseguiu explicar como a Inglaterra se preparou para essa luta tremenda. Como conseguiu uma aviação capaz de bombardear Berlim !

Como vertiginosamente colocou a sua aviação em condições de enfrentar a aviação germanica desde a Noruega até o deserto africano ! Como lhe deu asas para varrer, a bombas, incessantemente, todos os portos de invasão e para bombardear Hamburgo, na embocadura do Elba e toda Prussia Rhenana !

\*\*\*

Como poude, em meio da tormenta, articular todas as energias do seu vasto imperio colonial, energias que não eram perfeitamente conhecidas do mundo !

O Canadá, a Australia, a India, a Nova Zelandia, a União Sul Africana, enfim todas as suas reservas economicas apresentaram ao mesmo tempo um espetaculo grande ! Não se verificou num só de seus dominios e possessões uma dissonancia. Ninguem deu um passo para trás ! Apresentaram-se todos armados e equipados para a luta, coesos, como nunca ninguém pensou, para enfrentar a luta.

Nunca tivemos notícia de que na face do planeta, houvesse, em algum tempo, um exemplo tão edificante de uma organização política ! Os democratas nunca cuidaram que um governo democratico pudesse apresentar um modelo tão perfeito de ordem moral e de valimento material. Ninguem nunca pensou pudesse existir tão exuberante demonstração de força !

Hitler enganou-se. A Alemanha desconhecia, apesar da espionagem internacional os elementos vitaes do Imperio Britanico. Iludia-se com as atitudes de Chamberlain, que tudo fez para evitar a guerra, mas que ao governo inglez deu algum tempo mais para se preparar para a guerra, que, a meu ver, elle previo, desde a ação violenta de Itália contra a Abyssinia. Mussolini naqueles dias,



ANÍ, filhinha do dr. Antônio Cordeiro, diretor do Liceu Maranhense e advogado no fôro local e de sua exma. esposa, d. Creusa Castro Cordeiro, na garridice de seus verdes anos, e futura virtuose do piano, tendo já ocupado o microfone de P. R. J.-3 por alguns quartos de hora. Aní cursa, com distinção, o 4.º ano primario do Instituto Rosa Castro

escarneceu da Inglaterra e ameaçou a esquadra inglesa com a sua aviação !...

\*\*\*

Os covardes ingleses, como abertamente se dizia, aniquilaram a esquadra aleman no mar do Norte e do Skager-rack, enquanto o 3.º Reich se apoderava da Dinamarca e da Noruega. Aniquilaram parte da esquadra francesa no inesperado golpe de Oran, e inutilizaram outra parte em Alexandria.

A esquadra italiana sistematicamente fugia a dar ou oferecer combate á esquadra inglesa... Aguardava-se para um momento oportuno... e esse momento se lhe apresentava quando Hitler investisse contra a peninsula balcanica para isolar a Inglaterra, de seu vasto Imperio. Porque o sonho de Hitler era fundar sobre os destroços do Imperio Ingles o Imperio Germanico. Toda a sua

Jornalistas e criticos militares que a proposito a têm visitado descreveram-nas com um assombro de aparelhamento bélico. Muito antes, Churchill ao saber da resolução inabalável de Hitler, pronunciara uma frase que causou horror ao mundo:

“Deus tenha piedade dos que se aventurarem a desembarcar em a nossa ilha” !

Estamos em abril de 1941. E as forças germanicas não se animaram a outra tentativa.

O nazismo, pela primeira vez, sentiu abalado o seu credito.

\*\*\*

E' sobremaneira impressionante a energia britanica.

Ninguem até agora, conseguiu explicar como a Inglaterra se preparou para essa luta tremenda. Como conseguiu uma aviação capaz de bombardear Berlin !

Como vertiginosamente colocou a sua aviação em condições de enfrentar a aviação germanica desde a Noruega até o deserto africano ! Como lhe deu asas para varrer, a bombas, incessantemente, todos os portos de invasão e para bombardear Hamburgo, na embocadura do Elba e toda Prussia Rhenana !

\*\*\*

Como poude, em meio da tormenta, articular todas as energias do seu vasto imperio colonial, energias que não eram perfeitamente conhecidas do mundo !

O Canadá, a Australia, a India, a Nova Zelandia, a União Sul Africana, enfim todas as suas reservas economicas apresentaram ao mesmo tempo um espetaculo grande ! Não se verificou num só de seus dominios e possessões uma dissonancia. Ninguem deu um passo para trás ! Apresentaram-se todos armados e equipados para a luta, coesos, como nunca ninguém pensou, para enfrentar a luta.

Nunca tivemos noticia de que na face do planeta, houvesse, em algum tempo, um exemplo tão edificante de uma organização política ! Os democratas nunca cuidaram que um governo democratico pudesse apresentar um modelo tão perfeito de ordem moral e de valimento material. Ninguem nunca pensou pudesse existir tão exuberante demonstração de força !

Hitler enganou-se. A Alemanha desconhecia, apesar da espionagem internacional os elementos vitaes do Imperio Britanico. Iludia-se com as atitudes de Chamberlain, que tudo fez para evitar a guerra, mas que ao governo inglez deu algum tempo mais para se preparar para a guerra, que, a meu ver, elle previo, desde a ação violenta de Itália contra a Abyssinia. Mussolini naqueles dias,



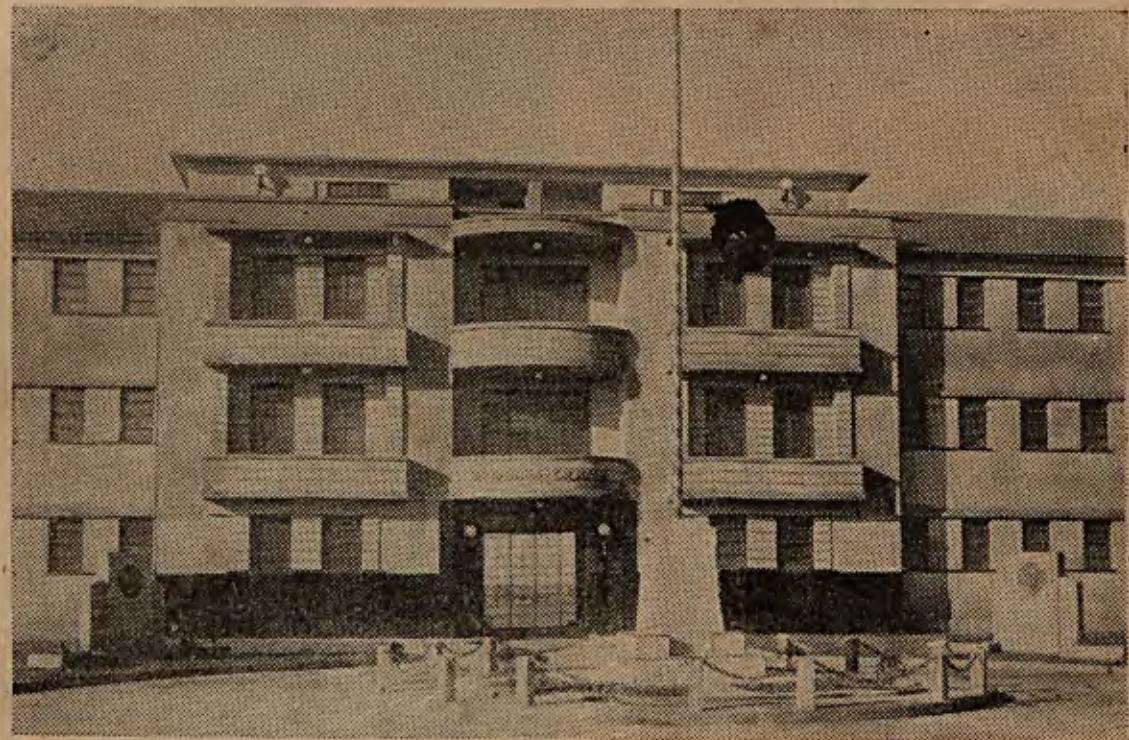
ANÍ, filhinha do dr. Antônio Cordeiro, diretor do Liceu Maranhense e advogado no fôro local e de sua exma. esposa, d. Creusa Castro Cordeiro, na garridice de seus verdes anos, e futura virtuose do piano, tendo já ocupado o microfone de P. R. J.-3 por alguns quartos de hora. Aní cursa, com distinção, o 4.º ano primario do Instituto Rosa Castro

escarneceu da Inglaterra e ameaçou a esquadra inglesa com a sua aviação !...

\*\*\*

Os covardes ingleses, como abertamente se dizia, aniquilaram a esquadra aleman no mar do Norte e do Skager-rack, enquanto o 3.º Reich se apoderava da Dinamarca e da Noruega. Aniquilaram parte da esquadra francesa no inesperado golpe de Oran, e inutilizaram outra parte em Alexandria.

A esquadra italiana sistematicamente fugia a dar ou oferecer combate á esquadra inglesa... Aguardava-se para um momento oportuno... e esse momento se lhe apresentava quando Hitler investisse contra a peninsula balcanica para isolá a Inglaterra, de seu vasto Imperio. Porque o sonho de Hitler era fundar sobre os destroços do Imperio Ingles o Imperio Germanico. Toda a sua



Fachada magnifica do novo Quartel do 24 B/C. na sua formidavel estrutura de cimento armado

ação desde o começo da guerra foi nesse sentido. O ataque a Tcheco Slovaquia, a Polonia e a Austria não teve outro objetivo.

O seu plano sempre foi rumo a Oeste ! Em seguida, ocupava a Rumania. Aproximava-se de seu objetivo, auxiliado pela Italia que se endireitou no rumo do Egito, para alcançar o Suez e Aden. Mas a esquadra inglesa a pouco e pouco conseguiu destruir a esquadra italiana, que estaria agora dominando o Mediterraneo.

O exercito italiano destroçado pelos ingleses em sucessivos combates, tambem não se desempenhou do papel que lhe estava confiado. Hitler conseguiu transportar para os areais da Africa poderosa coluna de seu exercito que sem demora ocupou Benghasi e parecia apoderar-se em sucessivos ataques fulminantes da Libia e da Cirenaica. Mas os ingleses enfrentaram a coluna italo-germânica e opuseram embargos á sua marcha.

No Mediterraneo a esquadra inglesa continua senhora da situação e dificulta a marcha do exercito alemão, combatido pelas forças britânicas, yugoslavias e gregas.

\*\*\*

Não se pode deixar de admirar a energia desses covardes ingleses, que "tinham por habito meter os outros no fogo e colher os proveitos". Não

há na historia exemplo de tão grande capacidade militar, moral e tecnica.

\*\*\*

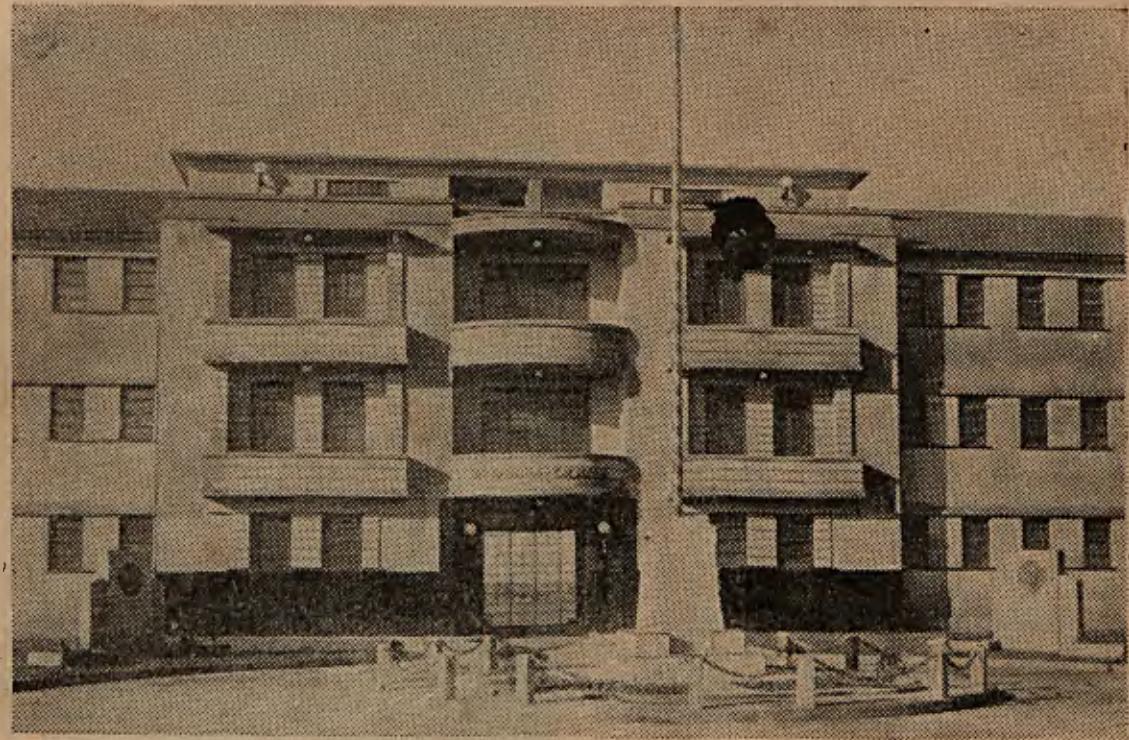
E não se diga que a Alemanha está só na luta. Apoderando-se de vários países europeus, bastante adiantados, de grandes recursos econômicos, com todas as indústrias, militarmente aparelhados com as suas fábricas de armas e munições, refinações, oficinas mecanicas, elétricas, refinações de petroleo, lhe não faltam vultosos auxílios. A Dinamarca, a Noruega, a Holanda, a Polonia, Tcheco-Slovaquia, a Austria, a Belgica e a metade da França estão a trabalhar para ella. Pode dizer-se que já fez um vasto Imperio de povos escravizados.

A Inglaterra teve, porém, uma grande compensação — o poderoso auxilio dos Estados Unidos da America do Norte.

Tambem estão com ela os franceses livres, os holandeses, os belgas, dinamarqueses, os noruegueses, os poloneses e os tcheco-slováquios que puderam fugir á escravidão. Estão com ela, e de armas nas mãos dentro da Gran-Bretanha.

\*\*\*

Incontestavelmente é de grande simpatia a atitude desses "ingleses covardes" que combatem a favor da conciênciia livre dos povos, e que enfren-



Fachada magnifica do novo Quartel do 24 B/C. na sua formidavel estrutura de cimento armado

ação desde o começo da guerra foi nesse sentido. O ataque a Tcheco Slovaquia, a Polonia e a Austria não teve outro objetivo.

O seu plano sempre foi rumo a Oeste ! Em seguida, ocupava a Rumania. Aproximava-se de seu objetivo, auxiliado pela Italia que se endireitou no rumo do Egito, para alcançar o Suez e Aden. Mas a esquadra inglesa a pouco e pouco conseguiu destruir a esquadra italiana, que estaria agora dominando o Mediterraneo.

O exercito italiano destroçado pelos ingleses em sucessivos combates, tambem não se desempenhou do papel que lhe estava confiado. Hitler conseguiu transportar para os areais da Africa poderosa coluna de seu exercito que sem demora ocupou Benghasi e parecia apoderar-se em sucessivos ataques fulminantes da Libia e da Cirenaica. Mas os ingleses enfrentaram a coluna italo-germânica e opuseram embargos á sua marcha.

No Mediterraneo a esquadra inglesa continua senhora da situação e dificulta a marcha do exercito alemão, combatido pelas forças britanicas, yugoslavias e gregas.

\*\*\*

Não se pode deixar de admirar a energia desses covardes ingleses, que "tinham por habito meter os outros no fogo e colher os proveitos". Não

há na historia exemplo de tão grande capacidade militar, moral e tecnica.

\*\*\*

E não se diga que a Alemanha está só na luta. Apoderando-se de vários países europeus, bastante adiantados, de grandes recursos econômicos, com todas as indústrias, militarmente aparelhados com as suas fábricas de armas e munições, refinações, oficinas mecanicas, elétricas, refinações de petroleo, lhe não faltam vultosos auxílios. A Dinamarca, a Noruega, a Holanda, a Polonia, Tcheco-Slovaquia, a Austria, a Belgica e a metade da França estão a trabalhar para ella. Pode dizer-se que já fez um vasto Imperio de povos escravizados.

A Inglaterra teve, porém, uma grande compensação — o poderoso auxilio dos Estados Unidos da America do Norte.

Tambem estão com ela os franceses livres, os holandeses, os belgas, dinamarqueses, os noruegueses, os poloneses e os tcheco-slováquios que puderam fugir á escravidão. Estão com ela, e de armas nas mãos dentro da Gran-Bretanha.

\*\*\*

Incontestavelmente é de grande simpatia a atitude desses "ingleses covardes" que combatem a favor da conciênciia livre dos povos, e que enfren-

“Abelha, tornou-lhe o mouro,  
Que sussurras de agastada;  
Herva, que as fôlhas constringes,  
De estranho corpo tocada;  
Quem tocou na minha abelha,  
Quem na herva delicada ?”

Duas pessoas figuram nesses versos narrativos de Fr. Antônio: a encantadora, formosíssima Gulnare, e o fragueiro e valente Mustafá. Mas, — e aqui vem, numa diferença, o que faz ao meu intento, — enquanto a linda sarracena é neles a **moira**, o forte e valoroso guerreiro é o **mouro**. O ditongo, que é **oi** no primeiro caso, passa a **ou** no segundo. E note-se que essa mudança da vogal subjuntiva do grupo importa reconhecer-se ter sido intencional, se não é que proveio do subconsciente com as iluminações da inspiração creadora. A hipótese e mera casualidade não poderia prevalecer, considerada a convizinhança em que estão, nas mencionadas redondilhas, as duas formas genéricas do vocabulo, fórmulas que a gente enumera nas duas seguintes expressões sentindo a propriedade, a particular significação de cada uma relativamente á personagem a que foi aplicada: **a moira Gulnare**, o mouro Mustafá. Essa diversidade assinala indubitavelmente a intenção de exprimir um contraste, por quanto, ao passo que Gulnare,

Frol dos jardins do profeta,

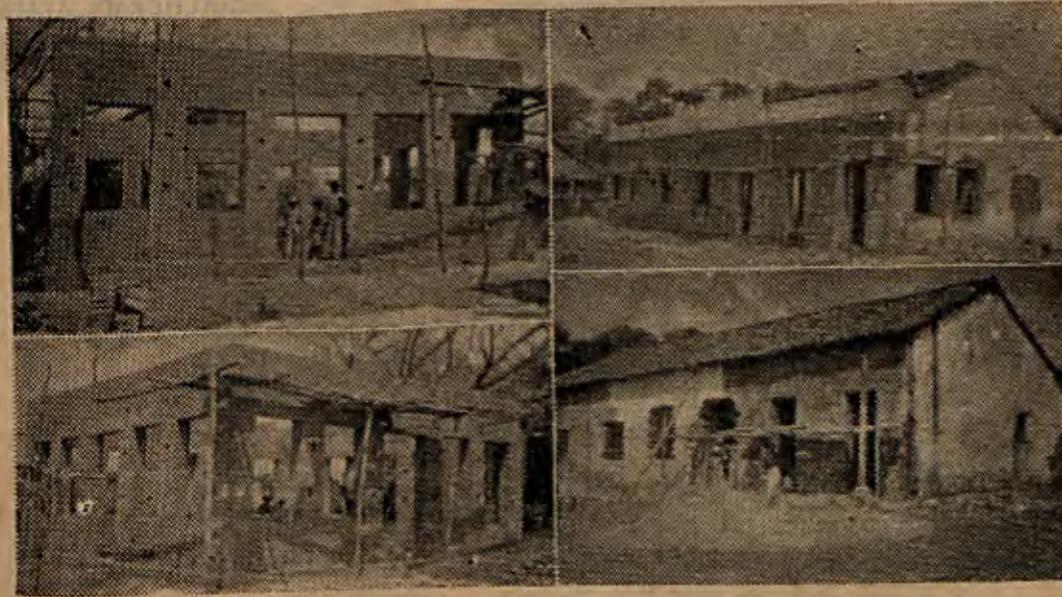
era um puro paradigma de beleza e sedução feminina, Mustafá outro não era senão o masculo e destemeroso líder que descera da montanha á

frente dos seus legionarios para investir os cristãos, o que aconteceu de maneira que a enamorada muçulmana o comparou depois á mole gigante que rola

De agudo cimo tombando,  
Arrazando o pinheiral.

Entendo que o aludido proposito não é menos legitimamente presumivel que o de Heredia quando este excelente poeta e maravilhoso artista fez terminarem os oito primeiros versos do soneto **Vieil orfèvre** por palavras em que sobreleva prosodicamente a terceira vogal. Julio Lemaitre, em **Les Contemporains**, 2.ª serie, põe este fato em relevo, e, ao mesmo tempo que salienta o valor especial de varias dessas palavras, dado pertencem essencialmente ao vocabulário do ourives e do armeiro, observa que nenhuma rima aberta, p. ex. em **ére** ou **eni ale**, teria tido aí oportuna aplicação, e que “l'i devait dominer á la fin des vers, voyelle aigue comme l'épée, **menue et fine comme les joyaux**”.

Certamente que **moiro** é grafia seis vezes presente nas **Sextilhas** ao lado de **mouro**, forma esta vinte e nove vezes empregada. Essa duplidade, contudo, absolutamente não existe em relação ao feminino da palavra, que é **moira**, sempre e sempre **moira** nos tres poemas de F. Antônio em que foi utilizada: a **Loa da Princeza Santa, Gulnare e Mustafá**, o **Solao de Gonçalo Hermiguez**. Nem uma vez **meura**, e **moira** trinta vezes. Não duvido de que tivesse havido exceção na regra por esse modo observada, se acaso aparecesse nas **Sextilhas** algum perfil de virago pertencente á raça dos prisioneiros trazidos a Portugal pelo vitorioso Afonso



Coelho Neto, cidade maranhense em suas atividades construtoras

"Abelha, tornou-lhe o mouro,  
Que sussurras de agastada;  
Herva, que as fôlhas constringes,  
De estranho corpo tocada;  
Quem tocou na minha abelha,  
Quem na herva delicada ?"

Duas pessoas figuram nesses versos narrativos de Fr. Antônio: a encantadora, formosíssima Gulnare, e o fragueiro e valente Mustafá. Mas, — e aqui vem, numa diferença, o que faz ao meu intento, — enquanto a linda sarracena é neles a **moira**, o forte e valoroso guerreiro é o **mouro**. O ditongo, que é **oi** no primeiro caso, passa a **ou** no segundo. E note-se que essa mudança da vogal subjuntiva do grupo importa reconhecer-se ter sido intencional, se não é que proveio do subconsciente com as iluminações da inspiração creadora. A hipótese e mera casualidade não poderia prevalecer, considerada a convizinhança em que estão, nas mencionadas redondilhas, as duas formas genéricas do vocabulo, fórmas que a gente enumera nas duas seguintes expressões sentindo a propriedade, a particular significação de cada uma relativamente á personagem a que foi aplicada: **a moira Gulnare**, o mouro Mustafá. Essa diversidade assinala indubitavelmente a intenção de exprimir um contraste, por quanto, ao passo que Gulnare,

Frol dos jardins do profeta,

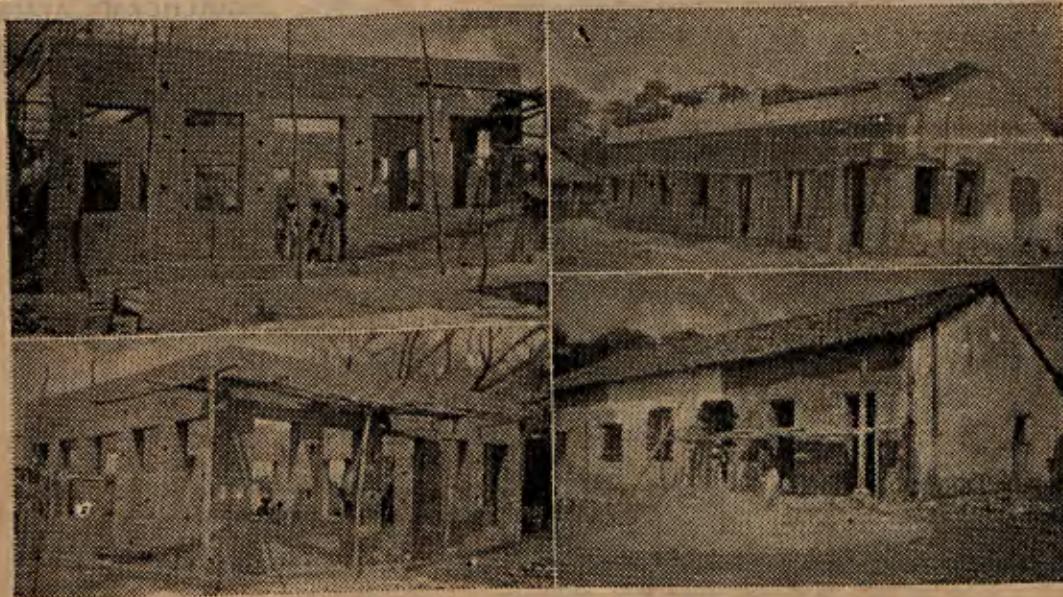
era um puro paradigma de beleza e sedução feminina, Mustafá outro não era senão o masculo e destemeroso líder que descera da montanha á

frente dos seus legionários para investir os cristãos, o que aconteceu de maneira que a enamorada muçulmana o comparou depois á mole gigante que rola

De agudo cimo tombando,  
Arrazando o pinheiral.

Entendo que o aludido propósito não é menos legitimamente presumível que o de Heredia quando este excelente poeta e maravilhoso artista fez terminarem os oito primeiros versos do soneto **Vieil orfèvre** por palavras em que sobreleva prosodicamente a terceira vogal. Julio Lemaitre, em **Les Contemporains**, 2.ª serie, põe este fato em relevo, e, ao mesmo tempo que salienta o valor especial de varias dessas palavras, dado pertencem essencialmente ao vocabulário do ourives e do armeiro, observa que nenhuma rima aberta, p. ex. em **ére** ou em **ale**, teria tido aí oportuna aplicação, e que "l'i devait dominer á la fin des vers, voyelle aigue comme l'épée, **menue et fine comme les joyaux**".

Certamente que **moiro** é grafia seis vezes presente nas **Sextilhas** ao lado de **mouro**, forma esta vinte e nove vezes empregada. Essa duplidade, contudo, absolutamente não existe em relação ao feminino da palavra, que é **moira**, sempre e sempre **moira** nos tres poemas de F. Antônio em que foi utilizada: a **Loa da Princeza Santa, Gulnare e Mustafá**, o **Solao de Gonçalo Hermiguez**. Nem uma vez **meura**, e **moira** trinta vezes. Não duvido de que tivesse havido exceção na regra por esse modo observada, se acaso aparecesse nas **Sextilhas** algum perfil de virago pertencente á raça dos prisioneiros trazidos a Portugal pelo vitorioso Afonso



Coelho Neto, cidade maranhense em suas atividades construtoras



O nosso distinto conterraneo José Mariano Corrêa de Araújo Filho, aspirante do glorioso exército nacional, servindo, atualmente, em S. Leopoldo, Rio Grande do Sul. O jovem e guapo oficial é filho do sr. José Araújo, abastado comerciante em Pedreiras, neste Estado

so V no seu regresso das terras africanas. Porém não ha notícia de um que seja em qualquer dos três aludidos poemas. Tudo comprova que predominava em Frei Antão, pulsando em estos grandes, o coração do poeta, invariavelmente inclinado a vestir a mulher de incomparáveis esplendores. Atente-se nestes versos referentes ás que faziam parte daquela teoria de prisioneiros:

Vêm as moiras depois deles,  
Rostos cobertos com véos;  
Bem que filhas d'Agarenos,  
São tambem filhas de Deos;  
Se forão christans ou freiras,  
Serião anjos dos céos.

E' como se apenas houvesse para o bom religioso a mulher da estirpe da abelha, segundo a sátira de Simonides de Amorgo; a mulher que Zeus generoso envolveu em graça divina para aformosar o planeta e fazer o homem feliz...

## De Paul Verlaine

Nenhuma outra poesia do genial Vagabundo que escreveu os "Poemes Saturniens" e "Sagesse" refletem tão bem o seu gênio e a sua arte como essa popularíssima "Chansou d'Automne", que aqui oferecemos aos nossos leitores, no original e numa tradução de Guilherme de Almeida.

### CHANSON D'ANTOMNE

Les sanglots longs  
Des violons  
De l'automne  
Blessent mon cœur  
D'une langueur  
Monotone.

Tout suffocant  
Et blème, quand  
Sonne l'heure,  
Je me souviens,  
Des jours anciens,  
Et je pleure.

Et je m'en vais  
Au vent mauvais  
Qui m'emporte  
Deçá, delá,  
Pareil à la  
Feuille Morte.

Tradução de GUILHERME ALMEIDA

Estes lamentos  
Dos violões lentos  
Do outono  
Enchem minha alma  
De uma onda calma  
De sono.

E soluçando,  
Pálido, quando  
Sôa a hora,  
Recordo todos  
Os dias doidos  
De outróra.

E vou a tôa  
No ar máo que vôa.  
Que importa?  
Vou pela vida,  
Fôlha caída  
E morta.



O nosso distinto conterraneo José Mariano Corrêa de Araújo Filho, aspirante do glorioso exército nacional, servindo, atualmente, em S. Leopoldo, Rio Grande do Sul. O jovem e guapo oficial é filho do sr. José Araújo, abastado comerciante em Pedreiras, neste Estado

so V no seu regresso das terras africanas. Porém não ha notícia de um que seja em qualquer dos três aludidos poemas. Tudo comprova que predominava em Frei Antão, pulsando em estos grandes, o coração do poeta, invariavelmente inclinado a vestir a mulher de incomparáveis esplendores. Atente-se nestes versos referentes ás que faziam parte daquela teoria de prisioneiros:

Vêm as moiras depois deles,  
Rostos cobertos com véos;  
Bem que filhas d'Agarenos,  
São tambem filhas de Deos;  
Se forão christans ou freiras,  
Serião anjos dos céos.

E' como se apenas houvesse para o bom religioso a mulher da estirpe da abelha, segundo a sátira de Simonides de Amorgo; a mulher que Zeus generoso envolveu em graça divina para aformosar o planeta e fazer o homem feliz...

## De Paul Verlaine

Nenhuma outra poesia do genial Vagabundo que escreveu os "Poemes Saturniens" e "Sagesse" refletem tão bem o seu gênio e a sua arte como essa popularíssima "Chansou d'Automne", que aqui oferecemos aos nossos leitores, no original e numa tradução de Guilherme de Almeida.

### CHANSON D'ANTOMNE

Les sanglots longs  
Des violons  
De l'automne  
Blessent mon cœur  
D'une langueur  
Monotone.

Tout suffocant  
Et blème, quand  
Sonne l'heure,  
Je me souviens,  
Des jours anciens,  
Et je pleure.

Et je m'en vais  
Au vent mauvais  
Qui m'emporte  
Deçà, delà,  
Pareil à la  
Feuille Morte.

Tradução de GUILHERME ALMEIDA

Estes lamentos  
Dos violões lentos  
Do outono  
Enchem minha alma  
De uma onda calma  
De sono.

E soluçando,  
Pálido, quando  
Sôa a hora,  
Recordo todos  
Os dias doidos  
De outróra.

E vou a tôa  
No ar máo que vôa.  
Que importa?  
Vou pela vida,  
Fôlha caída  
E morta.

# CUNEGUNDES

## CONEGO PALHANO DE JESUS

(Do livro "Cegueira Luminosa").

Em um logarejo do interior, vivia pacatamente o velho Cunegundes, que forjava e malhava o ferro sofivelmente, no humilde mas honroso ofício de ferreiro.

Sua próle era numerosa, donde lhe vinha grande prestígio nos tempos da finada política. Possuía dez filhos eletores que lhe obedeciam cegamente, votando em quem él determinasse. Para descarregar a votação de seu grupo familiar-político em favor do partido do governador, él só exigia para si uma cousa: o cargo de delegado de polícia.

Destituído de instrução, nem por isso deixava de se julgar um sábio, empregando palavras que achava bonitas, muito embora não lhes soubesse a significação.

\*\*\*

Era um dia de festas. Esperava-se no lugar um político de muita influência no Estado. As ruas ostentavam bandeiras de papel e ramos de patís. Foguetes pipocavam no espaço chamando a população. A orquestra entusiasmaticamente tentava executar uma marcha, que felizmente o autor não ouvia. Chegou o vapor. Saltou o político, risso cumprimentando as autoridades. Cunegundes, envergando um fraque de cós duvidosa, num gesto de saudação distendeu a dextra e ensaiou uma curvatura, murmurando solene:

—Sr. doutor, meus **círvice** cumprimentos!

Homem finamente espirituoso, o recen-chegado depois de preenchidas as formalidades da recepção, gracejou:

—Ora, meus amigos, gripei-me a bordo e com isto perdi o meu olfato. Que prejuízo...

O delegado, atencioso e diligente, chamou um soldado:

—Macaúba!

—Pronto!

—Vá procurar o **orfato** do sr. doutor. Se encontrar alguém com él, mête nas chaves!

\*\*\*

Por ocasião das audiências, él gostava de fazer preleções, mormente deante de matuto, quão o olhavam estupefátos.

—Os senhores sabem, na **prosopopéia** dos tem-

pos que passam, é **misterio** se conhecer as **multiplicidades unicas** das legislações **extemporaneas** (contemporaneas). Assim por exemplo: — O Direito é... é como a matemática: quando é, é mesmo!

Contemplando o efeito da **tirada**, satisfeito da vida, segredava ao vizinho:

—Não é por estar em minha presença, mas eu cá sou um homem inteligente!

\*\*\*

—Pronto!

Era o Macaúba que se apresentava.

—O que ha?

—Tá **aqui** esse **inquilino** que veiu dar queixa!

—Inquilino, não! Aprenda os termos da **piscologia**. Aqui se chama **constitutes**. Não ouviste o **devogado** falar no juri?

Com a cabeça quebrada, o rosto sujo de sangue o queixoso se aproximou:

—Vim dar queixa do Marmelão que quasi me matava de cacete. Veja como estou...

—Ora, vocês vivem brigando, Macaúba, vá buscar o Marmelão, morto ou vivo!

—Quem eu? — perguntou o guarda desconfiado.

—Qualquer um. Vá depressa!

Momentos depois entrava o criminoso. Cunegundes o apostrofou:

—Então, seu Marmelão, isso é cousa que se



Empresa Hidro Eletrica Itapecurú Ltda., vende-se a Usina e uma parte da queda d'água

# CUNEGUNDES

## CONEGO PALHANO DE JESUS

(Do livro "Cegueira Luminosa").

Em um logarejo do interior, vivia pacatamente o velho Cunegundes, que forjava e malhava o ferro sofivelmente, no humilde mas honroso ofício de ferreiro.

Sua próle era numerosa, donde lhe vinha grande prestígio nos tempos da finada política. Possuia dez filhos eletores que lhe obedeciam cegamente, votando em quem élê determinasse. Para descarregar a votação de seu grupo familiar-político em favor do partido do governador, élê só exigia para si uma causa: o cargo de delegado de polícia.

Destituído de instrução, nem por isso deixava de se julgar um sábio, empregando palavras que achava bonitas, muito embora não lhes soubesse a significação.

\*\*\*

Era um dia de festas. Esperava-se no lugar um político de muita influencia no Estado. As ruas ostentavam bandeiras de papel e ramos de patís. Foguetes pipocavam no espaço chamando a população. A orquestra entusiasmaticamente tentava executar uma marcha, que felizmente o autor não ouvia. Chegou o vapor. Saltou o político, risso cumprimentando as autoridades. Cunegundes, envergando um fraque de côn duvidosa, num gesto de saudação distendeu a dextra e ensaiou uma curvatura, murmurando solene:

—Sr. doutor, meus **círvice** cumprimentos!

Homem finamente espirituoso, o recen-chegado depois de preenchidas as formalidades da recepção, gracejou:

—Ora, meus amigos, gripei-me a bordo e com isto perdi o meu olfato. Que prejuízo...

O delegado, atencioso e diligente, chamou um soldado:

—Macaúba!

—Pronto!

—Vá procurar o **orfato** do sr. doutor. Se encontrar alguém com élê, mête nas chaves!

\*\*\*

Por ocasião das audiencias, élê gostava de fazer preleções, mormente deante de matuto, quô o olhavam estupefátos.

—Os senhores sabem, na **prosopopéia** dos tem-

pos que passam, é **misterio** se conhecer as **multiplicidades unicas** das legislações **extemporaneas** (contemporaneas). Assim por exemplo: — O Direito é... é como a matematica: quando é, é mesmo!

Contemplando o efeito da **tirada**, satisfeito da vida, segredava ao vizinho:

—Não é por estar em minha presença, mas eu cá sou um homem inteligente!

\*\*\*

—Pronto!

Era o Macaúba que se apresentava.

—O que ha?

—Tá **aqui** esse **inquilino** que veiu dar queixa!

—Inquilino, não! Aprenda os termos da **piscologia**. Aqui se chama **constitutes**. Não ouviste o **devogado** falar no juri?

Com a cabeça quebrada, o rosto sujo de sangue o queixoso se aproximou:

—Vim dar queixa do Marmelão que quasi me matava de cacete. Veja como estou...

—Ora, vocês vivem brigando, Macaúba, vá buscar o Marmelão, morto ou vivo!

—Quem eu? — perguntou o guarda desconfiado.

—Qualquer um. Vá depressa!

Momentos depois entrava o criminoso. Cunegundes o apostrofou:

—Então, seu Marmelão, isso é causa que se



Empresa Hidro Eletrica Itapecurú Ltda., vende-se a Usina e uma parte da queda d'água



Um aspecto da solenidade com que o governo do Estado bateu a pedra fundamental da Maternidade, que será construída á praça de S. Pantaleão. Vêm-se, no presente "cliché", o dr. Paulo Ramos, Interventor Federal, o sr. Arcebispo D. Carlos Carmelo, o desembargador Costa Fernandes, presidente do Tribunal, o dr. José Albuquerque Alencar, secretario geral e outras pessoas gradas.

faça com os ambos? O senhor querer suicidar o proximo com um cacete? ! Isso não se atura ! !

—Foi porque ele me insultou.

—Bem. É melhor viverem em paz. São dois pais de familia que iam-se acabando. E se se acabassem, então justariamos conta! Mas como o ferimento é superticial, por essa vez fica nulo. Podem ir.

Marmelão, no entanto, tinha levado consigo o cacete, porque não tivera tempo de o pôr fôra, devido á presteza com que fôra preso. Cunegundes assim que o notou enfureceu-se:

—Isso se atura? ! O senhor vir em minha presença com o cacete sujo de sangue do suplicante! !

Ato contínuo ordenou ao guarda:

—Macáuba, mête o homem nas chaves para aprender respeitar a turidade! ...

\*\*\*

Cunegundes possuia o inveterado hábito de, todos os dias, á hora certa ir á quitanda do comadre Malaquias tomar cem réis de vinho. A medida era um copo pequeno, de vidro grosso e chanfrado.

O quitandeiro já sabia: quando via entrar seu costumado freguês, enchia a medida da preciosa bebida, colocando-a sobre o balcão. Este por sua

vez, depositava a moeda e esvaziava o copo, retirando-se em seguida.

Em uma destas ocasiões, justamente quando comprador se dispunha a tomar o vinho, chegou um amigo seu, homem de importancia na sociedade local. Querendo demonstrar polidez, o vinôfis ofereceu risonho e cheio de salamaleques:

—É servido, meu nobre amigo?

Este, muito naturalmente, com a intenção de ser agradável, aceitou:

—Pois não; como muôto prazer.

Sem mais preambulos recebeu o copo de vinho servindo gostosamente o apetecível conteúdo.

Cunegundes ficou paralizado ante o resultado do oferecimento que fizera por méra cortesia, sua avareza não dava margens á generosidade.

O quitandeiro, com interesse de vender, adiviu presuroso:

—Outro copo, sr. Cunegundes. É ótimo nho!

Ele voltou-se solene, formalizado:

—Não! Agora, só amanhã!

Saindo mau humorado, cabeça erguida e sando fortemente no chão, sentenciou com a fase:

—O oferecer é dos homens! O aceitar é canalhas!



Um aspecto da solenidade com que o governo do Estado bateu a pedra fundamental da Maternidade, que será construída á praça de S. Pantaleão. Vêm-se, no presente "cliché", o dr. Paulo Ramos, Interventor Federal, o sr. Arcebispo D. Carlos Carmelo, o desembargador Costa Fernandes, presidente do Tribunal, o dr. José Albuquerque Alencar, secretario geral e outras pessoas gradas.

faca com os ambos? O senhor querer suicidar o proximo com um cacete? ! Isso não se atura ! !

—Foi porque ele me insultou.

—Bem. E' melhor viverem em paz. São dois pais de familia que iam-se acabando. E se se acabassem, então justariamos conta! Mas como o ferimento é superticial, por essa vez fica nulo. Podem ir.

Marmelão, no entanto, tinha levado consigo o cacete, porque não tivera tempo de o pôr fôra, devido á presteza com que fôra preso. Cunegundes assim que o notou enfureceu-se:

—Isso se atura? ! O senhor vir em minha presença com o cacete sujo de sangue do suplicante! !

Ato contínuo ordenou ao guarda:

—Macáuba, mête o homem nas chaves para aprender respeitar a turidade! ...

\*\*\*

Cunegundes possuia o inveterado hábito de, todos os dias, á hora certa ir á quitanda do comadre Malaquias tomar cem réis de vinho. A medida era um copo pequeno, de vidro grosso e chanfrado.

O quitandeiro já sabia: quando via entrar seu costumado freguês, enchia a medida da preciosa bebida, colocando-a sobre o balcão. Este por sua

vez, depositava a moeda e esvaziava o copo, retirando-se em seguida.

Em uma destas ocasiões, justamente quando comprador se dispunha a tomar o vinho, chegou um amigo seu, homem de importancia na sociedade local. Querendo demonstrar polidez, o vinôfis ofereceu risonho e cheio de salamaleques:

—E' servido, meu nobre amigo?

Este, muito naturalmente, com a intenção de ser agradável, accitou:

—Pois não; como muisto prazer.

Sem mais preambulos recebeu o copo de vinho servindo gostosamente o apetecivel conteúdo.

Cunegundes ficou paralizado ante o resultado do oferecimento que fizera por méra cortesia, sua avareza não dava margens á generosidade.

O quitandeiro, com interesse de vender, acidiu presuroso:

—Outro copo, sr. Cunegundes. E' ótimo nho!

Ele voltou-se solene, formalizado:

—Não! Agora, só amanhã!

Saindo mau humorado, cabeça erguido e sando fortemente no chão, sentençou com a fase:

—O oferecer é dos homens! O aceitar é canalhas!

# PORQUE EU TE AMO!..

NENÉ MACAGGI

Escuta, meu Amor !

Vem comigo aqui, debaixo da nuvem de renda deste guaperuvú. Embriaga-te nesse perfume preguiçoso e sutil que flutua pelo ar e deixa que tua carne adormeça !

Acorda sómente a tua alma, escancara-lhe os olhos anciãos e aflitos e ouve as minhas palavras ardentes e sinceras.

Quero dizer-te o que tantas véses tenho repetido — a razão porque te amo !

E' uma cousa tão delicada e ao mesmo tempo tão profunda, que lá dentro eu não teria coragem para dizê-la. Lá dentro há rumor de vozes, há hipocrisia e mentira. Aqui existe sómente verdade, a verdade da beléza incorpórea do que estamos sentindo, a verdade da beléza física da Vida e o silêncio emocional das cousas que nos rodeiam !

Porque te amo... Amo-te por tudo, porque és Tú !

Amo-te pelos teus olhos molhados e brilhantes, de reflexos duplos, verdes como as fôlhas desta árvore, que me devassam o pensamento !

Amo-te pela tua bôca inquiéta, sempre pronta a me deslumbrar e atordar com as frases lindas e cintilantes que me diz !

Amo-te pelos teus braços nervosos e fortes, que abrigam num braço quente e carinhoso o meu corpo esguio e fragil de mulher !

Amo-te pelas tuas mãos que, em afagos enlanguescentes, assenhoreiam-se das minhas idéias e impulsionam a minha alma cheia de tédio e de amargura para a volúpia da resurreição !

Amo-te pelo teu coração simples e generoso, que veio convulsionar a minha existencia humilde e pacata, afogada até então na nevrose do desalento sempre redivivo !

E amo-te ainda mais pela tua alma, porque ela me deu uma outra vida carnal e espiritual que eu desconhecia e deslisa pelos meus sentidos exaltados, fazendo-me cantar e rir, chorar e gritar de contentamento !

A tua essencia embriagadora me penetrou no sangue e nos nervos, grandiosa e sublime, dominando-se e perturbando-me por habitar o meu corpo quasi sem vida, alentando-o, balançando-o dôcemente como faz a mãe com o filho pequenino !

E te digo, soluçando de alegria ! Não te afas-

tarás mais de mim ! Porque, como eu te amo assim tão profundamente, com esta paixão tão majestosa e tão bela, tão cheia de receios e de torturas, de humilhações e de anseios, sinto que tu, a quem idolatro mais do que a tudo neste mundo, tu, que és o meu orgulho e a minha felicidade, estás para sempre unido a mim !

Para além da Vida e para além da Morte, nossas almas, que se amam desta maneira impossível e irremediável, cheias de vibração e de luz, ligar-se-ão por uma corrente invisível, mais poderosa do que todas as correntes materiais, porque é feita do amor intenso e extraordinário que te consagro, deste amor glorioso e imortal ! ! ...

E por isso que eu te amo !

Louca, vitoriosa, cruel e desesperadamente ! ! ...



A gentil senhorita Maria Celeste Pinto, orgulho do lar Emídio Pinto — Adalgisa R. Pinto, residentes em Pedreiras, que acaba de concluir, com brilhantismo, o curso de humanidades no Colegio

Santa Tereza

# PORQUE EU TE AMO!...

NENÉ MACAGGI

Escuta, meu Amor !

Vem comigo aqui, debaixo da nuvem de renda deste guaperuvú. Embriaga-te nesse perfume preguiçoso e sutil que flutua pelo ar e deixa que tua carne adormeça !

Acorda sómente a tua alma, escancara-lhe os olhos anciãos e aflitos e ouve as minhas palavras ardentes e sinceras.

Quero dizer-te o que tantas véses tenho repetido — a razão porque te amo !

E' uma cousa tão delicada e ao mesmo tempo tão profunda, que lá dentro eu não teria coragem para dizê-la. Lá dentro há rumor de vozes, há hipocrisia e mentira. Aqui existe sómente verdade, a verdade da belesa incorpórea do que estamos sentindo, a verdade da belesa física da Vida e o silêncio emocional das cousas que nos rodeiam !

Porque te amo... Amo-te por tudo, porque és Tú !

Amo-te pelos teus olhos molhados e brilhantes, de reflexos duplos, verdes como as fôlhas desta árvore, que me devassam o pensamento !

Amo-te pela tua bôca inquiéta, sempre pronta a me deslumbrar e atordar com as frases lindas e cintilantes que me diz !

Amo-te pelos teus braços nervosos e fortes, que abrigam num braço quente e carinhoso o meu corpo esguio e fragil de mulher !

Amo-te pelas tuas mãos que, em afagos enlanguescentes, assenhoreiam-se das minhas idéias e impulsionam a minha alma cheia de tédio e de amargura para a volúpia da resurreição !

Amo-te pelo teu coração simples e generoso, que veio convulsionar a minha existencia humilde e pacata, afogada até então na nevrose do desalento sempre redivivo !

E amo-te ainda mais pela tua alma, porque ela me deu uma outra vida carnal e espiritual que eu desconhecia e deslisa pelos meus sentidos exaltados, fazendo-me cantar e rir, chorar e gritar de contentamento !

A tua essencia embriagadora me penetrou no sangue e nos nervos, grandiosa e sublime, dominando-se e perturbando-me por habitar o meu corpo quasi sem vida, alentando-o, balançando-o dôcemente como faz a mãe com o filho pequenino !

E te digo, soluçando de alegria ! Não te afas-

tarás mais de mim ! Porque, como eu te amo assim tão profundamente, com esta paixão tão majestosa e tão bela, tão cheia de receios e de torturas, de humilhações e de anseios, sinto que tu, a quem idolatro mais do que a tudo neste mundo, tu, que és o meu orgulho e a minha felicidade, estás para sempre unido a mim !

Para além da Vida e para além da Morte, nossas almas, que se amam desta maneira impossível e irremediável, cheias de vibração e de luz, ligar-se-ão por uma corrente invisível, mais poderosa do que todas as correntes materiais, porque é feita do amor intenso e extraordinário que te consagro, deste amor glorioso e imortal ! ! ...

E por isso que eu te amo !

Louca, vitoriosa, crûel e desesperadamente ! ! ...



A gentil senhorita Maria Celeste Pinto, orgulho do lar Emídio Pinto — Adalgisa R. Pinto, residentes em Pedreiras, que acaba de concluir, com brilhantismo, o curso de humanidades no Colegio

Santa Tereza

# A colaboração de

## Hollywood

De há muito que, encarregados de divulgar o Brasil nos Estados Unidos, vimos fazendo sentir a necessidade dos produtores cinematográficos norte-americanos colaborarem também, ao lado das demais indústrias, no Política de Boa Visinhança. Além de oferecermos a Hollywood nossos préstimos, nossos arquivos de consulta e os nossos conhecimentos de naturais do país, temos tido ocasião de apontar, em nossas publicações, o descaso absoluto com que Hollywood sempre representa os países e os povos latino-americanos — principalmente o Brasil e os brasileiros. Sem repisar, em detalhes, a indiferença com que "fábricam" as traduções de legendas dos filmes que para nós exportam, achamos oportuno mencionar o que se tem passado nestes últimos meses com as fitas feitas para "estreitar" as relações pan-americanas:

Agravada a situação em todo o mundo, as autoridades norte-americanas sugeriram aos produtores de Hollywood a conveniência de explorarem assuntos da América Latina, divulgando assim essa parte do Novo Mundo, indicando às indústrias dos Estados Unidos as possibilidades de novos mercados consumidores, tornando mais conhecidas as matérias primas e as riquezas naturais do resto do continente — promovendo uma aproximação de interesses comerciais e culturais. Voltaram os produtores aos seus "studios" e, semanas depois, davam às platéias americanas seus primeiros rebentos: Uma companhia apresentou "Rio", filme que colocava a Ilha do Diabo em distância suburbana do Rio de Janeiro. Uma das principais empresas, estabelecida no Brasil até com cinemas próprios, aproveitou um trecho de história para apresentar uma cena sul-americana, em que o herói norte-americano subornava um general do país incógnito. A seguir, outra empresa lançou uma comédia em que um parasita social, sustentado por uma dama americana, se dizia brasileiro... Dias depois, uma comédia do trio Ritz Brothers, apresentava a Guanabara como sendo o porto de Buenos Aires. Mais algumas semanas, e lançaram o primeiro filme de Carmen Miranda, "Down Argentine Way", em que se notava a preocupação de ridicularizar o povo e os hábitos da grande nação portenha.

A essa altura, começaram a cruzar-se cabogramas entre as capitais da América Latina e os departamentos de exportação dos produtores de Hollywood. Protestos, observações, ameaças começaram a cruzar as Américas, pelo ar e pelos cabos submarinos. O filme de Carmen Miranda não podia ser exibido em Buenos-Aires; o próprio representante da empresa produtora recusava-se a lança-lo, com receio de consequências graves.

Hollywood imediatamente abriu o Atlas, conferiu os países de onde aífora não poucos milhões de dólares anualmente, e resolveu alterar o que já havia exibido ao público americano mas que ainda poderia render muito no mercado de exportação. Cortes, alterações, substituições de cenas e legendas — e o nosso público não se deu por achado, ao aplaudir as versões especiais.

Foi nesse ambiente que Hollywood começou a filmagem da história de Simón Bolívar, recentemente. Foi nesse processo de aprendizagem que



Celia Silva, distinta e aplicada aluna do Ginásio de Penédo, no Estado de Alagoas. É maranhense e filha do nosso conterraneo sr. Juvenal Bastos da Silva, agente fiscal do Imposto de Consumo, atualmente, servindo naquela Estado

# A colaboração de

## Hollywood

De há muito que, encarregados de divulgar o Brasil nos Estados Unidos, vimos fazendo sentir a necessidade dos produtores cinematográficos norte-americanos colaborarem também, ao lado das demais indústrias, no Política de Boa Visinhança. Além de oferecermos a Hollywood nossos préstimos, nossos arquivos de consulta e os nossos conhecimentos de naturais do país, temos tido ocasião de apontar, em nossas publicações, o descaso absoluto com que Hollywood sempre representa os países e os povos latino-americanos — principalmente o Brasil e os brasileiros. Sem repisar, em detalhes, a indiferença com que "fábricam" as traduções de legendas dos filmes que para nós exportam, achamos oportuno mencionar o que se tem passado nestes últimos meses com as fitas feitas para "estreitar" as relações pan-americanas:

Agravada a situação em todo o mundo, as autoridades norte-americanas sugeriram aos produtores de Hollywood a conveniência de explorarem assuntos da América Latina, divulgando assim essa parte do Novo Mundo, indicando às indústrias dos Estados Unidos as possibilidades de novos mercados consumidores, tornando mais conhecidas as matérias primas e as riquezas naturais do resto do continente — promovendo uma aproximação de interesses comerciais e culturais. Voltaram os produtores aos seus "studios" e, semanas depois, davam às platéias americanas seus primeiros rebentos: Uma companhia apresentou "Rio", filme que colocava a Ilha do Diabo em distância suburbana do Rio de Janeiro. Uma das principais empresas, estabelecida no Brasil até com cinemas próprios, aproveitou um trecho de história para apresentar uma cena sul-americana, em que o herói norte-americano subornava um general do país incógnito. A seguir, outra empresa lançou uma comédia em que um parasita social, sustentado por uma dama americana, se dizia brasileiro... Dias depois, uma comédia do trio Ritz Brothers, apresentava a Guanabara como sendo o porto de Buenos Aires. Mais algumas semanas, e lançaram o primeiro filme de Carmen Miranda, "Down Argentine Way", em que se notava a preocupação de ridicularizar o povo e os hábitos da grande nação portenha.

A essa altura, começaram a cruzar-se cabogramas entre as capitais da América Latina e os departamentos de exportação dos produtores de Hollywood. Protestos, observações, ameaças começaram a cruzar as Américas, pelo ar e pelos cabos submarinos. O filme de Carmen Miranda não podia ser exibido em Buenos-Aires; o próprio representante da empresa produtora recusava-se a lança-lo, com receio de consequências graves.

Hollywood imediatamente abriu o Atlas, conferiu os países de onde aífora não poucos milhões de dólares anualmente, e resolveu alterar o que já havia exibido ao público americano mas que ainda poderia render muito no mercado de exportação. Cortes, alterações, substituições de cenas e legendas — e o nosso público não se deu por achado, ao aplaudir as versões especiais.

Foi nesse ambiente que Hollywood começou a filmagem da história de Simón Bolívar, recentemente. Foi nesse processo de aprendizagem que



Celia Silva, distinta e aplicada aluna do Ginásio de Penédo, no Estado de Alagoas. É maranhense e filha do nosso conterraneo sr. Juvenal Bastos da Silva, agente fiscal do Imposto de Consumo, atualmente, servindo naquela Estado.



A inauguração do novo Quartel do 24 B/C foi, na Semana Getulio Vargas, a solenidade máxima. No presente "cliché" vemos o dr. Paulo Ramos, Interventor, o general Meira de Vasconcelos, representante do sr. Ministro da Guerra, o sr. gal. Edgard Facó, comandante da 8.<sup>a</sup> Região Militar, o cel. Raul Miranda Leal, representante dos srs. generaes Rabelo e Lobato, e oficialidade do 24 B/C

se terminou o segundo filme de Carmen Miranda — "That Night in Rio". Era natural a expectativa de pessimismo, da nossa parte e da parte dos próprios representantes das empresas nos países da América Latina. Alguns têm vindo de avião, para consultas e revisões; outros continuam a enviar aos produtores as mais rigorosas recomendações. Por fim, lançou-se "That Night in Rio", na semana passada. Devemos confessar a nossa agradável surpresa, pois Hollywood apresenta, pela primeira vez, um filme que em nada nos pode melindrar. Evidentemente, as ponderações das autoridades interessadas e a insistência dos agentes cinematográficos na América Latina forçaram Hollywood a abandonar seus "símbolos" latino-americanos, de **sombreros** e aldeias sórdidas, para revelar ao público um quadro mais aproximado da realidade. Além de apresentar um ambiente brasileiro razoavelmente estilizado e bastante lisonjeiro, Hollywood fez questão de atender, neste filme, aos mínimos detalhes de idioma, de

moeda do país, de música típica e de nomes próprios.

Ao mesmo tempo, um outro filme acaba de ser lançado na Broadway com uma mensagem oportunamente para o público dos Estados Unidos: Em várias cenas informa à platéa, no decorrer dos diálogos, que "o idioma português é muito útil, pois é a única língua que se fala em Portugal e no Brasil".

Que Hollywood resolveu remir-se, parece não haver dúvida. Há três semanas que os jornais cinematográficos apresentam cenas do Rio de Janeiro — reportagens do Carnaval, aspetos de um concurso de belésa, pintores e desenhistas copiando as maravilhas da Guanabara, etc. Se alguns dos aspetos de rua não nos convêm como propaganda construtiva, por outro lado os repetidos elogios às belésas naturais contribuem para fomentar uma curiosidade ainda maior em torno do nosso Gigante Desconhecido.

Oxalá que estejamos assistindo ao início



A inauguração do novo Quartel do 24 B/C foi, na Semana Getulio Vargas, a solenidade máxima. No presente "cliché" vemos o dr. Paulo Ramos, Interventor, o general Meira de Vasconcelos, representante do sr. Ministro da Guerra, o sr. gal. Edgard Facó, comandante da 8.<sup>a</sup> Região Militar, o cel. Raul Miranda Leal, representante dos srs. generaes Rabelo e Lobato, e oficialidade do 24 B/C

se terminou o segundo filme de Carmen Miranda — "That Night in Rio". Era natural a expectativa de pessimismo, da nossa parte e da parte dos próprios representantes das empresas nos países da América Latina. Alguns têm vindo de avião, para consultas e revisões; outros continuam a enviar aos produtores as mais rigorosas recomendações. Por fim, lançou-se "That Night in Rio", na semana passada. Devemos confessar a nossa agradável surpresa, pois Hollywood apresenta, pela primeira vez, um filme que em nada nos pode melindrar. Evidentemente, as ponderações das autoridades interessadas e a insistência dos agentes cinematográficos na América Latina forçaram Hollywood a abandonar seus "símbolos" latino-americanos, de **sombreros** e aldeias sórdidas, para revelar ao público um quadro mais aproximado da realidade. Além de apresentar um ambiente brasileiro razoavelmente estilizado e bastante lisonjeiro, Hollywood fez questão de atender, neste filme, aos mínimos detalhes de idioma, de

moeda do país, de música típica e de nomes próprios.

Ao mesmo tempo, um outro filme acaba de ser lançado na Broadway com uma mensagem oportunista para o público dos Estados Unidos: Em várias cenas informa à platéa, no decorrer dos diálogos, que "o idioma português é muito útil, pois é a única língua que se fala em Portugal e no Brasil".

Que Hollywood resolveu remir-se, parece não haver dúvida. Há três semanas que os jornais cinematográficos apresentam cenas do Rio de Janeiro — reportagens do Carnaval, aspetos de um concurso de belésa, pintores e desenhistas copiando as maravilhas da Guanabara, etc. Si alguns dos aspetos de rua não nos convêm como propaganda construtiva, por outro lado os repetidos elogios às belésas naturais contribuem para fomentar uma curiosidade ainda maior em torno do nosso Gigante Desconhecido.

Oxalá que estejamos assistindo ao início

# DEZENOVE DE ABRIL

Em homenagem a S. Excia. o Sr. Dr. Getulio Vargas, pela passagem de seu aniversário natalicio.

Saudo, nesta data, o grande Brasileiro, O Chefe da Nação e amigo de seu povo, O Herói que se mostrou sereno e sobranceiro, Da Pátria salvador, fundando o Estado Novo !

uma nova política da parte dos produtores de Hollywood. O cinema é um veículo poderosíssimo de educação visual. Como tal, poderá colaborar como nenhum outro na grande campanha de emergencia em que se baséiam os esquemas vários de pan-americanismo neste momento. Realmente, seria de se estranhar que entre todas as instituições, entidades e indústrias dos Estados Unidos, só a poderosa Hollywood se conservasse alheia aos bons intuítos da Política de Boa Vizinhança. E seria de se lamentar que assim fôsse retribuido o interesse com que a grande maioria do público brasileiro acompanha os feitos dessa indústria, os pro-

No palôr de um sonêto, a minha pena moyo  
Para felicitar, sincero e alviçareiro,  
O nosso Presidente, e com justiça o louvo  
Por ser de estóica Náu tão habil timoneiro !

Da Náu de Santa Cruz, Arca de refulgênciâ,  
Que veleja feliz por sobre um mar de rosas,  
A' luz desse Farol de sua presidencia...

Que lhe conceda Deus paz e venturas mil,  
—O merecido premio ás obras valorosas  
Que vem pondo em relevo as glórias do Brasil !

ALARICO DA CUNHA

Da Academia Piauiense de Letras

Parnaíba, 19-4-1941.

jétos de seus produtores e os aspétos mais frívolos dos seus protagonistas.



O Tenente-coronel José Faustino quando discursava ao entregar ao sr. Ministro da Guerra as chaves simbólicas do novo Quartel do 24 B/C

# DEZENOVE DE ABRIL

Em homenagem a S. Excia. o Sr. Dr. Getulio Vargas, pela passagem de seu aniversário natalicio.

Saudo, nesta data, o grande Brasileiro, O Chefe da Nação e amigo de seu povo, O Herói que se mostrou sereno e sobranceiro, Da Pátria salvador, fundando o Estado Novo !

uma nova política da parte dos produtores de Hollywood. O cinema é um veículo poderosíssimo de educação visual. Como tal, poderá colaborar como nenhum outro na grande campanha de emergência em que se basêiam os esquemas vários de pan-americanismo neste momento. Realmente, seria de se estranhar que entre todas as instituições, entidades e indústrias dos Estados Unidos, só a poderosa Hollywood se conservasse alheia aos bons intuïtos da Política de Boa Vizinhança. E seria de se lamentar que assim fôsse retribuido o interesse com que a grande maioria do público brasileiro acompanha os feitos dessa indústria, os pro-

No palôr de um sonêto, a minha pena moyo  
Para felicitar, sincero e alviçareiro,  
O nosso Presidente, e com justiça o louvo  
Por ser de estóica Náu tão habil timoneiro !

Da Náu de Santa Cruz, Arca de resplandência,  
Que veleja feliz por sobre um mar de rosas,  
A' luz desse Farol de sua presidencia...

Que lhe conceda Deus paz e venturas mil,  
—O merecido premio ás obras valorosas  
Que vem pondo em relevo as glórias do Brasil !

ALARICO DA CUNHA

Da Academia Piauiense de Letras

Parnaíba, 19-4-1941.

jétos de seus produtores e os aspétos mais frívolos dos seus protagonistas.



O Tenente-coronel José Faustino quando discursava ao entregar ao sr. Ministro da Guerra as chaves simbólicas do novo Quartel do 24 B/C

# DA DÍVIDA PÚBLICA INTERNA: ATIVA E PASSIVA

## PRESCRIÇÃO LEGAL

J. M. MOTA ARAUJO

Entende-se por **Dívida Pública Interna** a responsabilidade pecuniária assumida pelo Estado dentro de seu território.

A dívida pública compreende duas categorias: — **Externa e Interna.**

A dívida pública interna divide-se em **Ativa e Passiva**, das quais trataremos neste capítulo.

**Dívida Pública Interna Ativa** é a devida ao Estado pelas entidades públicas ou privadas.

Sob o ponto de vista contabil-administrativo, dívida ativa é toda aquela que, não satisfeita no exercício financeiro corrente, passa para o exercício seguinte.

Assim, toda conta não paga ao Estado dentro do ano financeiro, andante e transportada a seu crédito para o ano seguinte, denomina-se dívida ativa.

Não obstante, há dívidas que, só depois de inscritas na repartição competente, pela Procuradoria Fiscal, é que passam à categoria de ativas, como, por exemplo, as multas fiscais.

Ao Estado cumpre promover a cobrança das suas dívidas ativas. Daí assistír-lhe, como credor, o direito de receber a dívida ativa representada por um crédito a liquidar de passado exercício fi-

nanceiro, ou de multa fiscal devidamente inscrita, de qualquer exercício.

A cobrança da dívida ativa não pode ser efetuada em qualquer tempo, do mesmo modo que a dívida passiva não pode ser satisfeita em qualquer época. Ambas estão sujeitas ao instituto de prescrição.

As dívidas ativas prescrevem em 30 anos e sua prescrição começa da data em que as ações poderiam ter sido propostas (Art. 177 do Cod. Civil) ou, então, ido último dia do prazo para o pagamento do crédito respectivo.

A prescrição, porém, quer da dívida ativa quer da dívida passiva, poderá ser interrompida por qualquer dos meios em direitos permitidos, como a citação inicial, de cuja data começará a correr novamente a prescrição.

Nos Estados, é da competência exclusiva das Delegacias Fiscais do Tesouro Nacional o serviço federal de inscrição da dívida ativa, que se fará sob a direção e responsabilidade dos respectivos procuradores fiscais, a quem compete apurar, à vista dos processos, a liquidez e certeza dessas dívidas.

A Procuradoria Regional da República cum-



Cururupú. O Carnaval nesta cidade maranhense foi bem animado. Vemos, aqui, o festejo "Bloco Bamba"

# DA DÍVIDA PÚBLICA INTERNA: ATIVA E PASSIVA

## PRESCRIÇÃO LEGAL

J. M. MOTA ARAUJO

Entende-se por **Dívida Pública Interna** a responsabilidade pecuniária assumida pelo Estado dentro de seu território.

A dívida pública compreende duas categorias: — **Externa e Interna.**

A dívida pública interna divide-se em **Ativa e Passiva**, das quais trataremos neste capítulo.

**Dívida Pública Interna Ativa** é a devida ao Estado pelas entidades públicas ou privadas.

Sob o ponto de vista contabil-administrativo, dívida ativa é toda aquela que, não satisfeita no exercício financeiro corrente, passa para o exercício seguinte.

Assim, toda conta não paga ao Estado dentro do ano financeiro, andante e transportada a seu crédito para o ano seguinte, denomina-se dívida ativa.

Não obstante, há dívidas que, só depois de inscritas na repartição competente, pela Procuradoria Fiscal, é que passam à categoria de ativas, como, por exemplo, as multas fiscais.

Ao Estado cumpre promover a cobrança das suas dívidas ativas. Daí assistír-lhe, como credor, o direito de receber a dívida ativa representada por um crédito a liquidar de passado exercício fi-

nanceiro, ou de multa fiscal devidamente inscrita, de qualquer exercício.

A cobrança da dívida ativa não pode ser efetuada em qualquer tempo, do mesmo modo que a dívida passiva não pode ser satisfeita em qualquer época. Ambas estão sujeitas ao instituto de prescrição.

As dívidas ativas prescrevem em 30 anos e sua prescrição começa da data em que as ações poderiam ter sido propostas (Art. 177 do Cod. Civil) ou, então, ido último dia do prazo para o pagamento do crédito respectivo.

A prescrição, porém, quer da dívida ativa quer da dívida passiva, poderá ser interrompida por qualquer dos meios em direitos permitidos, como a citação inicial, de cuja data começará a correr novamente a prescrição.

Nos Estados, é da competência exclusiva das Delegacias Fiscais do Tesouro Nacional o serviço federal de inscrição da dívida ativa, que se fará sob a direção e responsabilidade dos respectivos procuradores fiscais, a quem compete apurar, à vista dos processos, a liquidez e certeza dessas dívidas.

A Procuradoria Regional da República cum-



Cururupú. O Carnaval nesta cidade maranhense foi bem animado. Vemos, aqui, o festejo "Bloco Bamba"

# Soneto

## A' minha Mãe

Privado do carinho confortante  
de minha santa Mãe, eu sinto n alma  
uma tristeza imensa, dominante,  
a torturar-me a vida incerta e incalma...

\*\*\*

Como hei-de os passos firmes ter, si o guante  
desta tristura enorme, que se espalma  
sobre a existencia minha, a torna errante,  
sem norte, sem destino, ao leo, sem calma? ..

\*\*\*

Minha Mãe! Minha Mãe! Quanta saudade  
daquele tempo, eu sinto, em que, ao teu lado,  
tive paz, ilusões, felicidade! ...

\*\*\*

Quanto desejo eu tenho, Mãe querida,  
de, ao teu seio, volver — Templo sagrado  
de virtudes, de amor, feliz guarida! ...

Recife, agosto de 1933.

ALCIMIRO SAINT CLAIR

pre promover sua cobrança judicial, isto depois de  
estar de posse das certidões de dívida que lhes  
são enviadas pelos procuradores fiscais.

Na Capital da República o serviço de inscrição está afeto à Procuradoria Geral da Fazenda Pública.

Não é admissível o encontro de contas á liquidação das dívidas ativa e passiva da União, cujos processos obedecem a prescrições especiais atinentes a cada uma. Desse modo, a autoridade não pode deixar de providenciar quanto á restituição devida, sob o fundamento de ser devedora á Fazenda a firma credora. (Acs. ns. 1.304 e 1.693, do Conselho de Contribuintes, in "Diario Oficial" de 18 e 23 de fevereiro de 1933).

A cobrança da dívida ativa da Fazenda pública em todo o território nacional é regida, hoje em dia, pelo Decreto-Lei n. 960, de 17-12-1938, combinado com o Decreto n. 24.036, de 26-3-1934.

A dívida pública interna ativa, que pode também ser cobrada amigavelmente, constitui uma grande parte do patrimônio do Estado; abrange os títulos imobiliários, ações, debêntures, letras, obrigações bancárias, impostos não pagos dentro do exercício do lançamento, etc.

\*\*\*

Dívida Pública Interna Passiva é aquela que

o Estado é obrigado a pagar dentro de sua circunscrição territorial.

Essas dívidas prescrevem em cinco anos, correndo a prescrição da data do áto ou fato do qual se originar a ação — (Art. 178, § 10, n. 6, do Cod. Civil Bras.)

A prescrição quinquenal está regulada pelo Decreto n. 20.910, de 6-1-1932.

A prescrição só poderá ser interrompida uma vez. (Dec. cit., art. 8º).

A dívida pública interna passiva compreende os depósitos de diversas origens, as subvenções, os montepíos, as aposentadorias, as reformas, consignações, restos a pagar e outras.

Ha dívidas públicas internas passivas que não seguem a regra geral da prescrição quinquenal; o prazo de sua prescrição consta de leis especiais, como, por exemplo, os depósitos das Caixas Económicas, que prescrevem em 30 anos, si a conta não for movimentada ou os objetos reclamados dentro do trintenio, contado a partir do último depósito (Dec. 24.427, de 14-6-1934 — art. 72, combinado com o art. 1º da Lei n. 370, de 4-1-1937).

Ha outras dívidas internas passivas, como os títulos da dívida pública e juros respectivos, que são imprescritíveis. (Regto. do Cod. de Cont. Pub. baixado com o Dec. 15.783, de 8-11-1922 art. 412).

## SAFRA DE XARÉU

Enquanto o sol descamba, avermelhando o cás,  
fervilha, em torno ás mésas tóscas das peixarias,  
onde há mósca zumbindo e pixe de suieiras,  
a turba regateira, atrevida e loquaz.

As canoas vêm vindo. Em seu tôlido de esteiras,  
fulgem, da pesca opíma, os dôrsos descomunais.  
Já, do bûsio assoprado, as notas convencionais  
propalaram, á distancia, ondas alviçareiras.

Foi safra de xaréu, sabe-o toda cidade.  
Em pouco, a prata fulva e viscosa dos peixes  
anda, de rua em rua, encambulhada, aos feixes...

Era assim no meu tempo. Hoje, não! A Saudade,  
entretanto, caduca, estranha as noites frias  
e vive desenhando aquarélas sombrias.

EYDER PESTANA

Porto Alegre, fevereiro de 1941

# Soneto

## A' minha Mãe

Privado do carinho confortante  
de minha santa Mãe, eu sinto n alma  
uma tristeza imensa, dominante,  
a torturar-me a vida incerta e incalma...

\*\*\*

Como hei-de os passos firmes ter, si o guante  
desta tristura enorme, que se espalma  
sobre a existencia minha, a torna errante,  
sem norte, sem destino, ao leo, sem calma? ...

\*\*\*

Minha Mãe! Minha Mãe! Quanta saudade  
daquele tempo, eu sinto, em que, ao teu lado,  
tive paz, ilusões, felicidade! ...

\*\*\*

Quanto desejo eu tenho, Mãe querida,  
de, ao teu seio, volver — Templo sagrado  
de virtudes, de amor, feliz guarida! ...

Recife, agosto de 1933.

ALCIMIRO SAINT CLAIR

pre promover sua cobrança judicial, isto depois de  
estar de posse das certidões de dívida que lhes  
são enviadas pelos procuradores fiscais.

Na Capital da República o serviço de inscrição está afeto à Procuradoria Geral da Fazenda Pública.

Não é admissível o encontro de contas á liquidação das dívidas ativa e passiva da União, cujos processos obedecem a prescrições especiais atinentes a cada uma. Desse modo, a autoridade não pode deixar de providenciar quanto á restituição devida, sob o fundamento de ser devedora á Fazenda a firma credora. (Acs. ns. 1.304 e 1.693, do Conselho de Contribuintes, in "Diario Oficial" de 18 e 23 de fevereiro de 1933).

A cobrança da dívida ativa da Fazenda pública em todo o território nacional é regida, hoje em dia, pelo Decreto-Lei n. 960, de 17-12-1938, combinado com o Decreto n. 24.036, de 26-3-1934.

A dívida pública interna ativa, que pode também ser cobrada amigavelmente, constitui uma grande parte do patrimônio do Estado; abrange os títulos imobiliários, ações, debêntures, letras, obrigações bancárias, impostos não pagos dentro do exercício do lançamento, etc.

\*\*\*

Dívida Pública Interna Passiva é aquela que

o Estado é obrigado a pagar dentro de sua circunscrição territorial.

Essas dívidas prescrevem em cinco anos, correndo a prescrição da data do áto ou fato do qual se originar a ação — (Art. 178, § 10, n. 6, do Cod. Civil Bras.)

A prescrição quinquenal está regulada pelo Decreto n. 20.910, de 6-1-1932.

A prescrição só poderá ser interrompida uma vez. (Dec. cit., art. 8.º).

A dívida pública interna passiva compreende os depósitos de diversas origens, as subvenções, os montepíos, as aposentadorias, as reformas, consignações, restos a pagar e outras.

Ha dívidas públicas internas passivas que não seguem a regra geral da prescrição quinquenal; o prazo de sua prescrição consta de leis especiais, como, por exemplo, os depósitos das Caixas Económicas, que prescrevem em 30 anos, si a conta não for movimentada ou os objetos reclamados dentro do trintenio, contado a partir do último depósito (Dec. 24.427, de 14-6-1934 — art. 72, combinado com o art. 1.º da Lei n. 370, de 4-1-1937).

Ha outras dívidas internas passivas, como os títulos da dívida pública e juros respectivos, que são imprescritíveis. (Regto. do Cod. de Cont. Pub. baixado com o Dec. 15.783, de 8-11-1922 art. 412).

## SAFRA DE XARÉU

Enquanto o sol descamba, avermelhando o cás,  
fervilha, em torno ás mésas tóscas das peixarias,  
onde há mósca zumbindo e pixe de suieiras,  
a turba regateira, atrevida e loquaz.

As canoas vêm vindo. Em seu tôlido de esteiras,  
fulgem, da pesca opíma, os dôrsos descomunais.  
Já, do bûsio assoprado, as notas convencionais  
propalaram, á distancia, ondas alviçareiras.

Foi safra de xaréu, sabe-o toda cidade.  
Em pouco, a prata fulva e viscosa dos peixes  
anda, de rua em rua, encambulhada, aos feixes...

Era assim no meu tempo. Hoje, não! A Saudade,  
entretanto, caduca, estranha as noites frias  
e vive desenhando aquarélas sombrias.

EYDER PESTANA

Porto Alegre, fevereiro de 1941

# CANTO

Moços de gerações passadas, esquecidas,  
Sinto vossa presença na ronda das horas.  
Sinto que em meu sonho estão os vossos sonhos,  
e os vossos ideais se transfundem do meu,  
e eu tenho o mesmo amor e também o mesmo ódio  
que vibraram em vós, como uma voz eterna...

Moços de gerações recuadas, longínquas  
vós não morrestes, não, ainda viveis, bem fortes,  
e eu vos sinto crescer no espaço do sonho.  
Ouço-vos marchar nas noites bem profundas,  
ó noites sem luar, como guardaes em vós,  
as voses de protestos, os chôros dolorosos,  
e os gestos horrorosos de ameaça,  
noites intermináveis, como sois povoadas  
de tanta inquietação que vem de outras idades.

Moços de gerações que ficaram no tempo,  
estúo o vosso sangue em meu sér tormentado,  
pressinto que em meus gestos outras éras revivo,  
emergem os recalcados gestos, que tivestes.  
Vosso canto, eu o ouço, eu o sinto em meu peito,  
existe no meu canto, vibra na minha fala,  
como um canto de oceano misterioso e estranho.  
Desdobram-se aos meus olhos horizontes imensos,  
e eu vos vejo, todos, nos horizontes perdidos,  
como uma multidão, num brulha brum tremendo  
a encher, como ondas, os caminhos infundáveis.

# COLAR DE AMBAR

De ADA MACAGGI BRUNO LOBO,  
Especial para ATHENAS

Como se afinam meus sentidos todos  
subtilmente, pelo tátô !

—Visão de colmejas rumorosas,  
zumzum de jardins coloridos  
cheios de sol e de abelhas morenas  
—cada flôr é uma taça de nétar ! —  
O ar tem cheio de fruta partida.  
O ar é untado de açúcar meloso...

Como se afinam meus sentidos todos  
pelo tátô subtilmente !

Só porque, numa hora quente e languida,  
eu perpasso nos meus dedos,  
molemente, preguiçosamente,  
uma a uma estas contas alongadas,  
estas louras, transparentes . . .  
gotas de mél do meu colar de ambar ! ! . .

Moços de gerações passadas esquecidas,  
vós não morrestes, não, viveis na inquietação do  
tempo,  
sinto os vossos sonhos, todos, redivivos  
como uma humanidade, triste, torturada,  
a aceitar-me de longe, angustiosamente...

CARLOS MADEIRA



CAROLINA, cidade florida do sertão maranhense ama ardenteamente a musica. Dámos  
aqui um magnifico "cliché" do famoso "Turuna Jazz", criador de harmonias claras

# CANTO

Moços de gerações passadas, esquecidas,  
Sinto vossa presença na ronda das horas.  
Sinto que em meu sonho estão os vossos sonhos,  
e os vossos ideais se transfundem do meu,  
e eu tenho o mesmo amor e também o mesmo ódio  
que vibraram em vós, como uma voz eterna...

Moços de gerações recuadas, longínquas  
vós não morrestes, não, ainda viveis, bem fortes,  
e eu vos sinto crescer no espaço do sonho.  
Ouço-vos marchar nas noites bem profundas,  
ó noites sem luar, como guardaes em vós,  
as voses de protestos, os chôros dolorosos,  
e os gestos horrorosos de ameaça,  
noites intermináveis, como sois povoadas  
de tanta inquietação que vem de outras idades.

Moços de gerações que ficaram no tempo,  
estúo o vosso sangue em meu sér tormentado,  
pressinto que em meus gestos outras éras revivo,  
emergem os recalcados gestos, que tivestes.  
Vosso canto, eu o ouço, eu o sinto em meu peito,  
existe no meu canto, vibra na minha fala,  
como um canto de oceano misterioso e estranho.  
Desdobram-se aos meus olhos horizontes imensos,  
e eu vos vejo, todos, nos horizontes perdidos,  
como uma multidão, num brulhaha tremendo  
a encher, como ondas, os caminhos infundáveis.

# COLAR DE AMBAR

De ADA MACAGGI BRUNO LOBO,  
Especial para ATHENAS

Como se afinam meus sentidos todos  
subtilmente, pelo tátô !

—Visão de colmejas rumorosas,  
zumzum de jardins coloridos  
cheios de sol e de abelhas morenas  
—cada flôr é uma taça de nétar ! —  
O ar tem cheio de fruta partida.  
O ar é untado de açúcar meloso...

Como se afinam meus sentidos todos  
pelo tátô subtilmente !

Só porque, numa hora quente e languida,  
eu perpasso nos meus dedos,  
molemente, preguiçosamente,  
uma a uma estas contas alongadas,  
estas louras, transparentes,  
gotas de mél do meu colar de ambar ! ! ...

Moços de gerações passadas esquecidas,  
vós não morrestes, não, viveis na inquietação do  
tempo,  
sinto os vossos sonhos, todos, redivivos  
como uma humanidade, triste, torturada,  
a aceitar-me de longe, angustiosamente...

CARLOS MADEIRA



CAROLINA, cidade florida do sertão maranhense ama ardenteamente a musica. Damos  
aqui um magnifico "clichê" do famoso "Turuna Jazz", criador de harmonias claras

ATHENAS

Pag. 18

MAIO — 1941

# Canto



ATHENAS

Pag. 18

MAIO — 1941

# Canto



# Oriental

A L USO T ORRES

ASPIRO A CALMA, O IDEAL NIRVANICO,  
 A DESMATERIALISACAO DA ANGUSTIA DE PENSAR  
 O ANIQUILAMENTO COMPLETO DA VONTADE,  
 A NAO EXISTENCIA DAS PAIXOES HUMANAS,  
 A VIDA VEGETAL, EM SUMA.  
 FLORIR, QUANDO NASCE A PRIMAVERA,  
 PARA O ESPLENDOR DOS EPONIMOS DA JUNGLA;  
 VIVER ABRAÇADO AO SEIO BOM DA TERRA.  
 COM A CARICIA DO SOL E A TRISTURA DA CHUVA;  
 NAO COMPREENDER A INDIFERENCA DAS ESTRELAS;  
 FRUTIFICAR, DENTRE A POMPA DA FOLHAGEM.  
 PARA MATAR A FOME DA RUDE ESPECIE ANIMAL;  
 DAR ABRIGO SEM O SABER,  
 SOFRER SEM O SENTIR, A INGRATIDAO DOS HOMENS,  
 A PARTIDA DAS FOLHAS NO OUTONO  
 E O ACICATE DOS VENTOS ICONOCLASTAS DO INVERNO...

\*\*\*

ASPIRO A CALMA, O IDEAL DE BUDHA:  
 A GRANDILOQUENCIA TOTAL DO NADA.

ERASMO DIAS

# Oriental

A L USO T ORRES

ASPIRO A CALMA, O IDEAL NIRVANICO,  
 A DESMATERIALISACAO DA ANGUSTIA DE PENSAR  
 O ANIQUILAMENTO COMPLETO DA VONTADE,  
 A NAO EXISTENCIA DAS PAIXOES HUMANAS,  
 A VIDA VEGETAL, EM SUMA.  
 FLORIR, QUANDO NASCE A PRIMAVERA,  
 PARA O ESPLENDOR DOS EPONIMOS DA JUNGLA;  
 VIVER ABRAÇADO AO SEIO BOM DA TERRA.  
 COM A CARICIA DO SOL E A TRISTURA DA CHUVA;  
 NAO COMPREENDER A INDIFERENCA DAS ESTRELAS;  
 FRUTIFICAR, DENTRE A POMPA DA FOLHAGEM.  
 PARA MATAR A FOME DA RUDE ESPECIE ANIMAL;  
 DAR ABRIGO SEM O SABER,  
 SOFRER SEM O SENTIR, A INGRATIDAO DOS HOMENS,  
 A PARTIDA DAS FOLHAS NO OUTONO  
 E O ACICATE DOS VENTOS ICONOCLASTAS DO INVERNO...

\*\*\*

ASPIRO A CALMA, O IDEAL DE BUDHA:  
 A GRANDILOQUENCIA TOTAL DO NADA.

ERASMO DIAS

# A MEDICINA MODERNA

## E OS PERFUMES

Uma experiência secular demonstra que o consumo de perfumes varia conforme a agitação das épocas. Por que será que nos tempos perturbados se gasta mais perfumes inebriantes? Para esquecer? Para atordôar?

Jamais tantas encomendas afluiram como nos últimos tempos em Grasse, perto de Nice. Por mais estranho que pareça, o fato é que as grandes guerras, as catástrofes, as revoluções, as subversões sociais ou políticas coincidem sempre com um aumento nas vendas de perfumes.

Deve-se ver nisso uma prova do misterioso papel que os perfumes representam na Medicina? Terão de fato os perfumes a propriedade de curar certas enfermidades?

O que é na verdade o tratamento da ásma, pela inhalação de certas substâncias odorantes; eter, nitrato de amilo, datura e beladona? Os sáis inhalados reanimam as pessoas acometidas de síncope. O amônico é o ácido acético são as bases desses sáis. Mas, se se objetar que esses sáis não são perfumes, o que é que diferencia nitidamente um perfume de um odor desagradável?

Isso poderia justificar o axioma, tão caro aos nomeopátas, da influência benfazeja das doses infinitesimais. Não se logrou até hoje pesar um odor.

Entretanto, não é duvidoso que os medicamen-

tos, sob a forma vaporosa, como dizia Hahnemann, base da Homeopatia, penetrem no sangue através dos pulmões. Todas as estâncias termais empregam água mineral sob a forma de vaporização, de "micro-nevoeiro", praticamente seco, muito denso, a ponto de não se ver a mínima gota. Põe-se permanecer durante horas num tal "micro-nevoeiro" sem molhar o corpo.

O dr. A. Martinet, encarregado dos cursos livres da Faculdade de Medicina de Paris, anunciou há pouco a grande melhoria obtida por uma jovem que vivia sujeita a violentas crises de paxoxismos, de espirros e de dispnéas, depois que a mesma substituiu, a seu conselho, os perfumes que usava habitualmente, de ambar e almíscar, por outros de base de bergamota, de alfazema e de cravo.

Tudo se passa como se as excitações sensasoriais determinassem reações gerais, tónicas ou depressivas, no organismo.

Houve mesmo quem pretendesse determinar a média aproximada da extensão da onda das excitações odorígenas. Um médico belga chegou a estabelecer uma classificação física dos odores, uma verdadeira escala olfativa. Baudelaire já falava "das flores e dos perfumes que dansam no ar da noite..."

O dr. A. Martinet estabeleceu uma classifi-



Um dos "jazz" que, na cidade de Cururupu, deu muito brilho ao ultima Carnaval

# A MEDICINA MODERNA

## E OS PERFUMES

Uma experiência secular demonstra que o consumo de perfumes varia conforme a agitação das épocas. Por que será que nos tempos perturbados se gasta mais perfumes inebriantes? Para esquecer? Para atordôar?

Jamais tantas encomendas afluiram como nos últimos tempos em Grasse, perto de Nice. Por mais estranho que pareça, o fato é que as grandes guerras, as catástrofes, as revoluções, as subversões sociais ou políticas coincidem sempre com um aumento nas vendas de perfumes.

Deve-se ver nisso uma prova do misterioso papel que os perfumes representam na Medicina? Terão de fato os perfumes a propriedade de curar certas enfermidades?

O que é na verdade o tratamento da ásma, pela inhalação de certas substâncias odorantes; eter, nitrato de amilo, datura e beladona? Os sáis inhalados reanimam as pessoas acometidas de síncope. O amônico é o ácido acético são as bases desses sáis. Mas, se se objetar que esses sáis não são perfumes, o que é que diferencia nitidamente um perfume de um odor desagradável?

Isso poderia justificar o axioma, tão caro aos nomeopátas, da influência benfazeja das doses infinitesimais. Não se logrou até hoje pesar um odor.

Entretanto, não é duvidoso que os medicamen-

tos, sob a forma vaporosa, como dizia Hahnemann, pade da Homeopatia, penetrem no sangue através dos pulmões. Todas as estâncias termais empregam água mineral sob a forma de vaporização, de "micro-nevoeiro", praticamente seco, muito denso, a ponto de não se ver a mínima gota. Põe-se permanecer durante horas num tal "micro-nevoeiro" sem molhar o corpo.

O dr. A. Martinet, encarregado dos cursos livres da Faculdade de Medicina de Paris, anunciou há pouco a grande melhoria obtida por uma jovem que vivia sujeita a violentas crises de paxoxismos, de espirros e de dispnéas, depois que a mesma substituiu, a seu conselho, os perfumes que usava habitualmente, de ambar e almíscar, por outros de base de bergamota, de alfazema e de cravo.

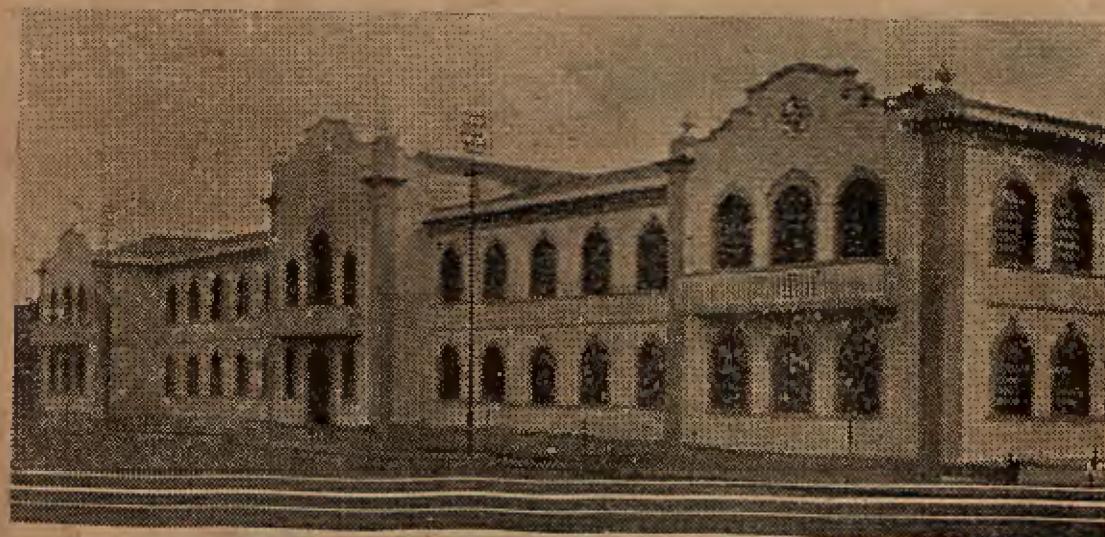
Tudo se passa como se as excitações sensasoriais determinassem reações gerais, tónicas ou depressivas, no organismo.

Houve mesmo quem pretendesse determinar a média aproximada da extensão da onda das excitações odorígenas. Um médico belga chegou a estabelecer uma classificação física dos odores, uma verdadeira escala olfativa. Baudelaire já falava "das flores e dos perfumes que dansam nos ares da noite..."

O dr. A. Martinet estabeleceu uma classifi-



Um dos "jazz" que, na cidade de Cururupú, deu muito brilho ao último Carnaval



O Palácio da Educação, obra de vulto recem inaugurada pelo governo maranhense, durante a Semana Getulio Vargas

cação clínica, comparando as sensações olfativas ás gustativas, tão estreitamente ligadas, e tambem ás auditivas. Na sua opinião, são "super-excitantes" o éter (odôr), as especiárias (gosto) e os sons vibrantes dos clarins ou os rítmos do "jazz-band" (som). São simplesmente excitantes: o cravo da India, (odôr), o vinagre (gosto) e os rítmos acelerados das marchas militares, "que insitilam o heroísmo no coração dos cidadãos...". São sedativos: a cárfora (odôr), as gorduras (afrouxamento da digestão estomacal) e os rítmos lentos e monótomos das mães quando acalentam seus filhinhos (som).

E, assim, de acordo com as sensações diversas, seriam as reações tónicas, depressivas, chocantes, etc.

Grasse, a capital universal dos perfumes, está recebendo grandes encomendas do mundo inteiro, justamente quando as possibilidades de importação e de exportação diminuem em consequencia do bloqueio.

O que é um perfume? Essas gotinhas que valia fortunas, são como a quintessencia das riquezas do mundo. As Indias Inglêses forneciam o "patchuli" e a Malásia o "vetyver". Do Japão vinha o "safri", do qual se estrai a helotropina base de tantos perfumes. Da Mongolia chegavam os ilmíscares e da China a hortelã. As Montanhas Rochosas enviam os cédros odoríferos. O Brasil fornecia o pau rosa. Diversas sementes chegavam do Paraguai, a badiana e o benjoim vinham de Torkim e as resinas do Sião. A ilha de Bourbom dava o zimbo e a baunilha, que chegava tambem do México. A Bulgaria distilava as essencias de rosa. A Italia fornecia os óleos de amêndoas doce e a Birmânia a citronela.

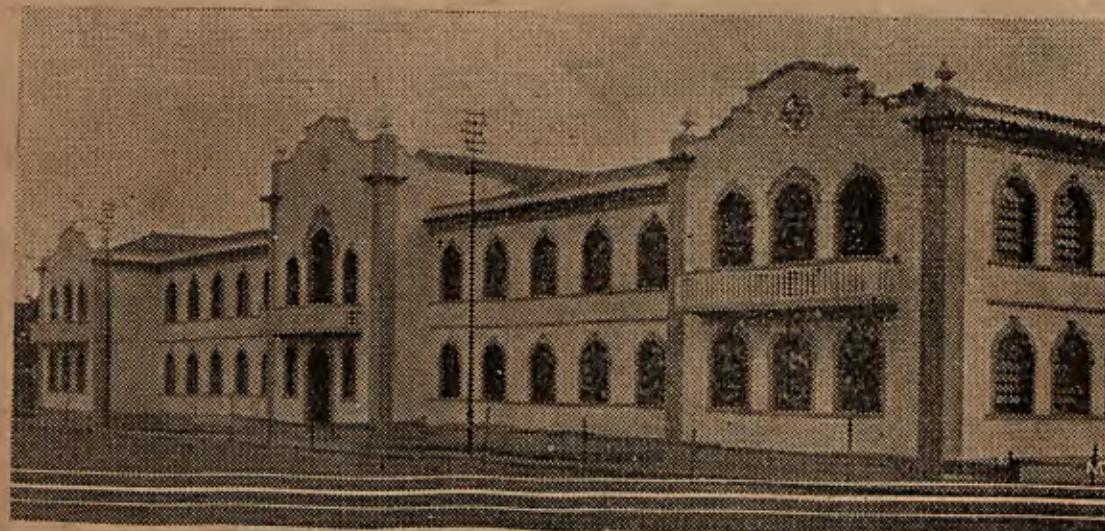
Todos esses aromas se encontravam em Gasse, entre os montes Esterel, e o mar. Milhares de operarios, impressores, químicos, viajantes, vendedores, perfumistas, etc. trabalhavam cada dia para permitir que as mulheres de todos os paizes do mundo pudessem emprestar aos seus cabelos ou aos seus vestidos um odôr cativante, enebriante, envolvente, incomparável.

Nenhum outro produto da França era exportado em tais proporções. 70 por cento da produção de Grasse. Nenhum outro talvez possuisse um prestígio igual no mundo. Num volume ínfimo um perfume pôde representar somas fabulosas.

O "Clipper" que partiu de Lisboa levando esta correspondencia leva tambem para o Novo Mundo em cada um dos seus vôos, numerosos "collis" de perfumes, de pesos variaveis até 10 quilogramos, no máximo. De outro lado, as essencias retomam os velhos caminhos das caravanias de outrora, por falta de meios de transporte modernos, momentaneamente paralizados.

Certas essencias fazem falta em Grasse. O problema dos corpos gordurosos é igualmente angustioso para os grandes perfumistas. Para fixar as essencias das flores odoríferas, de perfumes tão delicados, é preciso misturar as mimosas pétalas à banha de porco, de cheiro tão desagradável. Contudo, o engenho dos químicos perfumistas de Grasse nunca fracassou. E em tempo algum, apesar de tudo, os célebres perfumistas pensaram um só instante em lançar mão dos perfumes químicos.

A parte da beleza feminina e do perfume continua francesa, a despeito das asperezas da época. Possa Grasse, capital de todos os perfumes, no momento em que os mesmos são empregados na terapêutica, lançar em breve uma nova marca: PAZ.



O Palácio da Educação, obra de vulto recem inaugurada pelo governo maranhense, durante a Semana Getulio Vargas

cação clínica, comparando as sensações olfativas ás gustativas, tão estreitamente ligadas, e tambem ás auditivas. Na sua opinião, são "super-excitantes" o éter (odôr), as especiárias (gosto) e os sons vibrantes dos clarins ou os ritmos do "jazz-band" (som). São simplesmente excitantes: o cravo da India, (odôr), o vinagre (gosto) e os ritmos acelerados das marchas militares, "que insitilam o heroísmo no coração dos cidadãos...". São sedativos: a cárfora (odôr), as gorduras (afrouxamento da digestão estomacal) e os ritmos lentos e monótomos das mães quando acalentam seus filhinhos (som).

E, assim, de acordo com as sensações diversas, seriam as reações tónicas, depressivas, chocantes, etc.

Grasse, a capital universal dos perfumes, está recebendo grandes encomendas do mundo inteiro, justamente quando as possibilidades de importação e de exportação diminuem em consequencia do bloqueio.

O que é um perfume? Essas gotinhas que valia fortunas, são como a quintessencia das riquezas do mundo. As Indias Inglêses forneciam o "patchuli" e a Malásia o "vetyver". Do Japão vinha o "safri", do qual se estrai a heliotropina base de tantos perfumes. Da Mongolia chegavam os ilmíscares e da China a hortelã. As Montanhas Rochosas enviam os cédros odoríferos. O Brasil fornecia o pau rosa. Diversas sementes chegavam do Paraguai, a badiana e o benjoim vinham de Torkim e as resinas do Sião. A ilha de Bourbom dava o zimbo e a baunilha, que chegava também do México. A Bulgaria distilava as essencias de rosa. A Italia fornecia os óleos de amêndoas doce e a Birmânia a citronela.

Todos esses aromas se encontravam em Gasse, entre os montes Esterel, e o mar. Milhares de operários, impressores, químicos, viajantes, vendedores, perfumistas, etc. trabalhavam cada dia para permitir que as mulheres de todos os países do mundo pudessem emprestar aos seus cabelos ou aos seus vestidos um odôr cativante, enebriante, envolvente, incomparável.

Nenhum outro produto da França era exportado em tais proporções. 70 por cento da produção de Grasse. Nenhum outro talvez possuisse um prestígio igual no mundo. Num volume ínfimo um perfume pôde representar somas fabulosas.

O "Clipper" que partiu de Lisboa levando esta correspondencia leva também para o Novo Mundo em cada um dos seus vôos, numerosos "collis" de perfumes, de pesos variáveis até 10 quilogramas, no máximo. De outro lado, as essencias retomam os velhos caminhos das caravanias de outrora, por falta de meios de transporte modernos, momentaneamente paralizados.

Certas essencias fazem falta em Grasse. O problema dos corpos gordurosos é igualmente angustioso para os grandes perfumistas. Para fixar as essencias das flores odoríferas, de perfumes tão delicados, é preciso misturar as mimosas pétalas à banha de porco, de cheiro tão desagradável. Contudo, o engenho dos químicos perfumistas de Grasse nunca fracassou. E em tempo algum, apesar de tudo, os célebres perfumistas pensaram um só instante em lançar mão dos perfumes químicos.

A parte da beleza feminina e do perfume continua francesa, a despeito das asperezas da época. Possa Grasse, capital de todos os perfumes, no momento em que os mesmos são empregados na terapêutica, lançar em breve uma nova marca: PAZ.

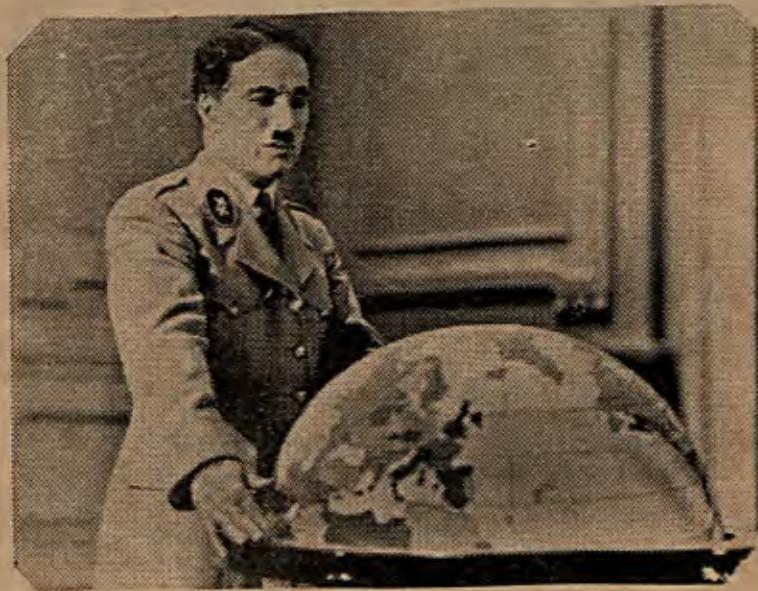
# ATRAZ da TELA

(Do correspondente especial em Hollywood)

O grande e inimitável Chaplin, que durante uma geração inteira tem reinado supremo como o primeiro comediante do ecran, chegou à Broadway — a famosa via Luminosa desta metrópole — no meio de um verdadeiro turbilhão de risos, pantomimas, sátiras e... de admiração pública. Já sa-

cintilante... e havia um espírito irrequieto e festivo entre o povo que se empurrava prazenteiramente, para trás e para diante, à medida que o cordões de polícia montada o fazia recuar ou avançar.

Farei, talvez, uma descrição muito melhor



Charlie Chaplin, como ele aparece no papel principal da sua nova comédia, "O Grande Ditador". (Foto United Artists)

bem, sem dúvida, que o veículo que o transportou a esta cidade foi o filme intitulado "O Grande Ditador" — a obra-prima na qual ele tem empregado, durante os últimos dois anos, a sua inesgotável energia.

Como prova da importância deste acontecimento, devemos desde já salientar que a estréia desta grande produção foi caracterizada por uma "apresentação dupla", isto é, foi efetuada simultaneamente em dois teatros: — o "Capitol" e o "Astor", onde, segundo se espera, permanecerá durante muitas semanas e... meses. Temporária, mas sem dúvida alguma voluntariamente, as multidões esqueceram os vários outros cinemas da Broadway e vieram apinhá-los nas entradas do "Capitol" e do "Astor", para admirar as visitantes celebidades, e... para comprar bilhetes. Celebidades havia, e em grandes números: mas bilhetes, não... pois que já tinham sido vendidos, com semanas de antecedência. Era uma cena alegre e

empregar as joiais palavras que um desses indivíduos dirigiu ao seu companheiro: — "Safa! P maneira como nos empurram, é uma felicidade ver um só Charlie Chaplin".

Isto mostra a grande atração que "O Grande Ditador" oferece, em Nova-York, aos milhões de fans do cinema.

Quizera dar-lhes uma boa idéa do filme, visto na tela, como eu tive a felicidade de o ver. Isso porém, seria um trabalho difícil — porque um filme tão grande como "O Grande Ditador" não poderia apropriadamente descrito dentro dos restritos limites desta breve reportagem. Contudo, tentarei procurar palavras para descrever os pontos mais importantes dessa produção, tais como eles me impressionaram..

\*\*\*

Primeiro, devo, porém, dizer-lhes que tenho visto cerca de 2.000 filmes; mas nenhum como "O Grande Ditador". E' o único filme que tem o

# ATRAZ da TELA

(Do correspondente especial em Hollywood)

O grande e inimitável Chaplin, que durante uma geração inteira tem reinado supremo como o primeiro comediante do ecran, chegou à Broadway — a famosa via Luminosa desta metrópole — no meio de um verdadeiro turbilhão de risos, pantomimas, sátiras e... de admiração pública. Já sa-

cintilante... e havia um espírito irrequieto e festivo entre o povo que se empurrava prazenteiramente, para trás e para diante, à medida que o cordões de polícia montada o fazia recuar ou avançar.

Farei, talvez, uma descrição muito melhor



Charlie Chaplin, como ele aparece no papel principal da sua nova comédia, "O Grande Ditador". (Foto United Artists)

bem, sem dúvida, que o veículo que o transportou a esta cidade foi o filme intitulado "O Grande Ditador" — a obra-prima na qual ele tem empregado, durante os últimos dois anos, a sua inesgotável energia.

Como prova da importância deste acontecimento, devemos desde já salientar que a estréia desta grande produção foi caracterizada por uma "apresentação dupla", isto é, foi efetuada simultaneamente em dois teatros: — o "Capitol" e o "Astor", onde, segundo se espera, permanecerá durante muitas semanas e... meses. Temporária, mas sem dúvida alguma voluntariamente, as multidões esqueceram os vários outros cinemas da Broadway e vieram apinhá-los nas entradas do "Capitol" e do "Astor", para admirar as visitantes celebidades, e... para comprar bilhetes. Celebidades havia, e em grandes números: mas bilhetes, não... pois que já tinham sido vendidos, com semanas de antecedência. Era uma cena alegre e

empregar as joiais palavras que um desses indivíduos dirigiu ao seu companheiro: — "Safa! P maneira como nos empurram, é uma felicidade ver um só Charlie Chaplin".

Isto mostra a grande atração que "O Grande Ditador" oferece, em Nova-York, aos milhões de fans do cinema.

Quisera dar-lhes uma boa idéa do filme, visto na tela, como eu tive a felicidade de o ver. Isso porém, seria um trabalho difícil — porque um filme tão grande como "O Grande Ditador" não poderia ser apropriadamente descrito dentro dos restritos limites desta breve reportagem. Contudo, tentarei procurar palavras para descrever os pontos mais importantes dessa produção, tais como eles me impressionaram..

\*\*\*

Primeiro, devo, porém, dizer-lhes que tenho visto cerca de 2.000 filmes; mas nenhum como "O Grande Ditador". E' o único filme que tem o

racterístico de representar o magnífico trabalho de um brilhante talento, e que continuará gozando essa única qualidade durante muitos anos.

Chaplin poe toda a sua arte, toda a sua perícia, e toda a sua alma nesse filme. Como que representa a natureza do grande homem, do homem que tem provocado o riso de milhões, do homem que, mais que nenhum outro tem dito às multidões do mundo — desse Bangalore até Buenos-Aires... desde o Canadá até à cidade do Cabo — "chegou a hora do riso". E, quando ele o diz... as multidões riem-se.

O tema escolhido por Chaplin, para esse extraordinário trabalho, é um tema que qualquer pessoa esperaria do homem cujo coração tem um conhecimento profundo daquilo que traz alegria ao povo. É um tema nascido dos sonhos de milhões de pessoas — a prazenteira zombaria das forças que oprimem o homem do mundo trabalhador de hoje.

Para conseguir isso, Chaplin escolheu para protagonista do seu filme, a única personagem hoje existente que — mais que qualquer outro ser humano — guia essas forças de opressão contra os inocentes povos do mundo. Escolheu... Hitler.

Talvez fôsse um dos caprichos da Providência que sugeriu a Chaplin, há já alguns anos, o mutilado bigode que Hitler adotou anos depois. Seja qual for a razão, muita gente está disposta a concordar em que: — Chaplin honrou o bigode, mas que Hitler o deshonrou.

Ambos nasceram no mesmo ano; mas, durante a sua vida, Chaplin trouxe alegria a milhões de pessoas... o leitor que decida o que Hitler tem feito.

Com toda a sua alma, com toda a sua perícia e com todos os recursos ao seu dispôr, Charlie Chaplin conserva a sua própria tradição no seu novo filme. Ele representa "O Grande Ditador" sob um espírito de sátira, de comédia e de acusação. Ele usa a roupa e os gestos de Hitler, mas usa-os com a bufonaria e o gênio característicos de Chaplin. Ele trejeita, declama e pavoneia-se com toda falsa bravura do maior inimigo do mundo, e faz-nos rir às gargalhadas porque sabemos que, nas mãos de Chaplin, êsses são os cômicos caprichos de um dos melhores amigos do mundo.

Ao burlesquear o chefe supremo da Europa Central, Chaplin é extremamente engraçado. Todos os que vêm êste filme riem-se às gargalhadas.

A história (escrita pelo próprio Chaplin) é baseada em fatos, e nem... fantasia. Descreve as aventuras de um cidadão alemão, um insignificante, mas satisfeito, barbeiro judeu — (Chaplin representa êsse papel) — que serviu a sua pátria durante o ano de 1918. Ferido, durante a guerra.



O Teatro "Capital", na Broadway, fotografado uma hora antes da estréa, no mesmo, de "O Grande Ditador". (Foto United Artists)

em quanto salvava a vida de um camarada seu, foi levado para um hospital, de onde saiu anos mais tarde, desconhecendo completamente as mudanças políticas que tinham sido feitas no país em cujo serviço ele tinha arriscado a vida. Segue, depois, uma série de episódios divertidos, muitos deles descrevendo os seus engraçados encontros com os cruéis valentões da polícia secreta do Grande Ditador.

No entanto, o Grande Ditador — (Chaplin, na sua história, dá-lhe o nome de "Hynkel") — acha-se ocupado com negócios de estado, —sendo um dos mais importantes o problema de resolver o que fazer com o seu rival ditador "Napaloni" (representado muito comnicamente por Jack Oakie). Há várias altercações entre os dois, e essas cenas atingem o pináculo da bufonaria Chaplinesca.

Finalmente, o enredo leva-nos a um ponto onde se encontram os destinos do insignificante barbeiro e do poderoso ditador. Isto é efetuado por meio de uma nítida alteração no enredo, feita de tal maneira que o **insignificante** se torna **poderoso**, e o Grande Ditador é proscrito, sofrendo um bem merecido esquecimento.

Isto dá a Chaplin a oportunidade de resumir as "razões de ser" do seu filme. E ele faz isso por meio de uma destemida denúncia das forças opressoras do mal. Ele se dirige, sem rodeios, direta e veementemente ao público.

Tão enérgico é êsse entusiástico apelo que passo a dar, nesta reportagem, uma transcrição do mesmo:

Eis o que Chaplin diz:

"Aos que me podem ouvir, digo: Não desesperem! O sofrimento que nos tem atormentado nada mais é que a agonia da ambição — o amargo rancor de homens que temem o progresso humano. O ódio desses homens desaparecerá, os dita-

racterístico de representar o magnífico trabalho de um brilhante talento, e que continuará gozando essa única qualidade durante muitos anos.

Chaplin poe toda a sua arte, toda a sua perícia, e toda a sua alma nesse filme. Como que representa a natureza do grande homem, do homem que tem provocado o riso de milhões, do homem que, mais que nenhum outro tem dito às multidões do mundo — desse Bangalore até Buenos-Aires... desde o Canadá até à cidade do Cabo — "chegou a hora do riso". E, quando ele o diz... as multidões riem-se.

O tema escolhido por Chaplin, para esse extraordinário trabalho, é um tema que qualquer pessoa esperaria do homem cujo coração tem um conhecimento profundo daquilo que traz alegria ao povo. É um tema nascido dos sonhos de milhões de pessoas — a prazenteira zombaria das forças que oprimem o homem do mundo trabalhador de hoje.

Para conseguir isso, Chaplin escolheu para protagonista do seu filme, a única personagem hoje existente que — mais que qualquer outro ser humano — guia essas forças de opressão contra os inocentes povos do mundo. Escolheu... Hitler.

Talvez fôsse um dos caprichos da Providência que sugeriu a Chaplin, há já alguns anos, o mutilado bigode que Hitler adotou anos depois. Seja qual for a razão, muita gente está disposta a concordar em que: — Chaplin honrou o bigode, mas que Hitler o deshonrou.

Ambos nasceram no mesmo ano; mas, durante a sua vida, Chaplin trouxe alegria a milhões de pessoas... o leitor que decida o que Hitler tem feito.

Com toda a sua alma, com toda a sua perícia e com todos os recursos ao seu dispôr, Charlie Chaplin conserva a sua própria tradição no seu novo filme. Ele representa "O Grande Ditador" sob um espírito de sátira, de comédia e de acusação. Ele usa a roupa e os gestos de Hitler, mas usa-os com a bufonaria e o gênio característicos de Chaplin. Ele trejeita, declama e pavoneia-se com toda falsa bravura do maior inimigo do mundo, e faz-nos rir às gargalhadas porque sabemos que, nas mãos de Chaplin, êsses são os cômicos caprichos de um dos melhores amigos do mundo.

Ao burlesquear o chefe supremo da Europa Central, Chaplin é extremamente engraçado. Todos os que vêm êste filme riem-se às gargalhadas.

A história (escrita pelo próprio Chaplin) é baseada em fatos, e nem... fantasia. Descreve as aventuras de um cidadão alemão, um insignificante, mas satisfeito, barbeiro judeu — (Chaplin representa êsse papel) — que serviu a sua pátria durante o ano de 1918. Ferido, durante a guerra.



O Teatro "Capital", na Broadway, fotografado uma hora antes da estréa, no mesmo, de "O Grande Ditador". (Foto United Artists)

em quanto salvava a vida de um camarada seu, foi levado para um hospital, de onde saiu anos mais tarde, desconhecendo completamente as mudanças políticas que tinham sido feitas no país em cujo serviço ele tinha arriscado a vida. Segue, depois, uma série de episódios divertidos, muitos deles descrevendo os seus engraçados encontros com os cruéis valentões da polícia secreta do Grande Ditador.

No entanto, o Grande Ditador — (Chaplin, na sua história, dá-lhe o nome de "Hynkel") — acha-se ocupado com negócios de estado, —sendo um dos mais importantes o problema de resolver o que fazer com o seu rival ditador "Napaloni" (representado muito comnicamente por Jack Oakie). Há várias altercações entre os dois, e essas cenas atingem o pináculo da bufonaria Chaplinesca.

Finalmente, o enredo leva-nos a um ponto onde se encontram os destinos do insignificante barbeiro e do poderoso ditador. Isto é efetuado por meio de uma nítida alteração no enredo, feita de tal maneira que o **insignificante** se torna **poderoso**, e o Grande Ditador é proscrito, sofrendo um bem merecido esquecimento.

Isto dá a Chaplin a oportunidade de resumir as "razões de ser" do seu filme. E ele faz isso por meio de uma destemida denúncia das forças opressoras do mal. Ele se dirige, sem rodeios, direta e veementemente ao público.

Tão enérgico é êsse entusiástico apelo que passo a dar, nesta reportagem, uma transcrição do mesmo:

Eis o que Chaplin diz:

"Aos que me podem ouvir, digo: Não desesperem! O sofrimento que nos tem atormentado nada mais é que a agonia da ambição — o amargo rancor de homens que temem o progresso humano. O ódio desses homens desaparecerá, os dita-

dores morrerão, e o poder que éles usurparam voltará para o povo! E, si bem que homens morram, a Liberdade jamais perecerá... Soldados! Não vos submetais á vontade desses monstros — homens que vos desprezam — que vos escravizarão — que regulamentarão as vossas vidas — que vos dirão o que fazer, o que pensar e o que sentir! Homens que vos disciplinarão — que reduzirão as vossas rações — que vos tratarão como animais e que vos usarão como alvos para canhões. Não ofereçais as vossas vidas a êsses homens desnaturalizados — homens **mecânicos**, com mentes **mecânicas** e corações **mecânicos**! Vós não sois máquinas!

Sois homens!... Tendes no coração amôr pela humanidade! — Não odieis! Somente os desprezados é que odeiam — os desprezados e os desnaturalados! Soldados! Não defendais a escravidão! Lutai pela Liberdade! — No Capítulo 17 do Livro de S. Lucas, está escrito: — "O Reino de Deus está no íntimo do homem" — não no íntimo de **um só** homem, nem de um grupo de homens, mas no íntimo de todos os homens! No vosso íntimo!

cumprem essas promessas! Nunca o farão! Dadores tornam-se livres mas escravizam o povo! Lutemos para libertar o mundo — para eliminar barreiras nacionais — para eliminar a ambição, o ódio e a intolerância. Lutemos em prol de um mundo racional — um mundo onde a ciência e o progresso produzam a felicidade de todos. Soldados! Em nome da Democracia, unamo-nos!".

\*\*\*

E assim termina o filme... com uma nota de coragem e de esperança para os escravizados povos do mundo.

O fim principal do filme "O Grande Díador" é provar que os milhões dos pequenos, honestos e racionais povos do mundo — os povos que somente desejam desempenhar livremente as suas modestas mas necessárias tarefas — os povos que desejam viver, rir e amar, — cêdo, ou tarde quebrarão as pesadas cadeias da tirania, transformando o mundo de hoje num lugar muito melhor para gozar a vida.

Si bem que a produção é quasi toda o tra-



Charlie Chaplin e Paulette Goddard numa das cenas de "O Grande Ditador".  
(Foto United Artists)

Vós, o povo, tendes o poder... o poder de criar máquinas! O poder de produzir felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de fazer esta vida livre e agradável — de fazer desta vida uma maravilhosa aventura. Portanto — em nome da democracia — usemos êsse poder — unamo-nos! Lutemos por um novo mundo — um mundo honesto que dê ao homem uma oportunidade para trabalhar — que dê á mocidade um bom futuro, e á velhice... segurança. Prometendo essas coisas, monstros têm adquirido poder. Mas éles mentiram! Eles não

ih de Chaplin — como bem deve ser — o trabalho de Jack Oakie e de Paulette Goddard é excelente. Oakie é mais "Mussolinesco" que o próprio Cesar Moderno, e as cenas com "Hynkel" — nas quais cada um deles tenta ultrapassar as **pa-vonadas** do outro — são hilariantes. Miss Goddard, no papel de Hannah, a humilde namorada do modesto barbeiro do Ghetto, é linda e arrebatadora. Outras excelentes caraterizações são apresentadas por Billy Gilbert, no papel de "Herring", protótipo de Goering; por Henry Daniell, no papel de

dores morrerão, e o poder que eles usurparam voltará para o povo! E, se bem que homens morram, a Liberdade jamais perecerá... Soldados! Não vos submetais à vontade desses monstros — homens que vos desprezam — que vos escravizarão — que regulamentarão as vossas vidas — que vos dirão o que fazer, o que pensar e o que sentir! Homens que vos disciplinarão — que reduzirão as vossas rações — que vos tratarão como animais e que vos usarão como alvos para canhões. Não ofereçais as vossas vidas a esses homens desnaturalizados — homens **mecânicos**, com mentes **mecânicas** e corações **mecânicos**! Vós não sois máquinas!

Sois homens!... Tendes no coração amor pela humanidade! — Não odieis! Somente os desprezados é que odeiam — os desprezados e os desnaturalizados! Soldados! Não defendais a escravidão! Lutai pela Liberdade! — No Capítulo 17 do Livro de S. Lucas, está escrito: — “O Reino de Deus está no íntimo do homem” — não no íntimo de **um só** homem, nem de um grupo de homens, mas no íntimo de todos os homens! No vosso íntimo!

cumprem essas promessas! Nunca o farão! Ditadores tornam-se livres mas escravizam o povo! Lutemos para libertar o mundo — para eliminar barreiras nacionais — para eliminar a ambição, o ódio e a intolerância. Lutemos em prol de um mundo racional — um mundo onde a ciência e o progresso produzam a felicidade de todos. Soldados! Em nome da Democracia, unamo-nos!“

\*\*\*

E assim termina o filme... com uma nota de coragem e de esperança para os escravizados povos do mundo.

O fim principal do filme “O Grande Dízidor” é provar que os milhões dos pequenos, honestos e racionais povos do mundo — os povos que somente desejam desempenhar livremente as suas modestas mas necessárias tarefas — os povos que desejam viver, rir e amar, — cedo, ou tarde quebrarão as pesadas cadeias da tirania, transformando o mundo de hoje num lugar muito melhor para gozar a vida.

Si bem que a produção é quasi toda o tra-



Charlie Chaplin e Paulette Goddard numa das cenas de “O Grande Ditador.”  
(Foto United Artists)

Vós, o povo, tendes o poder... o poder de criar máquinas! O poder de produzir felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de fazer esta vida livre e agradável — de fazer desta vida uma maravilhosa aventura. Portanto — em nome da democracia — usemos esse poder — unamo-nos! Lutemos por um novo mundo — um mundo honesto que dê ao homem uma oportunidade para trabalhar — que dê à mocidade um bom futuro, e à velhice... segurança. Prometendo essas coisas, monstros têm adquirido poder. Mas eles mentiram! Eles não

ih de Chaplin — como bem deve ser — o trabalho de Jack Oakie e de Paulette Goddard é excelente. Oakie é mais “Mussolinesco” que o próprio Cesar Moderno, e as cenas com “Hynkel” — nas quais cada um deles tenta ultrapassar as **panadas** do outro — são hilariantes. Miss Goddard, no papel de Hannah, a humilde namorada do modesto barbeiro do Ghetto, é linda e arrebatadora. Outras excelentes caracterizações são apresentadas por Billy Gilbert, no papel de “Herring”, protótipo de Goering; por Henry Daniell, no papel de



Jack Oakie, Paulette Goddard, Charlie Chaplin e Murray Silverstone, chefe de operações da United Artists Corporation, fotografados durante a estreia de "O Grande Ditador". (Foto United Artists)

"Garbitsch", protótipo de Goebbels; por Reginald Gardiner, e por Maurice Moscovich.

Os jornais de hoje estão cheios de notícias acerca dessa estréia dupla. De fato, durante os últimos quatro dias, desde que Chaplin chegou a Nova-York, de avião, de Hollywood — (a sua primeira visita, em dez anos, a esta cidade de oito milhões de habitantes) — os jornais têm falado acerca da chegada d'ele em grande estilo. Uma pessoa até podia pensar que Chaplin é um potentado de um país longínquo e rico, em vez do bondoso e modesto homem com um grande gênio para tragédia-comédia.

Mas as críticas, nos jornais de hoje, são as provas mais importantes que temos das boas qualidades desta última obra-prima de Charlie Chaplin. Pois que são essas críticas o que decide os méritos e deméritos do trabalho de um homem, mais propriamente que os do próprio homem.

As críticas foram magníficas. Depois de as ter lido, creio que Chaplin, que sem dúvida as deve ter lido todas ávidamente, deva estar mais que satisfeito.

\*\*\*

Não tendo aqui espaço suficiente para as publicar completas, darei apenas alguns excertos:

O incomparável Chaplin reapareceu num filme extraordinário. Chaplin nos seus melhores momentos; o que significa que "O Grande Ditador" tem uma das melhores caraterizações jamais vistas na tela. — **Herald-Tribune**.

Acontecimento algum, na história do cinema, tem sido esperado com tanta ansiedade. E as notícias, esta manhã, dizem que é magníficiente. Um

trabalho verdadeiramente soberbo, por um grande artista e, talvez, o filme mais significativo jamais produzido. — **New-York Times**.

Tem sido o alvo de mais suposições e conjecturas que até mesmo "E o Vento Levou". Imensamente divertido! — **Journal-American**.

Sátira magnífica... uma obra-prima. — **New-York Post**.

Chaplin atacou os ditadores, e fez-lo tão efetiva e tão perfeitamente como se podia desejar. A sua defesa da Democracia, no fim do filme, é sensacional e emocionante. — **Daily Mirror**.

Toda a irrequieta imaginação e vivo engenho inventivo que transformaram os seus velhos filmes de buissonaria em obras de arte. — **World-Telegram**.

Exatamente o que esperávamos... o Chaplin de outrora! — **PM**.



O Teatro "Astor", fotografado na noite da estréia "O Grande Ditador". (Foto Unigel Artistas)



**Jack Oakie, Paulette Goddard, Charlie Chaplin e Murray Silverstone, chefe de operações da United Artists Corporation, fotografados durante a estreia de "O Grande Ditador". (Foto United Artists)**

"Garbitsch", protótipo de Goebbels; por Reginald Gardiner, e por Maurice Moscovich.

Os jornais de hoje estão cheios de notícias acerca dessa estréia dupla. De fato, durante os últimos quatro dias, desde que Chaplin chegou a Nova-York, de avião, de Hollywood — (a sua primeira visita, em dez anos, a esta cidade de oito milhões de habitantes) — os jornais têm falado acerca da chegada d'ele em grande estilo. Uma pessoa até podia pensar que Chaplin é um potentado de um país longínquo e rico, em vez do bondoso e modesto homem com um grande gênio para tragédia-comédia.

Mas as críticas, nos jornais de hoje, são as provas mais importantes que temos das boas qualidades desta última obra-prima de Charlie Chaplin. Pois que são essas críticas o que decide os méritos e deméritos do trabalho de um homem, mais propriamente que os do próprio homem.

As críticas foram magníficas. Depois de as ter lido, creio que Chaplin, que sem dúvida as deve ter lido todas ávidamente, deva estar mais que satisfeito.

\*\*\*

Não tendo aqui espaço suficiente para as publicar completas, darei apenas alguns excertos:

O incomparável Chaplin reapareceu num filme extraordinário. Chaplin nos seus melhores momentos; o que significa que "O Grande Ditador" tem uma das melhores caraterizações jamais vistas na tela. — **Herald-Tribune**.

Acontecimento algum, na história do cinema, tem sido esperado com tanta ansiedade. E as notícias, esta manhã, dizem que é magníficiente. Um

trabalho verdadeiramente soberbo, por um grande artista e, talvez, o filme mais significativo jamais produzido. — **New-York Times**.

Tem sido o alvo de mais suposições e conjecturas que até mesmo "E o Vento Levou". Imensamente divertido! — **Journal-American**.

Sátira magnífica... uma obra-prima. — **New-York Post**.

Chaplin atacou os ditadores, e fez-lo tão efetiva e tão perfeitamente como se podia desejar. A sua defesa da Democracia, no fim do filme, é sensacional e emocionante. — **Daily Mirror**.

Toda a irrequieta imaginação e vivo engenho inventivo que transformaram os seus velhos filmes de buissonaria em obras de arte. — **World-Telegram**.

Exatamente o que esperávamos... o Chaplin de outrora! — **PM**.



**O Teatro "Astor", fotografado na noite da estréia "O Grande Ditador". (Foto Unitel Artistas)**

# VAQUEIROS E REMEIROS

JULIO PATERNOSTRO

No Brasil Central, na grande faixa de terra que se limita a leste pela curva do S. Francisco e a oeste pela vertical do Tocantins, é comum encontrarmos homens que revezam as lidas de vaqueiro e remeiro. Isto se explica por motivos geográficos. No centro do paiz, as extensões dos campos e dos rios são imensas. No sul, os campos não sendo cortados por grandes rios, os homens se fixam na unção de vaquejar e, no Norte, o regime amazônico, com muita água, espessas florestas e menos campos, faz com que os homens sejam principalmente canoeiros.

No Centro, a agua é navegada e a terra pal-milhada com a mesma coragem. As medidas de comprimento que usam para ambos os meios, líquido ou sólido, é a léguia. Naquelas terras não se fala em alqueire (48,000 m<sup>2</sup>), como noutras zonas do país. A léguia, isto é, 6 kms. de comprimento, é calculada pelo passo do animal ou pela subida de um rio, em canoa, num percurso de uma hora.

A terra divide-se em campos geraes (agreste) e "caatinga". As propriedades são avaliadas sem agrimensura. Da cabeceira do ribeirão tal a uma gruta conhecida decidem que ha uma léguia de distância. A largura, que pôde ter mais extensão do que comprimento... a qualidade do terreno, se abrange mais "geraes" ou caatinga não se discutem. O preço varia de 50\$000 a 200\$000 a léguia. A propriedade é herdada ou adquirida, e os donos

de 10, 20 léguas não são raros. Não ha marcos limitando os vizinhos: a gente sabe que é de fulano ou beltrano, quando observa as ancas do gado marcadas a ferro. Mais de uma vez, um proprietário não soube me responder se a terra que cavalgavamos era sua ou do vizinlio.

Em volta de certas cidades daquele sertão, ha área que é da "santa". Isto é, dedicada á padroeira local, onde qualquer individuo pôde chegar e construir sua casa, plantar sua roça á vontade; não se cobram impostos. São terras dos pobres, todo o mundo tem direito a elas. Entre a margem direita do rio Tocantins e a serra Geral, se estende uma faixa de terra boa, a caatinga, que vem desde Jalapão (Maranhão) e segue se alargando em cinco léguas ou se estreitando em uma léguia no rumo do Estado de Minas Geraes, visando Paracatú; nela o gado se extravia e se torna selvagem.

A produção principal naquela formidavel superficie é o gado, que, nascido nos "geraes", é meúdo e raquitico, e, criado na caatinga, é "curraleiro" grande e gôrdo. Do primeiro, vale um boi 50\$000, e do segundo, pôde ir além de 200\$000. Por isso, o proprietário da terra é criador, e o dono ali é o gado. Quem trata deste é o vaqueiro.

Os vaqueiros geralmente são mestiços (feoder-micos), altos e magros. Seu biotipo, porém, não se enquadra apenas no letossomático; geralmente é enxertado de elementos atléticos. Suas façanhas realizam-se ora no agreste, ora nas caatingas, ora dentro dos rios, quando se transformam em remeiros. Desde criança sabem montar a cavalo como, tambem manejar o remo.

Para quem nasce naquelas bandas é simples obter o título de vaqueiro. É qualquer um que se apresente ao criador e faz um contrato de bóca (a honestidade é regra geral, raramente se quebraria a palavra). O proprietário, quando tem uma paliça deshabitada, entrega-a ao "novato", ou então fornece os meios para construção da casa, isto é, machado e enxada. O material se encontra na Natureza. Para vaquejar ou costear recebe um cava o arriado. O trabalho é tratar do gado, curar-lhe as bicheiras, tirar-lhe o leite na estação do "verde", saber se as rês estão na caatinga ou nos geraes, nas terras do patrão ou nas do vizinlio. Lá não ha arame, este é um rio grande, por onde o gado se arreia de varar.



PASSAGEM FRANCA — O edifício onde funciona a cadeia pública

# VAQUEIROS E REMEIROS

JULIO PATERNOSTRO

No Brasil Central, na grande faixa de terra que se limita a leste pela curva do S. Francisco e a oeste pela vertical do Tocantins, é comum encontrarmos homens que revezam as lidas de vaqueiro e remeiro. Isto se explica por motivos geográficos. No centro do paiz, as extensões dos campos e dos rios são imensas. No sul, os campos não sendo cortados por grandes rios, os homens se fixam na unção de vaquejar e, no Norte, o regime amazônico, com muita água, espessas florestas e menos campos, faz com que os homens sejam principalmente canoeiros.

No Centro, a agua é navegada e a terra pal-milhada com a mesma coragem. As medidas de comprimento que usam para ambos os meios, líquido ou sólido, é a léguia. Naquelas terras não se fala em alqueire (48,000 m<sup>2</sup>), como noutras zonas do país. A léguia, isto é, 6 kms. de comprimento, é calculada pelo passo do animal ou pela subida de um rio, em canoa, num percurso de uma hora.

A terra divide-se em campos geraes (agreste) e "caatinga". As propriedades são avaliadas sem agrimensura. Da cabeceira do ribeirão tal a uma gruta conhecida decidem que ha uma léguia de distância. A largura, que pôde ter mais extensão do que comprimento... a qualidade do terreno, se abrange mais "geraes" ou caatinga não se discutem. O preço varia de 50\$000 a 200\$000 a léguia. A propriedade é herdada ou adquirida, e os donos

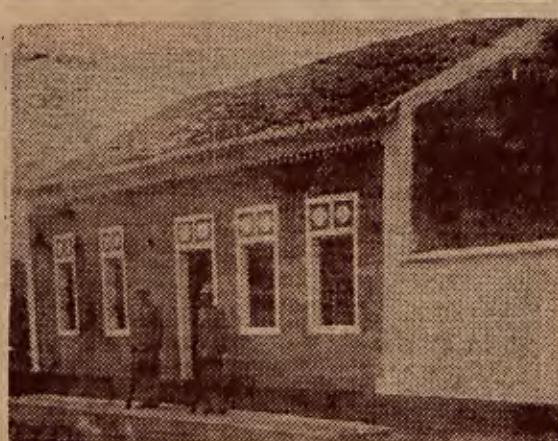
de 10, 20 léguas não são raros. Não ha marcos limitando os vizinhos: a gente sabe que é de fulano ou beltrano, quando observa as ancas do gado marcadas a ferro. Mais de uma vez, um proprietário não soube me responder se a terra que cavalgavamos era sua ou do vizinho.

Em volta de certas cidades daquele sertão, ha área que é da "santa". Isto é, dedicada á padroeira local, onde qualquer individuo pôde chegar e construir sua casa, plantar sua roça á vontade; não se cobram impostos. São terras dos pobres, todo o mundo tem direito a elas. Entre a margem direita do rio Tocantins e a serra Geral, se estende uma faixa de terra boa, a caatinga, que vem desde Jalapão (Maranhão) e segue se alargando em cinco léguas ou se estreitando em uma léguia no rumo do Estado de Minas Geraes, visando Paracatú; nela o gado se extravia e se torna selvagem.

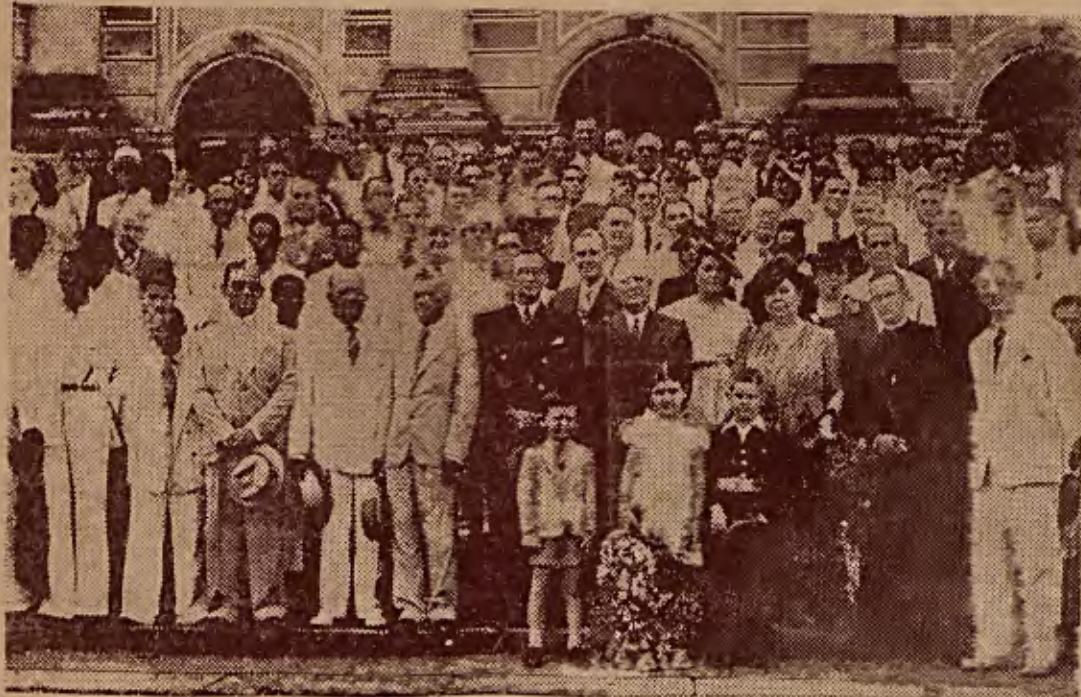
A produção principal naquela formidável superficie é o gado, que, nascido nos "geraes", é meúdo e raquitico, e, criado na caatinga, é "curraleiro" grande e gordo. Do primeiro, vale um boi 50\$000, e do segundo, pôde ir além de 200\$000. Por isso, o proprietário da terra é criador, e o dono ali é o gado. Quem trata deste é o vaqueiro.

Os vaqueiros geralmente são mestiços (feoder-micos), altos e magros. Seu biotipo, porém, não se enquadra apenas no letossomático; geralmente é enxertado de elementos atléticos. Suas façanhas realizam-se ora no agreste, ora nas caatingas, ora dentro dos rios, quando se transformam em remeiros. Desde criança sabem montar a cavalo como, tambem manejar o remo.

Para quem nasce naquelas bandas é simples obter o título de vaqueiro. É qualquer um que se apresente ao criador e faz um contrato de bóca (a honestidade é regra geral, raramente se quebra a palavra). O proprietário, quando tem uma paliça deshabitada, entrega-a ao "novato", ou então fornece os meios para construção da casa, isto é, machado e enxada. O material se encontra na Natureza. Para vaquejar ou costear recebe um cavaço arriado. O trabalho é tratar do gado, curar-lhe as bicheiras, tirar-lhe o leite na estação do "verde", saber se as rês estão na caatinga ou nos geraes, nas terras do patrão ou nas do vizinho. Lá não ha arame, este é um rio grande, por onde o gado se arreia de varar.



PASSAGEM FRANCA — O edifício onde funciona a cadeia pública



O aniversário do sr. Francisco Coelho Aguiar foi um motivo de justas alegrias para seus inúmeros amigos. Vemos aqui um aspecto tomado á porta da Catedral logo após a Missa em ação de graça.

O trabalho do vaqueiro é pago em gado: a cada 4 bezerros que nascem por ano, ele fica com um. Um bom vaqueiro toma conta de 150 vacas, quer dizer, ele ganha por ano, no máximo, 15 bezerros.

O "verde" (estaçao das chuvas) é a ocasião da ferra. O patrão tem o seu ferro de marcar e o empregado o seu "ferrinho" (quando se vê um marca meúda já se sahe que é rez de vaqueiro.) Reúnem o "rebanho". O vaqueiro laça 4 bezerros na estaca e separa um para si. Num costeio avançado o serviço é ligeiro e o dono não tem tempo de apreciar as crias. O vaqueiro escolhe para si os melhores bezerros, é natural.

Cada bezerro vale 15\$000, em média. O vaqueiro pôde vender suas "crias" ao patrão ou a outro, ou então junta-as ao gado do patrão para triscar um lucro futuro. Quasi sempre vendem-se no ato da vaquejada, pois, mais tarde, as réses podem extaviar-se. É comum, no fim de um ano e trabalho, os bezerros não darem para pagar o dinheiro ou mercadorias que o vaqueiro tomou em restado do patrão. Aliás, este dinheiro ou mercadorias são fornecidos honestamente; não há extorsão, e juros. Este fato concorda com uma regra maior ou menor geral no interior: os criadores não absam, não usurpam seus empregados da maneira chumana como procedem os donos de plantações.

Talvez a vida anímica dos criadores de animais conserve em maior proporção o sentimento de comunidade, que esmaece, em geral, nos proprietários de plantações ou de indústrias. Os primeiros dão atenção ao **individuo animal**, que além do trato geral do rebanho, exige cuidado especial; o animal exterioriza a sua dó. O dono de um cafetal, por exemplo, não se "preocupa" com a anomalia dum pé de café, o dono de um parque industrial não "sente" o desgaste de uma máquina. A destruição de um carreador de café atacado de uma doença, o abandono de uma máquina inutilizada não atingem a afetividade de seus donos. O criador de gado, ordenando "a morte" de uma rez atacada de doença infecciosa, é envolvido em regra geral, em maior ou menor grau pela noção da "dó" e da "morte". Ora, as noções da "dó" e da "morte" nivellam situações, humanizam o convívio dos homens. Dentro da atual estrutura econômica, os donos de coisas que não manifestam a sensação da "dó" (reino vegetal), que não **morrem** (máquinaria) assumem, em geral, para com os homens, seus empregados, a mesma conduta que têm para as coisas, isto é, são mafletivos.

Da grande massa de vaqueiros, alguns, entre a campêragem e o repouso, plantam cereais e um pés de algodão. Assim, comem e se vestem sem tomar dinheiro do patrão. Suas mulheres fiam



O aniversário do sr. Francisco Coelho Aguiar foi um motivo de justas alegrias para seus inúmeros amigos. Vemos aqui um aspecto tomado á porta da Catedral logo após a Missa em ação de graça.

O trabalho do vaqueiro é pago em gado: a cada 4 bezerros que nascem por ano, ele fica com um. Um bom vaqueiro toma conta de 150 vacas, quer dizer, ele ganha por ano, no máximo, 15 bezerros.

O "verde" (estaçao das chuvas) é a ocasião da ferra. O patrão tem o seu ferro de marcar e o empregado o seu "ferrinho" (quando se vê um marca meúda já se sahe que é rez de vaqueiro.) Reunem o "rebanho". O vaqueiro laça 4 bezerros na estaca e separa um para si. Num costeio avançado o serviço é ligeiro e o dono não tem tempo de apreciar as crias. O vaqueiro escolhe para si os melhores bezerros, é natural.

Cada bezerro vale 15\$000, em média. O vaqueiro pode vender suas "crias" ao patrão ou a outro, ou então junta-as ao gado do patrão para triscar um lucro futuro. Quasi sempre vendem-se no ato da vaquejada, pois, mais tarde, as réses podem extirpar-se. É comum, no fim de um ano de trabalho, os bezerros não darem para pagar o dinheiro ou mercadorias que o vaqueiro tomou em restado do patrão. Aliás, este dinheiro ou mercadorias são fornecidos honestamente; não há extorsão, e juros. Este fato concorda com uma regra maior ou menor geral no interior: os criadores não absam, não usurpam seus empregados da maneira chumana como procedem os donos de plantações.

Talvez a vida anímica dos criadores de animais conserve em maior proporção o sentimento de comunidade, que esmaece, em geral, nos proprietários de plantações ou de indústrias. Os primeiros dão atenção ao **individuo animal**, que além do trato geral do rebanho, exige cuidado especial; o animal exterioriza a sua dó. O dono de um cafetal, por exemplo, não se "preocupa" com a anomalia dum pé de café, o dono de um parque industrial não "sente" o desgaste de uma máquina. A destruição de um carreador de café atacado de uma doença, o abandono de uma máquina inutilizada não atingem a afetividade de seus donos. O criador de gado, ordenando "a morte" de uma rez atacada de doença infecciosa, é envolvido em regra geral, em maior ou menor grau pela noção da "dó" e da "morte". Ora, as noções da "dó" e da "morte" nivellam situações, humanizam o convívio dos homens. Dentro da atual estrutura econômica, os donos de coisas que não manifestam a sensação da "dó" (reino vegetal), que não **morrem** (máquinaria) assumem, em geral, para com os homens, seus empregados, a mesma conduta que têm para as coisas, isto é, são mafletivos.

Da grande massa de vaqueiros, alguns, entre a campiragem e o repouso, plantam cereais e um pés de algodão. Assim, comem e se vestem sem tomar dinheiro do patrão. Suas mulheres fiam

pelo modo mais primitivo e preparam-lhes as roupas. As medidas que usam para êsses tecidos são 1 péso (1 kg.) ou 1 vara (1,10 m.). Com 3 pesos ou 2 varas e meia fazem uma calça de algodão. Outros vivem "na época do couro" de que falou Capistrano de Abreu: Chapéu, camisa e calças de couro, e, estas são estreitas, descendo até os pés descalços.

Os que andam vestidos de tecidos de algodão fiado pelas esposas e que comem o feijão que plantaram, conseguem, no fim de dez anos, ter o seu gado, e passam a ser proprietários. Esses casos, porém, são raros.

A maioria dêles é alegre, ativa a arguta, devido às correrias nos campos e pelo contacto com a fisiologia animal, que os transformam em bons observadores. Como em todo o sertão, os campeiros são mais inteligentes (inteligência encarada como experiência) do que os lavradores, que vivem sempre fixos a um pedaço de terra, e cujo convívio com a fisionomia vegetal, menos movimentada que a animal, não os desenvolve tanto.

As relações entre proprietários de gado e de terras com seus "alugados" são as mais cordiais possíveis. **Alugado** é a expressão adotada naquela região brasileira, para os empregados em geral. Nos "pousos" ou nos costeiros, patrão e vaqueiro se misturam. O biotipo, o traje, o "esticado" (couro crú) para dormir, a carne seca comida

com as mãos, os confundem. Objetivamente, só o porte do cavalo e a qualidade dos arreios os distinguem.

Quando, antes de completar o ano de trabalho, o vaqueiro abandona o patrão ou, na expressão regional, "entrega o cavalo", perde o direito sobre as crias, sae mal visto e sem vintem.

Muitas vezes, emprega-se então como remeiros barcos que andam naqueles grandes rios.

No rio Tocantins, há quasi cem anos que êsses homens transportam mercadoria e gente para Belém. Antigamente, o ponto de partida era Palma, vila plantada no angulo do Paraná com grande Rio. Daí desciam os batelões atulhados de couros e voltavam recheados de sal. Durava viagem 6 meses. A saída e a chegada dos batelões nas vilas marginais eram comemoradas com estouros de foguetes e tanger de sinos.

As corredeiras dos rios nunca foram impecáveis para aquela gente que tacitamente, sem saber, que significavam êsses raides demonstrou, mais do que ninguém, o valor comercial das estradas ligadas do centro do paiz, que ainda hoje estão para ser aproveitadas integralmente.

Hoje, a rota dos primeiros barqueiros está modificada. Os "motores" a óleo Diesel sobem ou descem o Tocantins de Alcobaça (Pará) a Ponto Nacional (Goyaz), durante a estação do verde.

A cidade de Barreiras na Bahia, como empê-



**E'COS DO CARNAVAL** — Dentro os muitos blocos que abrilihantaram os festejos de Momo, na passada temporada carnavalesca, os "Legionários" estiveram á altura de sua fama de verdadeiros foliões. Os aspécitos que aqui apresentamos, dizem bem do valor dessa "turma" que "quiz mostrar que faz samba também". Na 1.ª foto — Clóvis M. Rodrigues, José Ramos, Jorge M. Rodrigues, Carlos R. Lima; Orlando M. Rodrigues e Ivaldo Santos. Na outra — Jorge M. Rodrigues, Carlos R. Lima, Orlando, Clóvis M. Rodrigues, Alberto Parga, Ivaldo Santos e José Ramos, na interessante crítica "A Liga das Nações", a qual obteve grande sucesso no domingo gôrâdo. São êles árabe, português, tiroles, chinês, abissinio, malai e japonês, respectivamente

pelo modo mais primitivo e preparam-lhes as roupas. As medidas que usam para êsses tecidos são 1 péso (1 kg.) ou 1 vara (1,10 m.). Com 3 pesos ou 2 varas e meia fazem uma calça de algodão. Outros vivem "na época do couro" de que falou Capistrano de Abreu: Chapéu, camisa e calças de couro, e, estas são estreitas, descendo até os pés descalços.

Os que andam vestidos de tecidos de algodão fiado pelas esposas e que comem o feijão que plantaram, conseguem, no fim de dez anos, ter o seu gado, e passam a ser proprietários. Esses casos, porém, são raros.

A maioria dêles é alegre, ativa a arguta, devido às correrias nos campos e pelo contacto com a fisiologia animal, que os transformam em bons observadores. Como em todo o sertão, os campeiros são mais inteligentes (inteligência encarada como experiência) do que os lavradores, que vivem sempre fixos a um pedaço de terra, e cujo convívio com a fisionomia vegetal, menos movimentada que a animal, não os desenvolve tanto.

As relações entre proprietários de gado e de terras com seus "alugados" são as mais cordiais possíveis. **Alugado** é a expressão adotada naquela região brasileira, para os empregados em geral. Nos "pousos" ou nos costeiros, patrão e vaqueiro se misturam. O biotipo, o traje, o "esticado" (couro crú) para dormir, a carne seca comida

com as mãos, os confundem. Objetivamente, só o porte do cavalo e a qualidade dos arreios os distinguem.

Quando, antes de completar o ano de trabalho, o vaqueiro abandona o patrão ou, na expressão regional, "entrega o cavalo", perde o direito sobre as crias, sae mal visto e sem vintem.

Muitas vezes, emprega-se então como remeiros barcos que andam naqueles grandes rios.

No rio Tocantins, há quasi cem anos que êsses homens transportam mercadoria e gente para Belém. Antigamente, o ponto de partida era Palma, vila plantada no angulo do Paraná com grande Rio. Daí desciam os batelões atulhados de couros e voltavam recheados de sal. Durava viagem 6 meses. A saída e a chegada dos batelões nas vilas marginais eram comemoradas com estouros de foguetes e tanger de sinos.

As corredeiras dos rios nunca foram impecáveis para aquela gente que tacitamente, sem saber, que significavam esses raides demonstrou, mais do que ninguém, o valor comercial das estradas ligadas do centro do paiz, que ainda hoje estão para ser aproveitadas integralmente.

Hoje, a rota dos primeiros barqueiros está modificada. Os "motores" a óleo Diesel sobem ou descem o Tocantins de Alcobaça (Pará) a Ponto Nacional (Goyaz), durante a estação do verde.

A cidade de Barreiras na Bahia, como empê-



**E'COS DO CARNAVAL** — Dentro os muitos blocos que abrilihantaram os festejos de Momo, na passada temporada carnavalesca, os "Legionários" estiveram á altura de sua fama de verdadeiros foliões. Os aspécitos que aqui apresentamos, dizem bem do valor dessa "turna" que "quiz mostrar que faz samba também". Na 1.ª foto — Clóvis M. Rodrigues, José Ramos, Jorge M. Rodrigues, Carlos R. Lima; Orlando M. Rodrigues e Ivaldo Santos. Na outra — Jorge M. Rodrigues, Carlos R. Lima, Orlando, Clóvis M. Rodrigues, Alberto Parga Ivaldo Santos e José Ramos, na interessante crítica "A Liga das Nações", a qual obteve grande sucesso no domingo gôrâdo. São êles árabe, português, tiroles, chinês, abissinio, malai e japonês, respectivamente

rio de todo o sertão que se estende da curva do S. Francisco ao Tocantins deslocou a função comercial de Belém. O comércio deixou de ser feito unicamente pelo transporte fluvial para ser mantido pelos lombos de muares. Ha 40 anos os costumes da Bahia, os hábitos das margens do S. Francisco estão sendo transportados para o Tocantins.

Os romeiros atuais limitam-se apenas a ligar as pequenas distâncias (80,40 km.) entre as vilas ribeirinhas; em viagens de quinze, oito dias (ida e volta).

Usam camisa e calças de algodão, que às vezes, são curtas. O chapéu de carnaúba laçado ao pescoço deixa ver a fisionomia acobreada e angulosa dos remeiros, cujos bustos atleticos, nus, mostram vivamente desenhada, a anatomia dos intercostais. Suas remadas são de três, quatro horas. Cansam-se mais do que deveriam, com o físico que apresentam. Fossem bem alimentados possivelmente seriam gigantes.

Estão sempre alegres, cantando, falando, dizendo chistes ou gritando. São campeiros que trocam as correrias dos pingos pela viagem lenta do batelão. Este, tem de cada lado uma prancha que serve para "varejar"; o movimento ritmico é feito da proa ao meio do barco. Procuram sempre as margens ou as praias do meio para alcançarem o leito que, não sendo encontrado, obriga a "vogar", com os remos de "faia", alceados numa forquilha ("faia", não significa qualidade de madeira, mas a fórmula do remo que lembra o que se usa nas ioles). Preferem a "vara" porque o barco anda mais ligeiro; dizem que ela "chia" quando encontra o fundo.

Constantemente chama o barco de "boi", pois o inconsciente deles se desenvolveu na vida campestre. E como "boi", para andar direito, precisa ser xingado, ouve-se o dia inteiro nomes dos mais inocentes aos de mais baixo calão, dirigidos ao pobre barco. Quando cantam a toada lembra sempre a do "abô". E, por reversibilidade, quando vivem é no vaqueiros, empregam vocábulos tirados do trabalho nos rios. Assim, o cavaleiro que se achega a uma casa é recebido com a frase "vamos encostar" em vez de "vamos apeiar" como se usa no sul".

Os remeiros dos batelões adotam nas viagens os mesmos métodos pelos quais, quando vaqueiros, condizem o gado. Nas margens desertas dos rios correm nas planuras dos "geraes" têm sempre um local escolhido para o pouso ao relento. Atracado o barco, fazem um fogo, onde suspendem o caldeirão de ferro em que cozinham carne seca com arroz, e esquentam o café que se preparou pela manhã e foi conservado num bule de Flâne. A fumaça afugenta os mosquitos e o caíra noite os encontra chalreando ou contando



As gentis senhoritas Leonete e Diana, filhas do casal Leão e Ana Azebel, em suas fantacias carnavalescas

histórias que resumiram coisas campestres.

Suas lendas não se fundam exclusivamente em motivos daqui como na Amazonia, nem são estritamente do pastoreio, como no Sul. Misturam os motivos daqui com os do campo.

Uma das mais generalizadas é a do "Mané Cantador". Trata-se de um herói que deixou o campo para se tornar barqueiro e que regressa à campeiragem. Voltando encontra sua palhoca derrubada. A roça queimada, o cavalo morto. A única coisa que o aguardava era a namorada, com tristeza nos olhos e magreza no corpo. Soube que quem fez a malvadeza foi o "Zé Caôlho" (demonio), de vingança... por não ter conseguido conquistar a bem-amada do herói. O "Mané Cantador" promove então um "ajunto", os vaqueiros deixam o trabalho e vão à casa do vigário, que se assusta com a fila de cavaleiros formados em sua porta, julgando serem pedintes da esmola do "Divino". "Mané Cantador" resiste-se, pede ao padre, o "alvará" para matar o "Zé Caôlho". O vigário nega, o "ajunto" desconfia que o padre tem parte com o "Zé Coelho" e resolve procurar o malfeitor. Surgem então as

rio de todo o sertão que se estende da curva do S. Francisco ao Tocantins deslocou a função comercial de Belém. O comércio deixou de ser feito unicamente pelo transporte fluvial para ser mantido pelos lombos de muares. Ha 40 anos os costumes da Bahia, os hábitos das margens do S. Francisco estão sendo transportados para o Tocantins.

Os romeiros atuais limitam-se apenas a ligar as pequenas distâncias (80,40 km.) entre as vilas ribeirinhas; em viagens de quinze, oito dias (ida e volta).

Usam camisa e calças de algodão, que às vezes, são curtas. O chapéu de carnaúba laçado ao pescoço deixa ver a fisionomia acobreada e angulosa dos remeiros, cujos bustos atleticos, nus, mostram vivamente desenhada, a anatomia dos intercostais. Suas remadas são de três, quatro horas. Cansam-se mais do que deveriam, com o físico que apresentam. Fossem bem alimentados possivelmente seriam gigantes.

Estão sempre alegres, cantando, falando, dizendo chistes ou gritando. São campeiros que trocam as correrias dos pingos pela viagem lenta do batelão. Este, tem de cada lado uma prancha que serve para "varejar"; o movimento ritmico é feito da prôa ao meio do barco. Procuram sempre as margens ou as praias do meio para alcançarem o leito que, não sendo encontrado, obriga a "vogar", com os remos de "faia" alceados numa forquilha ("faia", não significa qualidade de madeira, mas a fórmula do remo que lembra o que se usa nas ioles). Preferem a "vara" porque o barco anda mais ligeiro; dizem que ela "chia" quando encontra o fundo.

Constantemente chama o barco de "boi", pois o inconsciente deles se desenvolveu na vida campestre. E como "boi", para andar direito, precisa ser xingado, ouve-se o dia inteiro nomes dos mais inocentes aos de mais baixo calão, dirigidos ao pobre barco. Quando cantam a toada lembra sempre a do "abô". E, por reversibilidade, quando vivem e no vaqueiros, empregam vocábulos tirados do trabalho nos rios. Assim, o cavaleiro que se achega a uma casa é recebido com a frase "vamos encostar" em vez de "vamos apeiar" como se usa no sul".

Os remeiros dos batelões adotam nas viagens os mesmos métodos pelos quais, quando vaqueiros, condizem o gado. Nas margens desertas dos rios comem nas planuras dos "geraes" têm sempre um local escolhido para o pouso ao relento. Atracado o barco, fazem um fogo, onde suspendem o caldeirão de ferro em que cozinham carne seca com arroz, e esquentam o café que se preparou pela manhã e foi conservado num bule de Flâne. A fumaça afugenta os mosquitos e o caíra noite os encontra chalreando ou contando



As gentis senhoritas Leonete e Diana, filhas do casal Leão e Ana Azebel, em suas fantacias carnavalescas

histórias que resumiram coisas campestres.

Suas lendas não se fundamentam exclusivamente em motivos daqui como na Amazonia, nem são estritamente do pastoreio, como no Sul. Misturam os motivos daqui com os do campo.

Uma das mais generalizadas é a do "Mané Cantador". Trata-se de um herói que deixou o campo para se tornar barqueiro e que regressa à campeiragem. Voltando encontra sua palhoca derrubada. A roça queimada, o cavalo morto. A única coisa que o aguardava era a namorada, com tristeza nos olhos e magreza no corpo. Soube que quem fez a malvadeza foi o "Zé Caôlho" (demonio), de vingança... por não ter conseguido conquistar a bem-amada do herói. O "Mané Cantador" promove então um "ajunto", os vaqueiros deixam o trabalho e vão à casa do vigário, que se assusta com a fila de cavaleiros formados em sua porta, julgando serem pedintes da esmola do "Divino". "Mané Cantador" resiste-se, pede ao padre, o "alvará" para matar o "Zé Caôlho". O vigário nega, o "ajunto" desconfia que o padre tem parte com o "Zé Coelho" e resolve procurar o malfeitor. Surgem então as

# DE GOETHE

## A CANÇÃO DO REI DE THULE

Houve um Rei de Thule, que era  
mais fiel do que nenhum rei.  
A amante, ao morrer, lhe dera  
um copo de ouro de lei.

Era o bem que mais presava  
e mais gostava de usar;  
e quanto mais o esvaziava  
mais, enchia de agua o olhar

Quando sentia que morria,  
o seu reino inventariou  
e tudo quanto possuia,  
menos o copo dóou.

Depois, sentando-se á mesa,  
fez os vassalos chamar  
á sala de mais nobreza  
do castelo, sobre o mar.

E ele ergue-se acabrunhado  
bebe o ultimo góle então  
e atira o cópo sagrado  
ás ondas que em baixo estão.

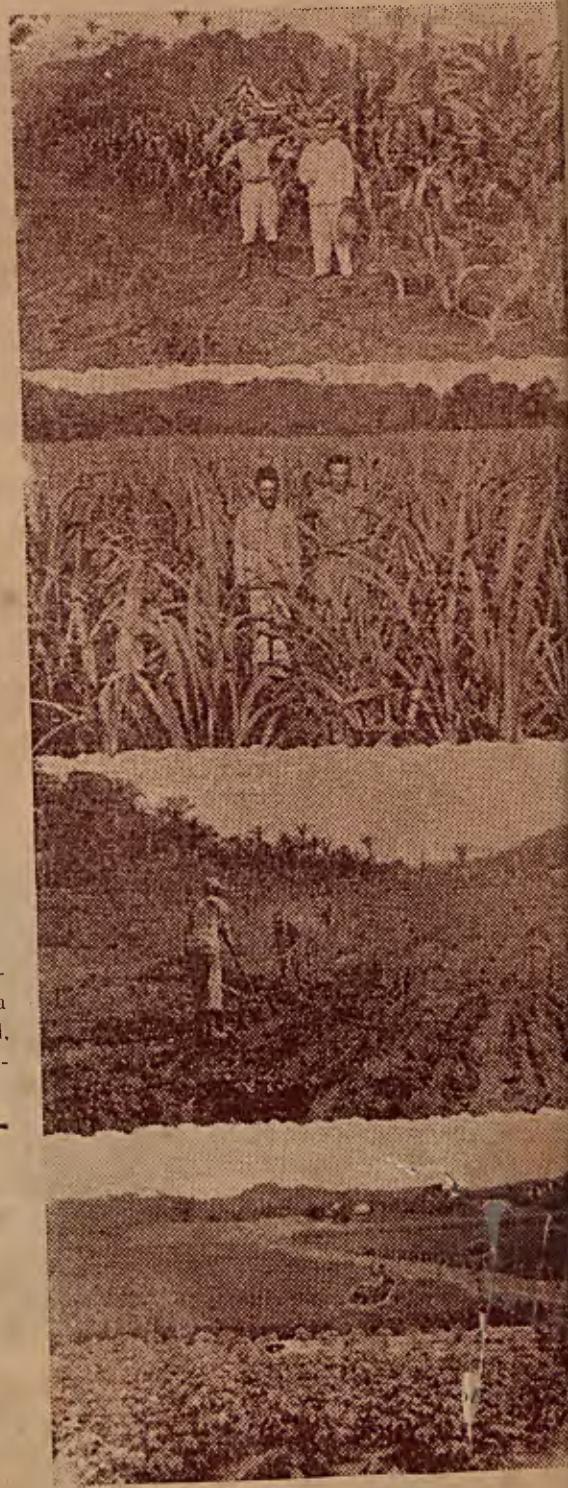
Viu-o flutuar e afundar-se,  
que o mar encheu de seus ais...  
Sentiu a vista enevoar-se;  
E não bebeu nunca mais!

Trad.: **Guilherme Almeida**, São Paulo

Guilherme de Almeida, da Academia Brasileira,  
digno Presidente da Associação de Imprensa  
Paulista, insigne representante do Brasil intelectual,  
traduziu primorosamente a poesia de Johann Wolfgang von Goethe: O Rei de Thule.



**Alberto Walter Meneses**, coletor estadual e figura de destaque no meio social



**MARANHÃO AGRÍCOLA** — Vários aspéctos  
campos de cooperação agrícola no município  
Pedreiras, sob a criteriosa orientação técnica  
agrónomo dr. Ariston Ribeiro

# DE GOETHE

## A CANÇÃO DO REI DE THULE

Houve um Rei de Thule, que era  
mais fiel do que nenhum rei.  
A amante, ao morrer, lhe dera  
um copo de ouro de lei.

Era o bem que mais presava  
e mais gostava de usar;  
e quanto mais o esvaziava  
mais, enchia de agua o olhar.

Quando sentia que morria,  
o seu reino inventariou  
e tudo quanto possuia,  
menos o copo dóou.

Depois, sentando-se á mesa,  
fez os vassalos chamar  
á sala de mais nobreza  
do castelo, sobre o mar.

E ele ergue-se acabrunhado  
bebe o ultimo góle então  
e atira o cópo sagrado  
ás ondas que em baixo estão.

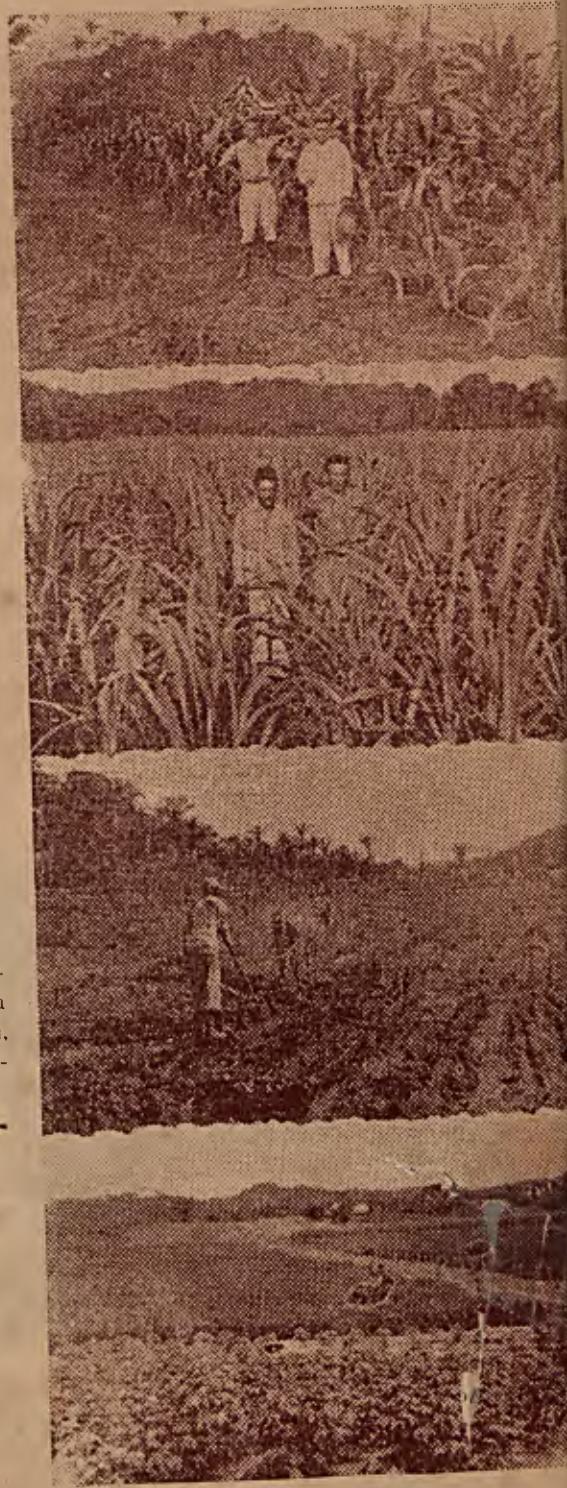
Viu-o flutuar e afundar-se,  
que o mar encheu de seus ais...  
Sentiu a vista enevoar-se;  
E não bebeu nunca mais!

Trad.: **Guilherme Almeida**, São Paulo

Guilherme de Almeida, da Academia Brasileira,  
digno Presidente da Associação de Imprensa  
Paulista, insigne representante do Brasil intelectual,  
traduziu primorosamente a poesia de Johann Wolfgang von Goethe: O Rei de Thule.



**Alberto Walter Meneses**, coletor estadual e figura de destaque no meio social



**MARANHÃO AGRÍCOLA** — Vários aspectos  
campos de cooperação agrícola no município  
Pedreiras, sob a criteriosa orientação técnica  
agrônomo dr. Ariston Ribeiro

# ARIMATE'A

I

Nasceu pobre, no cláustro da tristeza,  
—Pequenina centelha, espavorida,  
Expargindo, com rútila pureza,  
Fios de sol nos trêmulos da Vida.

Sorriu-me, nesse dia, a Natureza,  
E no ólvido lancei a insana lida...  
Novo mundo, radiante de beleza,  
Despertava minh'alma entristecida.

Nasceu pobre, e, na minha soledade,  
Irrompeu o verdor das primaveras,  
E a treva, transmudou-se em claridade!

Sob um céu de mais amplo descortino,  
Clareou-se, à luz de matinais quiméras,  
O recesso abismal do meu destino!

II

Já não serei eternamente um triste...  
Rasgam-me as trevas do medonho tédio  
Os risos de meu filho... E acaso existe  
Mais sublime e balsamico remédio?

Não! E a felicidade só consiste  
No sonho, embora passageiro. Pede-o  
O espírito cansado, que resiste  
Ao labor, se lhe vem um raião, nédeo.

De lédida esperança. E já meu filho  
Me enterrece, ao fazer tantas gracinhas,  
Quas se ameniza a róta que palmilho!

Ei-lo agora, travesso, pelos cantos  
Da cesa. E como é lindo, — rei das minhas  
Alegrias, alívio dos meus prantos!

aventuras, que se passam ora no campo, ora nos rios. A narrativa é entremeada de trechos cantados. Cada narrador acrescenta uma passagem tirada de sua imaginação ou de sua experiência. Riem e se divertem ouvindo essa historia, cuja textura, brota da vida livre, corajosa e solidaria, à qual, aqueles homens estão afetos, tanto nos campos como nos rios.

III

Fechou-se o véu na Noite sobre mim,  
No estertor de terrífica surpresa:  
Meu filho, que era a luz, o sol, enfim,  
O mundo dos meus sonhos, a riqueza

Do meu lar, jaz no pélago do Fim!...  
Sempre foi de sarcástica aspereza  
A minha sorte. Mas, tão rude assim,  
Nunca a supus... Que trágica bruteza!

Quando, em busca do pão, parti sózinho,  
Que delícias de vida, então, sonhei,  
Para quando revisse meu filhinho!

E quando fui buscá-lo... Que momento!  
Sua mãe soluçava... E, ali, chorei,  
—Frágil tronco, partido pelo vento!...

IV

Morreu num pálpito de tempo, como  
Se fosse um passarinho. Que gorgeios,  
Que nótulas solitára! Mas, no assomo  
De férta sorte, foram-se os enclios...

E o favo da Saudade, amargo pomo,  
No turbilhão de atrozes devaneios,  
Sugere-me a ciúta... Mas o como,  
—Acre fruto de téticos anseios!

Defronta-se-me, agora, o infino espaço,  
A voragem sinistra que me espera,  
—Eu que vou pela escarpa do Causão!

A dôr de haver perdido meu filhinho  
E' dôr que me fustiga e me exaspera,  
—Canário morto... Solitário ninho...

RIBAMAR RAMOS

# ARIMATE'A

I

Nasceu pobre, no cláustro da tristeza,  
—Pequenina centelha, espavorida,  
Expargindo, com rútila pureza,  
Fios de sol nos trêmulos da Vida.

Sorriu-me, nesse dia, a Natureza,  
E no ólvido lancei a insana lida...  
Novo mundo, radiante de beleza,  
Despertava minh'alma entristecida.

Nasceu pobre, é, na minha soledade,  
Irrompeu o verdor das primaveras,  
E a treva, transmudou-se em claridade!

Sob um céu de mais amplo descortino,  
Clareou-se, à luz de matinais quiméras,  
O recesso abismal do meu destino!

II

Já não serei eternamente um triste...  
Rasgam-me as trevas do medonho tédio  
Os risos de meu filho... E acaso existe  
Mais sublime e balsamico remédio?

Não! E a felicidade só consiste  
No sonho, embora passageiro. Pede-o  
O espírito cansado, que resiste  
Ao labor, se lhe vem um raião, nédio.

De lédida esperança. E já meu filho  
Me entretém, ao fazer tantas gracinhas,  
Quem se ameniza a róta que palmilho!

Ei-lo agora, travesso, pelos cantos  
Da cesa. E como é lindo, — rei das minhas  
Alegrias, alívio dos meus prantos!

aventuras, que se passam ora no campo, ora nos rios. A narrativa é entremeada de trechos cantados. Cada narrador acrescenta uma passagem tirada de sua imaginação ou de sua experiência. Riem e se divertem ouvindo essa historia, cuja textura, brota da vida livre, corajosa e solidaria, à qual, aqueles homens estão afetos, tanto nos campos como nos rios.

III

Feechou-se o véu na Noite sobre mim,  
No estertor de terrífica surpresa:  
Meu filho, que era a luz, o sol, enfim,  
O mundo dos meus sonhos, a riqueza

Do meu lar, jaz no pélago do Fim!...  
Sempre foi de sarcástica aspereza  
A minha sorte. Mas, tão rude assim,  
Nunca a supus... Que trágica bruteza!

Quando, em busca do pão, parti sózinho,  
Que delícias de vida, então, sonhei,  
Para quando revisse meu filhinho!

E quando fui buscá-lo... Que momento!  
Sua mãe soluçava... E, ali, chorei,  
—Frágil tronco, partido pelo vento!...

IV

Morreu num pálpito de tempo, como  
Se fosse um passarinho. Que gorgeios,  
Que nótulas solitára! Mas, no assomo  
De férta sorte, foram-se os enleios...

E o favo da Sardade, amargo pomo,  
No turbilhão de atrozes devaneios,  
Sugere-me a ciúta... Mas o como,  
—Acre fruto de téticos anseios!

Defronta-se-me, agora, o infino espaço,  
A voragem sinistra que me espera,  
—Eu que vou pela escarpa do Causão!

A dôr de haver perdido meu filhinho  
E dôr que me fustiga e me exaspera,  
—Canário morto... Solitário ninho...

RIBAMAR RAMOS

# A Moda em Revista



Escolha: gentil patrícia, dos três modelos o vosso vestido. A mulher é como a flor, encanta e adorna, mas para melhormente aparecer precisa de bons vestidos e magníficos modelos, como estes.

# A Moda em Revista



Escolha: gentil patrícia, dos três modelos o vosso vestido. A mulher é como a flor, encanta e adorna, mas para melhormente aparecer precisa de bons vestidos e magníficos modelos, como estes.



Eis aí quatro lindos vestidos. Simplicidade, cores sóbrias, talhe elegante, graça festiva das mulheres lindas



Eis aí quatro lindos vestidos. Simplicidade, cores sóbrias, talhe elegante, graça festiva das mulheres lindas



ATENAS oferece aqui a suas gentilissimas leitoras êsses três lindos modelos de vestido de passeio; Bordados ricos, nas mangas e na cintura; plissados, franzidos, côres festivas, chapéus "à dernier cri", toda a beleza feminina na surpreendente revelação da arte de bem vestir

Pela atitude ajuiza-se a enfibratura do indivíduo. Aquêle que se mantem ereto, sobranceiro, alinhado; que olha para a frente e pisa firme — pôde-se dizer que é varonil, capaz de encarar os problemas da vida com a coragem, retidão e dignidade, ao contrário do indivíduo frouxo, mole, desleixado, encostador e descuidado de maneiras, para o qual tudo deve correr do mesmo modo, isto

Cumpre saber submetermo-nos ao que a opinião pública tem de justo e de aceitável, e quanto ao mais, seguir unicamente a própria conciênciia, aceitando, se necessário, as injustiças da opinião sem nos perturbarmos. — J. Simon

é, no "laissez aller", no relaxamento e na indolênciia. — Renato Kahl



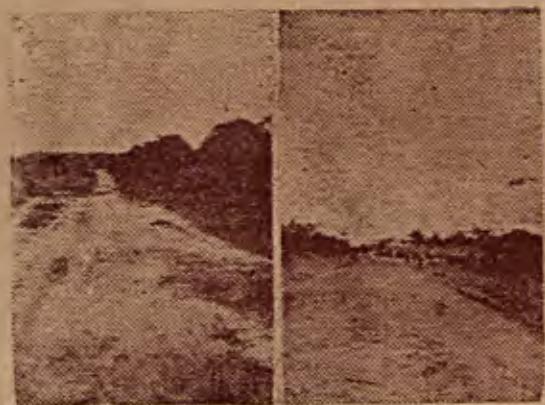
ATENAS oferece aqui a suas gentilissimas leitoras êsses três lindos modelos de vestido de passeio. Bordados ricos, nas mangas e na cintura; plissados, franzidos, côres festivas, chapéus "à dernier cri", toda a beleza feminina na surpreendente revelação da arte de bem vestir.

Pela atitude ajuiza-se a enfibratura do indivíduo. Aquêle que se mantem ereto, sobranceiro, alinhado; que olha para a frente e pisa firme — pôde-se dizer que é varonil, capaz de encarar os problemas da vida com a coragem, retidão e dignidade, ao contrário do indivíduo frouxo, mole, desleixado, encostador e descuidado de maneiras, para o qual tudo deve correr do mesmo modo, isto

Cumpre saber submetermo-nos ao que a opinião pública tem de justo e de aceitável, e quanto ao mais, seguir unicamente a própria conciênciia, aceitando, se necessário, as injustiças da opinião sem nos perturbarmos. — **J. Simon**

é, no "laissez aller", no relaxamento e na indolênciia. — **Renato Kahl**

## RODOVIAS MARANHENSES



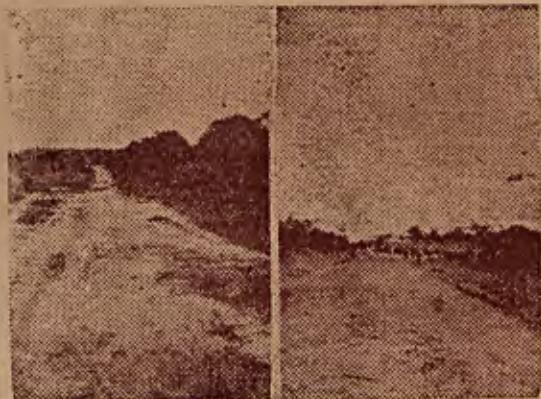
**RODOVIAS MARANHENSES:** — Dois aspectos das rodovias maranhenses: 1) Estrada de Caxias — Coêlho Neto; 2) outro trecho da magnífica rodagem



Sr. João Leão Pires, primeiro tabelião de notas em Barra do Corda e figura de destaque no meio social

Um sapato bem feito faz realçar o porte da senhora elegante. E' um adôrno de que depende muitas vêses o donaire de u'a mulher

## RODOVIAS MARANHENSES



**RODOVIAS MARANHENSES:** — Dois aspectos das rodovias maranhenses: 1) Estrada de Caxias — Coelho Neto; 2) outro trecho da magnífica rodagem



Sr. João Leão Pires, primeiro tabelião de notas em Barra do Corda e figura de destaque no meio social

Um sapato bem feito faz realçar o porte da senhora elegante. E' um adôrno de que depende muitas vêses o donaire de u'a mulher



A hora mais solene da inauguração do Novo Quartel do 24 B/C., a do hasteamento da Bandeira Nacional, pelo sr. general Meira Vasconcelos

Traje-se com simplicidade e discrição, atendendo á moda no que tem de racional e de bom gosto, não se deixando, entretanto, escravizar aos caprichos inconstantes de modernismos bizarros e imbecis. — **Renato Kehl**

A polidez é um misto de discrição, de civi-  
lidade, de complacência e de circunspeção, acon-  
panhado de um ar agradável que se espalha em  
tudo o que se diz ou se faz. — **Saint-Eevremonde**



A hora mais solene da inauguração do Novo Quartel do 24 B/C., a do hasteamento da Bandeira Nacional, pelo sr. general Meira Vasconcelos

Traje-se com simplicidade e discrição, atendendo á moda no que tem de racional e de bom gosto, não se deixando, entretanto, escravizar aos caprichos inconstantes de modernismos bizarros e imbecis. — **Renato Kehl**

A polidez é um misto de discrição, de civi-  
lidade, de complacência e de circunspeção, acon-  
panhado de um ar agradável que se espalha em  
tudo o que se diz ou se faz. — **Saint-Eevremond**

Tenha "linha", tenha atitude, apresente-se em posição distinta, em todas as ocasiões, em casa, na rua, na sociedade. É indispensável que todos se compenetrem de que nascem com elementos para se manterem em boa posição, em postura distinta, em atitude condigna com as regras elementares da cívilitade. — Renato Hehl

## Dr. A. Pires Ferreira

Abrimos colunas festivas para o registro do aniversário natalício de nosso presado amigo e redator, dr. A. Pires Ferreira, cuja efemeride auspiciosa assinala o 27 de junho próximo.

E'-nos muito grato comemorar essa data, mes-



o aniversariante é um nome que honra as letras maranhenses. Membro destacado da Academia Maranhense de Letras, jornalista e redator de **ATHENAS**, o presado amigo é atualmente o diretor da P. R. J-9 emissora local, a que dá a sua criteriosa orientação, gozando de um largo círculo de relações sociais e de inúmeros amigos que lhe admiram as superiores qualidades de espírito e de coração. Ribamar Pinheiro, terá, no dia de seus anos, os parabens festivos de todos nós.

**ATHENAS** com um sincero abraço cumprimenta-o, antecipadamente, pela data.

mo ferindo a excessiva modéstia do homenageado.

Médico de um largo círculo de relações sociais, dedicado ao extremo à sua nobre profissão; trabalhador e estudioso, o dr. A. Pires Ferreira impõe-se perante os seus concidadãos pelo seu apurado moral, pelas excelentes qualidades de coração, pelas suas benemerências de moço digno e de maranhense distinto.

Na sua profissão de médico, na sua vida de homem de sociedade, nos seus afazeres e nas inúmeras atividades da sua existência, o digno aniversariante revela-se sempre um cavalheiro, uma pessoa capaz, um cidadão de reconhecidas virtudes morais e cívicas.

**ATHENAS** tem, pois, muita satisfação em fazer este registo, antecipando os parabéns pela data com as homenagens de sua admiração ao presado aniversariante.

De nada vale tentar ajudar aqueles que não se ajudam a si mesmos — Confucio

Tenha "linha", tinha atitude, apresente-se em posição distinta, em todas as ocasiões, em casa, na rua, na sociedade. É indispensável que todos se compenetrem de que nasceram com elementos para se manterem em boa posição, em postura distinta, em atitude condigna com as regras elementares da cívildade. — Renato Hehl

## Dr. A. Pires Ferreira

Abrimos colunas festivas para o registro do aniversário natalício de nosso presado amigo e redator, dr. A. Pires Ferreira, cuja efemeride auspiciosa assinala o 27 de junho próximo.

E'-nos muito grato comemorar essa data, mes-

## Ribamar Pinheiro

As musas ornamentarão as festivas horas do dia treze de junho, data que assinala o aniversário natalício do nosso digno amigo e brilhante poeta Ribamar Pinheiro.

Homem de inteligencia, aédo primoroso, e cantor das belezas da vida, em ritmos que são profundamente humanos, porque sinceramente sentidos,



o aniversariante é um nome que honra as letras maranhenses. Membro destacado da Academia Maranhense de Letras, jornalista e redator de **ATHENAS**, o presado amigo é atualmente o diretor da P. R. J-9 emissora local, a que dá a sua criteriosa orientação, gozando de um largo círculo de relações sociais, e de inúmeros amigos que lhe admiram as superiores qualidades de espírito e de coração. Ribamar Pinheiro, terá, no dia de seus anos, os parabens festivos de todos nós.

**ATHENAS** com um sincero abraço cumprimenta-o, antecipadamente, pela data.



mo ferindo a excessiva modéstia do homenageado.

Médico de um largo círculo de relações sociais, dedicado ao extremo à sua nobre profissão; trabalhador e estudosso, o dr. A. Pires Ferreira impõe-se perante os seus concidadãos pelo seu apreço moral, pelas excelentes qualidades de coração, pelas suas benemerências de moço digno e de maranhense distinto.

Na sua profissão de médico, na sua vida de homem de sociedade, nos seus afazeres e nas inúmeras atividades da sua existência, o digno aniversariante revela-se sempre um cavalheiro, uma pessoa capaz, um cidadão de reconhecidas virtudes morais e cívicas.

**ATHENAS** tem, pois, muita satisfação em fazer este registo, antecipando os parabéns pela data com as homenagens de sua admiração ao presado aniversariante.

De nada vale tentar ajudar aqueles que não se ajudam a si mesmos — Confucio





FLORIANO.

A

ONDE AGORA E' FLORESTA, ONDE AGORA HA DESERTOS,  
 A CRUZ NASCEU TALVEZ NALGUM DÉSSES LUGARES;  
 TALVEZ O SEU PERFIL VENHA DOS MILENARES  
 CONTINENTES QUE ESTÃO PELAS AGUAS COBERTOS.

C

A CRUZ E' DÔR E AMÔR AOS SENTIDOS DESPERTOS  
 NA PAIXÃO DE JESUS E SUBIDA AOS ALTARES;  
 E' A CRUZ O HOMEM VOLTADO AOS PLANOS ESTELARES,  
 O INFINITO A SONDAR, TENDO OS BRAÇOS ABERTOS.

R

O TRONCO EXPERIMENTA O VÔO SIDERAL,  
 OS BRAÇOS A SANGRAR, POBRES AZAS CATIVAS,  
 DEBATEM-SE ROMPENDO O GRILHÃO TERREAL.

U

SEU DESTINO, PORE'M, E' CONSTELAR O AZUL,  
 E' INSCREVER NOUTROS CÉUS, EM NOVAS PERSPECTIVAS,  
 O CONTORNO IMORTAL DO CRUZEIRO DO SUL.

Z

*Clarindo Santiago*

ONDE AGORA E' FLORESTA, ONDE AGORA HA DESERTOS,  
 A CRUZ NASCEU TALVEZ NALGUM DÉSSES LUGARES;  
 TALVEZ O SEU PERFIL VENHA DOS MILENARES  
 CONTINENTES QUE ESTÃO PELAS AGUAS COBERTOS.

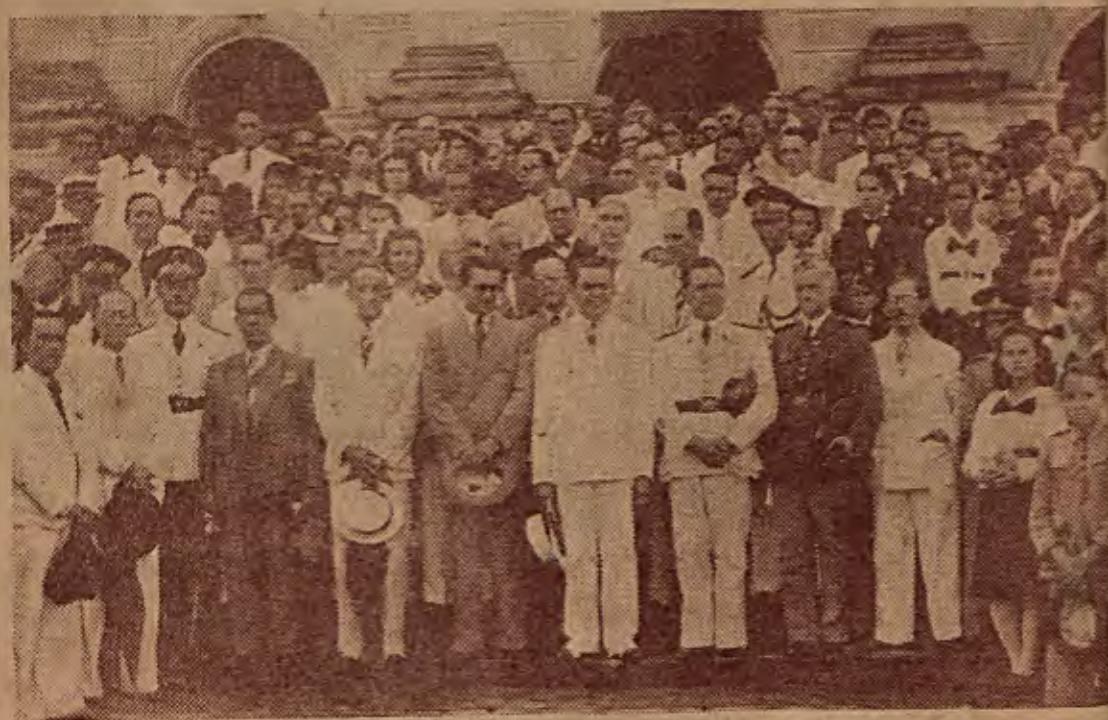
A CRUZ E' DÔR E AMÔR AOS SENTIDOS DESPERTOS  
 NA PAIXÃO DE JESUS E SUBIDA AOS ALTARES;  
 E' A CRUZ O HOMEM VOLTADO AOS PLANOS ESTELARES,  
 O INFINITO A SONDAR, TENDO OS BRAÇOS ABERTOS.

O TRONCO EXPERIMENTA O VÔO SIDERAL,  
 OS BRAÇOS A SANGRAR, POBRES AZAS CATIVAS,  
 DEBATEM-SE ROMPENDO O GRILHÃO TERREAL.

SEU DESTINO, PORE'M, E' CONSTELAR O AZUL,  
 E' INSCREVER NOUTROS CÉUS, EM NOVAS PERSPECTIVAS,  
 O CONTORNO IMORTAL DO CRUZEIRO DO SUL.

*Clarindo Santiago*

# O aniversario do Interventor



O aniversário de s. excia. o dr. Paulo Ramos, foi um acontecimento de suma relevancia social. Aqui vemos o homenageado, logo após a Missa em ação de Graças, na Catedral do Maranhão. O digno Interventor acha-se cercado de altas autoridades civis e militares e de elementos mais destacados de

nossa terra

O que se desperdiça para o trabalho com as noitadas inúteis, não se lhe recobra com as manhãs de extemporâneo dormir, ou tarde de cansado lutar. — **Ruy Barbosa**

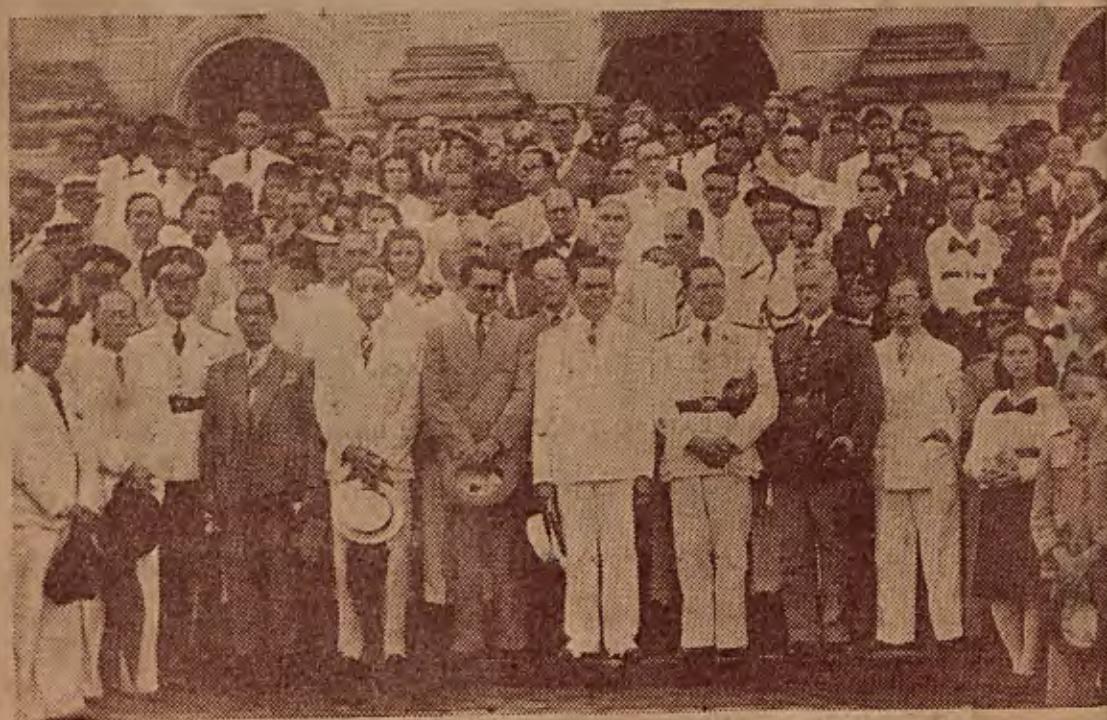
Que o honra de seu vizinho lhe seja tão caro como a sua — **XXX**

Perdeu-se bem pouco, quando se conservou a honra — **Voltaire**

As boas maneiras não são causa fútil, mas

fruto de natureza nobre e de espírito leal — **Emerson**

# O aniversario do Interventor



O aniversário de s. excia. o dr. Paulo Ramos, foi um acontecimento de suma relevância social. Aqui vemos o homenageado, logo após a Missa em ação de Graças, na Catedral do Maranhão. O digno Interventor acha-se cercado de altas autoridades civis e militares e de elementos mais destacados de

nossa terra

O que se desperdiça para o trabalho com as noitadas inúteis, não se lhe recobra com as manhãs de extemporâneo dormir, ou tarde de cansado lamber. — **Ruy Barbosa**

Que o honra de seu vizinho lhe seja tão caro como a sua — **XXX**

Perdeu-se bem pouco, quando se conservou a honra — **Voltaire**

As boas maneiras não são causa fútil, mas fruto de natureza nobre e de espírito leal — **Emerson**

# ASAS VITORIOSAS LIGAM S. LUIZ AO SERTÃO

Numa brilhante iniciativa do governo maranhense, o Sindicato Condor Ltda. acaba de inaugurar mais uma linha aérea ligando a nossa capital,

aos mais afastados rincões sertanejos.

Essa magnifica realização, que, de modo impressionante, se impõe aos aplausos de todos nós,



Aspecto apanhado em Lorêto, vendo-se o sr. José do Egito Coelho, prefeito municipal e sua dileta filha Dinah



Aspécito de chegada em Balsas, ponto terminal da linha

# ASAS VITORIOSAS LIGAM S. LUIZ AO SERTÃO

Numa brilhante iniciativa do governo maranhense, o Sindicato Condor Ltda. acaba de inaugurar mais uma linha aérea ligando a nossa capital,

aos mais afastados rincões sertanejos.

Essa magnifica realização, que, de modo impressionante, se impõe aos aplausos de todos nós,



Aspecto apanhado em Lorêto, vendo-se o sr. José do Egito Coêlho, prefeito municipal e sua dileta filha Dinah



Aspécito de chegada em Balsas, ponto terminal da linha

# Cel. Luso Torres

Alma fidalga, iluminada pela simplicidade que o projeta num angulo simpático de sua vida de cidadão dos mais ilustres de nossa terra, Luso Torres, poeta, jornalista, homem de cultura, traz, no seu nome, o signo luminoso de seu destino.

E' luz, no alto de uma torre a luzir como uma dadiva de Atenas, ou como um sinal de que, nesta terra cavalheirésca, não se extinguiu o fôgo sagrado dos deuses lares.

Intelectual de renome afirma as lâureas ma-

gníficas de seu espírito através de suas produções que são páginas de fino lavor, todas elas feitas á feição dos antigos trabalhos de ourivesaria.

Luso Torres, nome consagrado nas letras maranhenses, oficial dos mais dignos do nosso Exército, receberá, no próximo 10 de junho, data de seu aniversário, as homenagens de seus amigos e admiradores e do Maranhão, que pensa e que sente, que o admira, portanto, pelo espírito e pelo coração.

assinála um grande passo na vida de nossa terra.

A distancia é que nos tem prejudicado os surtos de nosso progresso.

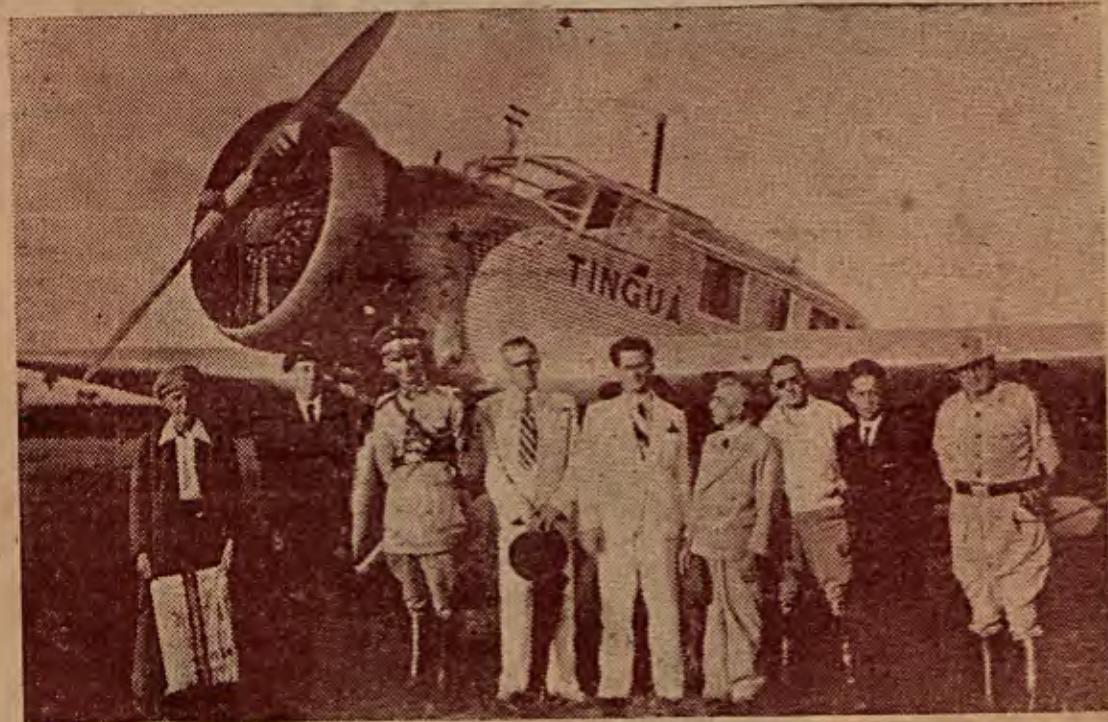
Encurtar distâncias, eis o magno problema. E' a campanha da hora nacional, o tema de nossos dias.

A aviação vem resolver a tarefa. Asas que vingam os áres, confraternisadoras e amigas; asas que estreitam povos, que aproximam nucleos distantes, que levam aos pontos mais afastados da

nossa terra, o ritmo novo de nossos tempos.

Agora mesmo, o primeirô vôo do "Tinguá" marcou o primeirô grande passo para a nossa aproximação, unindo as terras de S. Luiz, aos contrafortes verdes do sertão maranhense.

**ATHENAS** que acompanhou com entusiasmo, esse vôo magnífico á "hinterlandia", oferece, hoje, aos seus leitores, vários aspectos dessa viagem, que, para nós, marcou novos rumos em nosso destino de povo...



Aspêcto apanhado logo após o regresso do "Tinguá", vendo-se os membros da comitiva, os tripulantes do aparelho, o ajudante de ordens do Interventor Federal e o sr. Atila Costa, membro do

Departamento administrativo do Estado

# Cel. Luso Torres

Alma fidalga, iluminada pela simplicidade que o projeta num angulo simpático de sua vida de cidadão dos mais ilustres de nossa terra, Luso Torres, poeta, jornalista, homem de cultura, traz, no seu nome, o signo luminoso de seu destino.

E' luz, no alto de uma torre a luzir como uma dadiça de Atenas, ou como um sinal de que, nesta terra cavalheirésca, não se extinguiu o fôgo sagrado dos deuses lares.

Intelectual de renome afirma as lâureas ma-

gnificas de seu espirito através de suas produções que são páginas de fino lavor, todas elas feitas á feição dos antigos trabalhos de ourivesaria.

Luso Torres, nome consagrado nas letras maranhenses, oficial dos mais dignos do nosso Exercito, receberá, no próximo 10 de junho, data de seu aniversário, as homenagens de seus amigos e admiradores e do Maranhão, que pensa e que sente, que o admira, portanto, pelo espirito e pelo coração.

assinála um grande passo na vida de nossa terra.

A distancia é que nos tem prejudicado os surtos de nosso progresso.

Encurtar distancias, eis o magno problema. E' a campanha da hora nacional, o tema de nossos dias.

A aviação vem resolver a tarefa. Asas que vingam os áres, confraternisadoras e amigas; asas que estreitam povos, que aproximam nucleos distantes, que levam aos pontos mais afastados da

nossa terra, o ritmo novo de nossos tempos.

Agora mesmo, o primeirô vôo do "Tinguá" marcou o primeirô grande passo para a nossa aproximação, unindo as terras de S. Luiz, aos contrafortes verdes do sertão maranhense.

**ATHENAS** que acompanhou com entusiasmo, esse vôo magnífico á "hinterlandia", oferece, hoje, aos seus leitores, vários aspectos dessa viagem, que, para nós, marcou novos rumos em nosso destino de povo...



Aspêcto apanhado logo após o regresso do "Tinguá", vendo-se os membros da comitiva, os tripulantes do aparelho, o ajudante de ordens do Interventor Federal e o sr. Atila Costa, membro do

Departamento administrativo do Estado

# A FESTA DO MILHO



Constituiu, no dia 4 do mês corrente, uma festa muito interessante a que se realizou, ali à Praça da Alegria, no "Decroly", em comemoração ao "Dia do Milho". O presente "cliché" nos dá um aspecto muito impressionante dessa reunião. Vêem-se, ali, o exmo. sr. Interventor Paulo Ramos, altas autoridades, e um grupo de crianças vestidas a caráter em comemoração ao dia



Dr. João Tobler, sua digna esposa Levi Botelho Tobler e filhinhó Antonio Ewerton e a menina Maria Luiza, todos residentes em Porto Franco, neste

Estado



# A FESTA DO MILHO



Constituiu, no dia 4 do mês corrente, uma festa muito interessante a que se realizou, ali à Praça da Alegria, no "Decroly", em comemoração ao "Dia do Milho". O presente "cliché" nos dá um aspecto muito impressionante dessa reunião. Vêem-se, ali, o exmo. sr. Interventor Paulo Ramos, altas autoridades, e um grupo de crianças vestidas a caráter em comemoração ao dia



Dr. João Tobler, sua digna esposa Levi Botelho Tobler e filhinhó Antonio Ewerton e a menina Maria Luiza, todos residentes em Porto Franco, neste

Estado



# BODAS DE OURO

CARLOS NETO

Viéra para alí ao raiar da alvorada,  
 Descuidosa e gentil dos seus vinte e seis anos.  
 No peito as explosões de um'alma apaixonada  
 E na mente o fulgor de sonhos soberanos.  
 No grande e nobre afan do santo ministério.  
 Fluíram os seus dias ligeiros e serenos,  
 No remanso feliz da paz do presbitério,  
 No convívio ideal das almas dos pequenos !  
 A aureola que lhe adorna a fronte alvinitente  
 E diz quanto foi longa a percorrida estrada,  
 Jámaiis lhe pareceu razão suficiente  
 O báculo depôr, no meio da jornada.  
 Setenta anos já tem. N'uma luta constante,  
 Com sempre igual fervor correra-lhe a existência !  
 Que sorriso de paz adorna-lhe o semblante !  
 Que imenso galardão na voz da consciência !  
 Cincoenta anos, Senhor, aos pés de teu sacrário !  
 Cincoenta anos empós das almas erradias !  
 Cincoenta anos de dôr, de sangue, de Calvário,  
 Só por dar ao rebanho eternas alegrias !  
 Um dia, quando Deus prestar ás coisas rudes  
 Uma voz que revela arcanos insondáveis,  
 Aquéle altar dirá que esplendidas virtudes,  
 Que heroismos sem par ignotos, admiráveis !  
 O púlpito sagrado ha de falar do amôr,  
 Das vigílias de estudo e dos serões de prece,  
 Das fundas comoções, dos dias de fervor,  
 Da abundancia feliz de sazonada mésse !  
 E o silencio fiel de seus confessionários  
 Dirá dos corações feridos que sarou ;  
 Da volta para Deus de mil retardatários,  
 Dos mortos para a fé que ali ressuscitou !  
 Nada, porém, melhor dirá tanto heroísmo  
 Saturado de fé, doirado de esperanças,  
 Como aquela constancia exata ao catecismo  
 Dado ao bando gentil de garrulas crianças !  
 Se a paróquia tem fé, se a timorata gente  
 Levanta-se ao passar, e vae beijar-lhe a mão,



D. AUGUSTO, arcebispo da Baía, autor desse lindo poema oferecido ao conego Chaves, pelas suas bôdas de ouro de sacerdote. O ilustre prelado oculta o seu nome sob um pseudônimo, mas não esconde o vigor do éstro

Se a virtude floresce e vive realmente  
 Desta seiva imortal de espirito cristão,  
 Se a infancia guarda ainda um riso de inocencia  
 E a mocidade em flôr um puro olhar brilhante,  
 Não é isso, meu Deus, senão a consequênciia  
 Daquela catequese ingénua, mas constante !  
 Eis porque ao cair da noite socegada,  
 Setenta anos, de amôr, na sombra, o penitente  
 Traz no peito a mesma alma ardente, apaixonada  
 E as lembranças do bem como um jardim na mente

# BODAS DE OURO

CARLOS NETO

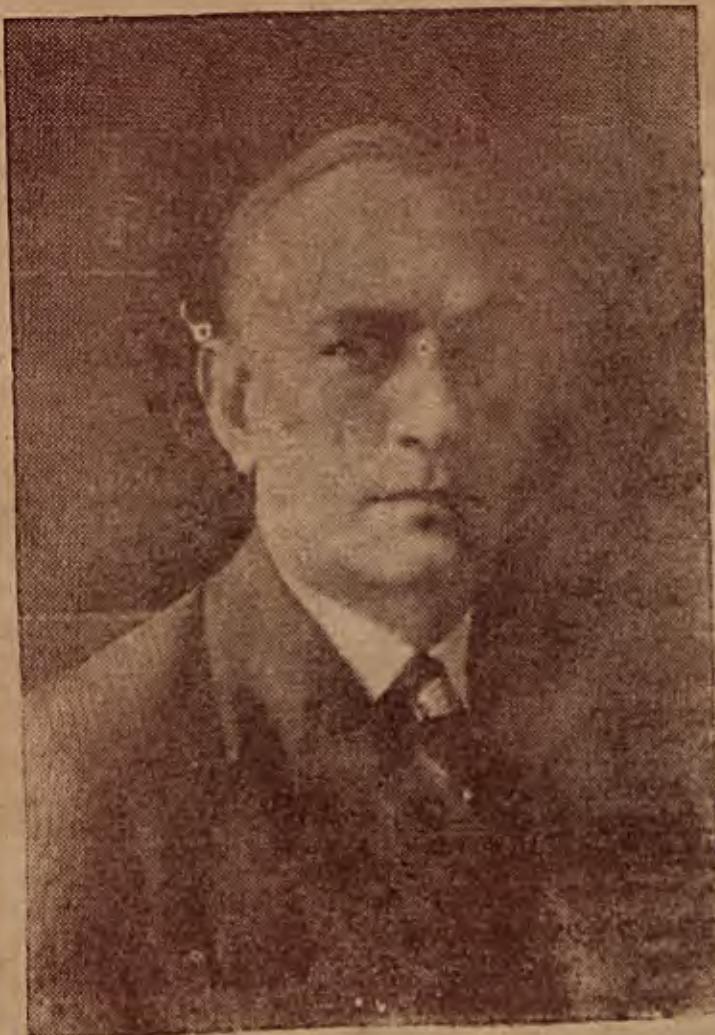
Viéra para alí ao raiar da alvorada,  
Descuidosa e gentil dos seus vinte e seis anos.  
No peito as explosões de um'alma apaixonada  
E na mente o fulgor de sonhos soberanos.  
  
No grande e nobre afan do santo ministério.  
Fluiram os seus dias ligeiros e serenos,  
No remanso feliz da paz do presbitério,  
No convívio ideal das almas dos pequenos !  
  
A aureola que lhe adorna a fronte alvinitente  
E diz quanto foi longa a percorrida estrada,  
Jámaiis lhe pareceu razão suficiente  
O báculo depôr, no meio da jornada.  
  
Setenta anos já tem. N'uma luta constante,  
Com sempre igual fervor correra-lhe a existência !  
Que sorriso de paz adorna-lhe o semblante !  
Que imenso galardão na voz da consciência !  
  
Cincoenta anos, Senhor, aos pés de teu sacrário !  
Cincoenta anos empós das almas erradias !  
  
Cincoenta anos de dôr, de sangue, de Calvário,  
Só por dar ao rebanho eternas alegrias !  
  
Um dia, quando Deus prestar ás coisas rudes  
Uma voz que revela arcanos insondáveis,  
Aquêle altar dirá que esplendidas virtudes,  
Que heroismos sem par ignotos, admiráveis !  
  
O púlpito sagrado ha de falar do amôr,  
Das vigílias de estudo e dos serões de prece,  
Das fundas comoções, dos dias de fervor,  
Da abundancia feliz de sazonada mésse !  
  
E o silencio fiel de seus confessionários  
Dirá dos corações feridos que sarou ;  
Da volta para Deus de mil retardatários,  
Dos mortos para a fé que ali ressuscitou !  
  
Nada, porém, melhor dirá tanto heroísmo  
Saturado de fé, doirado de esperanças,  
Como aquela constancia exata ao catecismo  
Dado ao bando gentil de garrulas crianças !  
  
Se a paróquia tem fé, se a timorata gente  
Levanta-se ao passar, e vae beijar-lhe a mão,



D. AUGUSTO, arcebispo da Baía, autor desse lindo poema oferecido ao conego Chaves, pelas suas bôdas de ouro de sacerdote. O ilustre prelado oculta o seu nome sob um pseudônimo, mas não esconde o vigor do éstro

Se a virtude floresce e vive realmente  
Desta seiva imortal de espirito cristão,  
Se a infancia guarda ainda um riso de inocencia  
E a mocidade em flôr um puro olhar brilhante,  
Não é isso, meu Deus, senão a consequênciia  
Daquela catequese ingénua, mas constante !  
Eis porque ao cair da noite socegada,  
Setenta anos, de amôr, na sombra, o penitente  
Traz no peito a mesma alma ardente, apaixonada  
E as lembranças do bem como um jardim na mente

# Godofrédo Viana



Festejará a data de seu aniversário natalício, no dia 14 de junho, o ilustrado maranhense dr. Godofredo Mendes Viana, figura brilhante de intelectual e festejado jurista. Nome de relevo nas letras, o distinto coestadano, que já foi governador do Maranhão, e nosso representante nas Camaras altas do país, receberá, pela data, festivos parabens. ATHENAS cumprimenta-o cordialmente.

# Godofrédo Viana



Festejará a data de seu aniversário natalicio, no dia 14 de junho, o ilustrado maranhense dr. Godofredo Mendes Viana, figura brilhante de intelectual e festejado jurista. Nome de relevo nas letras, o distinto coestadano, que ja foi governador do Maranhão, e nosso representante nas Camaras altas do país, receberá, pela data, festivos parabens. ATHENAS cumprimenta-o cordialmente.

# CANHENO

## SOCIAL

ANIVERSARIAM-SE EM JUNHO PRÓXIMO:

Dias

- 3 — a exma. sra. d. Maria Joaquina Maia de Andrade, esposa do sr. dr. Aníbal Pádua de Andrade.
- 4 — a exma. sra. d. Maria Nunes Couto, esposa do sr. des. Henrique Couto.
- a exma. sra. d. Quirina Moreira, viúva do falecido Albino Domingues Moreira.
- 5 — o sr. cel. Antônio Chaves.
- o sr. cap. Anacleto Tavares, digno oficial do Exército.
- a menina Regininha, dileta filhinha do sr. dr. João Braulino de Carvalho.
- 6 — o sr. Jesus Norberto Gomes, sócio-chefe da firma proprietária da Farmácia Sanitária.
- a exma. sra. d. Haydée Matos Colares Moreira, esposa do sr. capitão Alexandre Colares Moreira, digno oficial do Exército.
- o sr. Arnaldo Messeder, funcionário do Banco do Brasil.
- o sr. Joaquim Alves dos Santos, nosso conterrâneo residente no Rio de Janeiro.
- 7 — a senhorita Alba Matos, dileta filha do sr. Antero Segundo de Matos.
- a exma. sra. d. Maria José Archer Martins, esposa do sr. Raul Serra Martins.
- 8 — o sr. Pedro Dieguez.
- 10 — o sr. dr. Benedito Metre.
- o sr. Joaquim Pinheiro Ferreira Gomes, sócio-chefe da Agência Gomes.
- 15 — o menino Luiz Angusto Rêgo, filho do sr. prof. Luiz Rêgo.
- 16 — o sr. cel. Raimundo Martins de Souza Ramos, digno progenitor do exmo. sr. dr. Paulo Ramos.
- o sr. dr. Bacelar Portela.
- a exma. sra. d. Carmina Viana, digna esposa do sr. dr. João Viana.
- 17 — o sr. Travassos Furtado, auxiliar da firma Matos, Aguiar & Cia. Ltd.
- 18 — a exma. sra. d. Maria Amélia Ferreira Aguiar, digna esposa do sr. João Aguiar Filho.
- o sr. Delmiro Botelho.
- 19 — a exma. sra. d. Graça de Freitas Jorge, viúva do falecido José Francisco Jorge.
- 20 — a exma. sra. d. Maria Lisbôa de Moraes Rêgo, digna esposa do sr. dr. Genesio Rêgo.
- 21 — o sr. dr. Carlos Ferreira.
- 22 — o sr. Adhemar Aguiar, sócio da firma Francisco Aguiar & Cia.
- 23 — o sr. dr. Clodomir Pinheiro Casta.
- o menino Jósé Matos, filho do sr. dr. João Hermógenes de Matos.
- 26 — o sr. Raul Serra Martins, digno inspetor da Metrópole Companhia de Seguros de Vida.
- o sr. José Aristeu de Carvalho, funcionário do Banco do Brasil, em Niteroy.
- 27 — a menina Helena Mata Roma, dileta filhinha do prof. Mata Roma.
- 28 — o sr. Luiz Tabosa Freire, contador da Delegacia Fiscal ;
- 29 — o sr. dr. Pedro Oliveira.
- a exma. sra. d. Alice Almeida, digna esposa do sr. capitão Martins de Almeida.
- 30 — o sr. des. Henrique Couto.
- a senhorita Yvone Rêgo, dileta filha do sr. dr. Genesio Rêgo.
- a exma. sra. d. Maria Augusta Almeida, digna esposa do sr. Djalma Almeida.

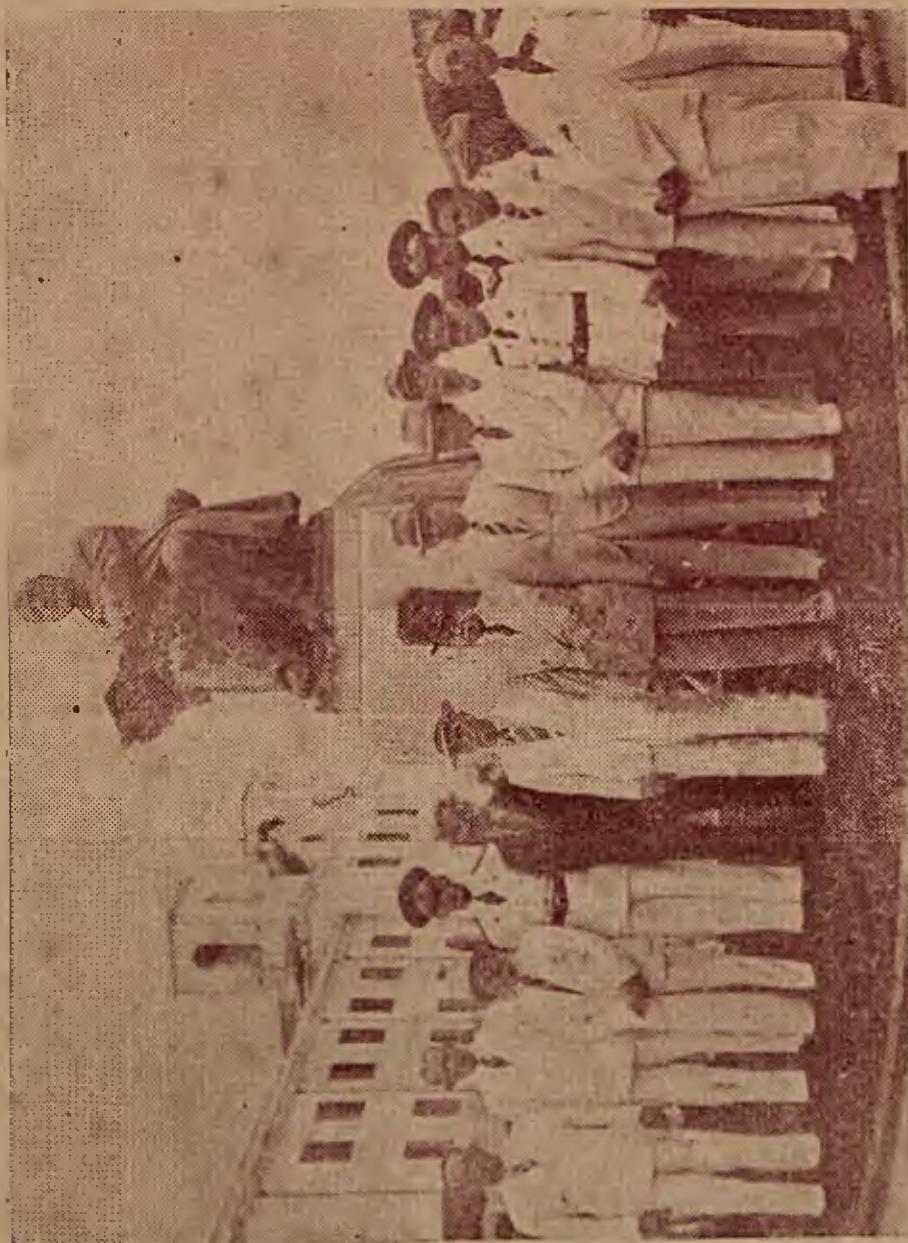
# CANHENO

## SOCIAL

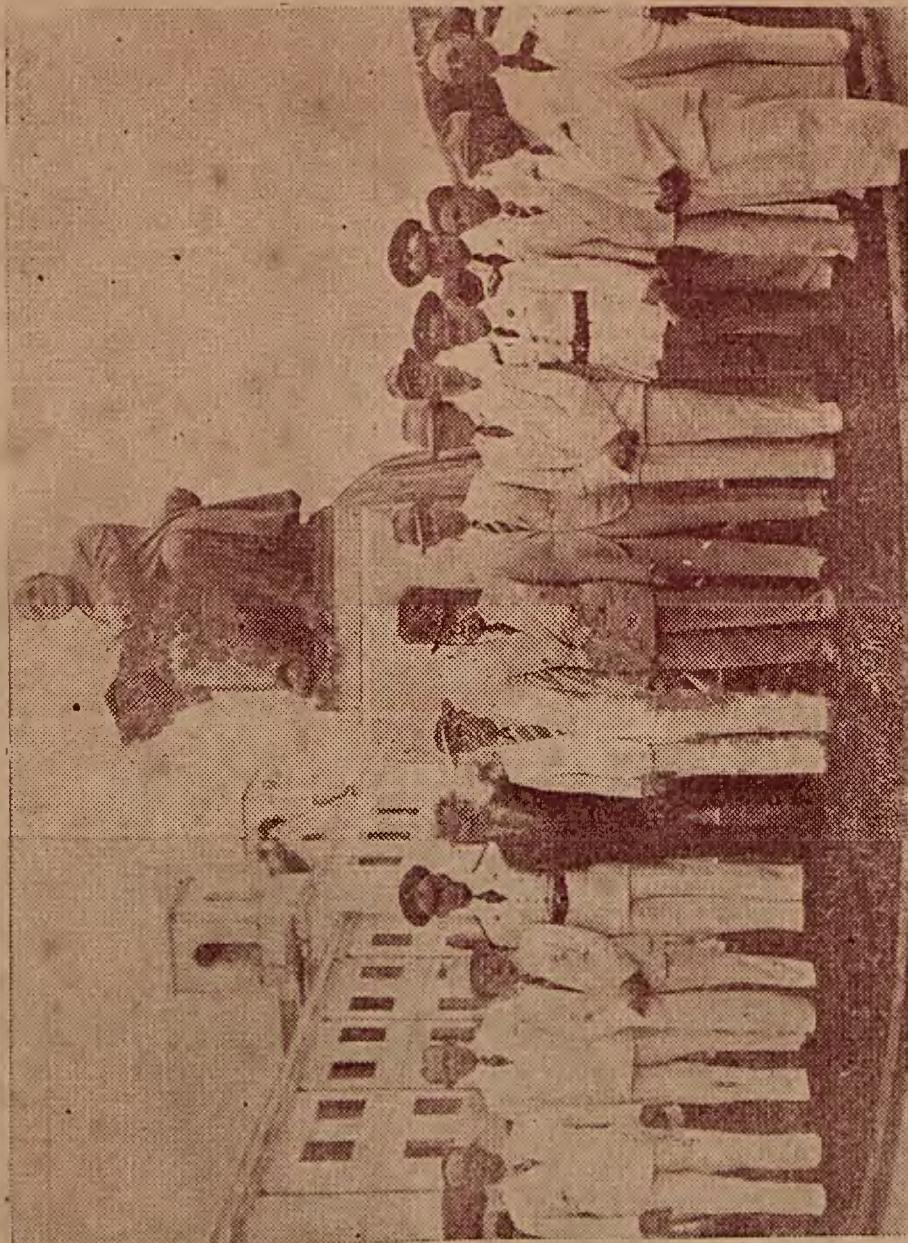
ANIVERSARIAM-SE EM JUNHO PRÓXIMO:

Dias

- 3 — a exma. sra. d. Maria Joaquina Maia de Andrade, esposa do sr. dr. Aníbal Pádua de Andrade.
- 4 — a exma. sra. d. Maria Nunes Couto, esposa do sr. des. Henrique Couto.
- a exma. sra. d. Quirina Moreira, viúva do falecido Albino Domingues Moreira.
- 5 — o sr. cel. Antônio Chaves.
- o sr. cap. Anacleto Tavares, digno oficial do Exército.
- a menina Regininha, dileta filhinha do sr. dr. João Braulino de Carvalho.
- 6 — o sr. Jesus Norberto Gomes, sócio-chefe da firma proprietária da Farmácia Sanitária.
- a exma. sra. d. Haydée Matos Colares Moreira, esposa do sr. capitão Alexandre Colares Moreira, digno oficial do Exército.
- o sr. Arnaldo Messeder, funcionário do Banco do Brasil.
- o sr. Joaquim Alves dos Santos, nosso conterrâneo residente no Rio de Janeiro.
- 7 — a senhorita Alba Matos, dileta filha do sr. Antero Segundo de Matos.
- a exma. sra. d. Maria José Archer Martins, esposa do sr. Raul Serra Martins.
- 8 — o sr. Pedro Dieguez.
- 10 — o sr. dr. Benedito Metre.
- o sr. Joaquim Pinheiro Ferreira Gomes, sócio-chefe da Agência Gomes.
- 15 — o menino Luiz Angusto Rêgo, filho do sr. prof. Luiz Rêgo.
- 16 — o sr. cel. Raimundo Martins de Souza Ramos, digno progenitor do exmo. sr. dr. Paulo Ramos.
- o sr. dr. Bacelar Portela.
- a exma. sra. d. Carmina Viana, digna esposa do sr. dr. João Viana.
- 17 — o sr. Travassos Furtado, auxiliar da firma Matos, Aguiar & Cia. Ltd.
- 18 — a exma. sra. d. Maria Amélia Ferreira Aguiar, digna esposa do sr. João Aguiar Filho.
- o sr. Delmiro Botelho.
- 19 — a exma. sra. d. Graça de Freitas Jorge, viúva do falecido José Francisco Jorge.
- 20 — a exma. sra. d. Maria Lisbôa de Moraes Rêgo, digna esposa do sr. dr. Genesio Rêgo.
- 21 — o sr. dr. Carlos Ferreira.
- 22 — o sr. Adhemar Aguiar, sócio da firma Francisco Aguiar & Cia.
- 23 — o sr. dr. Clodomir Pinheiro Casta.
- o menino José Matos, filho do sr. dr. João Hermógenes de Matos.
- 26 — o sr. Raul Serra Martins, digno inspetor da Metrópole Companhia de Seguros de Vida.
- o sr. José Aristeu de Carvalho, funcionário do Banco do Brasil, em Niteroy.
- 27 — a menina Helena Mata Roma, dileta filhinha do prof. Mata Roma.
- 28 — o sr. Luiz Tabosa Freire, contador da Delegacia Fiscal ;
- 29 — o sr. dr. Pedro Oliveira.
- a exma. sra. d. Alice Almeida, digna esposa do sr. capitão Martins de Almeida.
- 30 — o sr. des. Henrique Couto.
- a senhorita Yvone Rêgo, dileta filha do sr. dr. Genesio Rêgo.
- a exma. sra. d. Maria Augusta Almeida, digna esposa do sr. Djalma Almeida.



Inauguração da Praça João Lisboa, recem-remodelada. Essa festa realizou-se no dia 4 deste mês em comemoração do aniversário natalício de s. excia. o sr. dr. Paulo Ramos, Interventor Federal



Inauguração da Praça João Lisboa, recem-remodelada. Essa festa realizou-se no dia 4 deste mês em comemoração do aniversário natalício de s. excia. o sr. dr. Paulo Ramos, Interventor Federal

# PORQUE O IMPALUDISMO CONTINÚA A ASSOLAR O PAÍS

Se os habitantes das zonas flageladas pelo impaludismo ou malária aprendessem e também se dispusessem, **inteligentemente**, a preservar-se do mal, ao mesmo tempo que os serviços sanitários cùidam das medidas profiláticas a elas atinentes, em pouco tempo estaria o nosso país livre desta mortífera praga. Os moradores das zonas palúdicas, entretanto, parecem não fazer caso dos insistentes conselhos profiláticos e das ininterruptas campanhas educativas, levadas a efeito pelos órgãos competentes dos Estado e da União.

Tem-se a impressão de que a grande maioria do povo ainda não sabe como se adquire o impaludismo ou, se sabe, não cuida em prevenir-se. Lugares existem, por certo, onde as condições do meio tornam difíceis as medidas individuais de profilaxia, como acontece, por exemplo, nas regiões pantanosas com elevado índice anofelínico, isto é, onde os mosquitos transmissores são numerosíssimos e, também, nas zonas de população sem recursos para adquirir os medicamentos indispensáveis tanto para tratar os doentes e os portadores de gametos, como para preservar os saudáveis.

Não temos a intenção de reproduzir as conhecidas noções sobre o modo pelo qual se adquire o impaludismo, que os serviços sanitários divulgam em suas publicações, e são encontradas em qualquer livro de higiene. O nosso intuito é chamar

a atenção para a necessidade de intensificar o ensino deste importante problema sanitário nas escolas rurais, em especial as zonas flageladas. As crianças, ao contrário dos adultos, aceitam e põem em prática com maior facilidade os conselhos que lhes são ministrados.

A ignorância das populações rurais é, infelizmente, uma das principais causas da endemia palúdica. Os nossos trabalhadores ignoram, por exemplo, que para evitar o impaludismo são necessários os seguintes cuidados: — extinguir os fócos de mosquitos (ás vezes difícil ou mesmo impossível); evitar que os mosquitos piquem as pessoas sãs (por meio de telas nas aberturas da casa ou de cortinados); evitar que os mesmos piquem as pessoas doentes; prevenir as pessoas saudáveis contra a infecção pelo uso de medicamentos adequados, entre os quais se destaca a Atebrina da Casa Bayer; tratamento sistemático dos doentes de impaludismo pela Atebrina, que dá resultados completos, via de regra, entre 5 e 7 dias.

Graças a este medicamento, torna-se possível sanear zonas palustres onde não é fácil estabelecer outras medidas como drenagem dos pantanos e charcos, retificação dos rios, etc.

A Atebrina cura de uma vez e cura com rapidez, sendo também por isso o mais econômico dos antipalúdicos.



Destacados elementos sociais que assistiram, em Barra do Corda, ao batizado de Augusto Galba, dileto netinho do sr. major Aderbal Falcão e sua esposa d. Nila Falcão

# PORQUE O IMPALUDISMO CONTINÚA A ASSOLAR O PAÍS

Se os habitantes das zonas flageladas pelo impaludismo ou malária aprendessem e também se dispusessem, **inteligentemente**, a preservar-se do mal, ao mesmo tempo que os serviços sanitários cüidam das medidas profiláticas a elas atinentes, em pouco tempo estaria o nosso país livre desta mortífera praga. Os moradores das zonas palúdicas, entretanto, parecem não fazer caso dos insistentes conselhos profiláticos e das ininterruptas campanhas educativas, levadas a efeito pelos órgãos competentes dos Estado e da União.

Tem-se a impressão de que a grande maioria do povo ainda não sabe como se adquire o impaludismo ou, se sabe, não cuida em prevenir-se. Lugares existem, por certo, onde as condições do meio tornam difíceis as medidas individuais de profilaxia, como acontece, por exemplo, nas regiões pantanosas com elevado índice anofelínico, isto é, onde os mosquitos transmissores são numerosíssimos e, também, nas zonas de população sem recursos para adquirir os medicamentos indispensáveis tanto para tratar os doentes e os portadores de gametos, como para preservar os saudáveis.

Não temos a intenção de reproduzir as conhecidas noções sobre o modo pelo qual se adquire o impaludismo, que os serviços sanitários divulgam em suas publicações, e são encontradas em qualquer livro de higiene. O nosso intuito é chamar

a atenção para a necessidade de intensificar o ensino deste importante problema sanitário nas escolas rurais, em especial as zonas flageladas. As crianças, ao contrário dos adultos, aceitam e põem em prática com maior facilidade os conselhos que lhes são ministrados.

A ignorância das populações rurais é, infelizmente, uma das principais causas da endemia palúdica. Os nossos trabalhadores ignoram, por exemplo, que para evitar o impaludismo são necessários os seguintes cuidados: — extinguir os fócos de mosquitos (ás vezes difícil ou mesmo impossível); evitar que os mosquitos piquem as pessoas sãs (por meio de telas nas aberturas da casa ou de cortinados); evitar que os mesmos piquem as pessoas doentes; prevenir as pessoas saudáveis contra a infecção pelo uso de medicamentos adequados, entre os quais se destaca a Atebrina da Casa Bayer; tratamento sistemático dos doentes de impaludismo pela Atebrina, que dá resultados completos, via de regra, entre 5 e 7 dias.

Graças a este medicamento, torna-se possível sanear zonas palustres onde não é fácil estabelecer outras medidas como drenagem dos pantanos e charcos, retificação dos rios, etc.

A Atebrina cura de uma vez e cura com rapidez, sendo também por isso o mais econômico dos antipalúdicos.



Destacados elementos sociais que assistiram, em Barra do Corda, ao batizado de Augusto Galba, dileto netinho do sr. major Aderbal Falcão e sua esposa d. Nila Falcão

## DOIS SONETOS

## SAUDADE

Vertendo palgum veu de sofrimento  
Os sorrisos da minh a mocidade  
Em sonhos concentrei meu pensamento  
E envolvi o meu peito na saudade.

Agora vivo dêsse sentimento,  
A fria sombra de uma soledade,  
Longe de tudo, num esquecimento,  
Longe, bem longe da Felicidade !...

O' passageira nuvem sem beleza  
Que mostras no cariz da Natureza,  
O rostro dessa dulcida ilusão !...

Aí, tudo aquilo que vivi comigo  
Fugiu... Fugiu e não levou consigo  
A dôr que sinto no meu coração !

Barão do Corda, Janeiro 1941

## de Olimpio Cruz

## SINAS DE ROSAS

Eram duas florinhas delicadas  
Muito mais belas que as mais belas flores.  
Duas bonitas rosas perfumadas  
Irmãs talvez dos cravos multicôres !

Eram elas — as rosas consagradas...  
A primeira, a rainha dos primores  
Foi por virgâneas maes despedidas  
Num dos fatais epílogos de amores

O' como em tudo é diferente a sina !  
A segunda... O' Meu Deus ! Quanta Ventura !  
Foi guardada no altar da Mãe Divina !

E eu não sei qual das rosas teve sorte...  
Se a que buscara o altar da Virgem pura,  
Se a que no amôr, buscou a dôce morte !



ASPECTOS DA CIDADE DE BALSAS — 1) Igreja Matriz. 2) Cemiterio Público. 3) Rio Balsas.  
4) Edificio da Prefeitura Municipal

## DOIS SONETOS

de Olimpio Cruz

## SAUDADE

Vertendo palgum veu de sofrimento  
Os sorrisos da minh a mocidade  
Em sonhos concentrei meu pensamento  
E envolvi o meu peito na saudade.

Agora vivo dêsse sentimento,  
A fria sombra de uma soledade,  
Longe de tudo, num esquecimento,  
Longe, bem longe da Felicidade !...

O' passageira nuvem sem beleza  
Que mostras no cariz da Natureza,  
O rostro dessa dulcida ilusão !...

Aí, tudo aquilo que vivi comigo  
Fugiu... Fugiu e não levou consigo  
A dôr que sinto no meu coração !

## SINAS DE ROSAS

Eram duas florinhas delicadas  
Muito mais belas que as mais belas flores.  
Duas bonitas rosas perfumadas  
Irmãs talvez dos cravos multicôres !

Eram elas — as rosas consagradas...  
A primeira, a rainha dos primores  
Foi por virginais maes despedidas  
Num dos fatais epílogos de amores

O' como em tudo é diferente a sina !  
A segunda... O' Meu Deus ! Quanta Ventura !  
Foi guardada no altar da Mãe Divina !

E eu não sei qual das rosas teve sorte...  
Se a que buscara o altar da Virgem pura,  
Se a que no amôr, buscou a dôce morte !

Barra do Corda, Janeiro 1941



ASPECTOS DA CIDADE DE BALSAS — 1) Igreja Matriz. 2) Cemiterio Público. 3) Rio Balsas.  
4) Edificio da Prefeitura Municipal

# HISTORIAS DE JOÃO CABOCLO

(Continuação da pag. IV)

O capitão Bacaba se opôz ao casamento ! E d. Branca a insistir... E o Saturnino a rondar o sítio. O capitão viu que as coisas estavam ficando sérias, chamou a filha e lhe disse a razão porque se opunha ao casamento. E com aquela franqueza que chega a parecer grosseria disse à filha.

—Branca, eu não posso consentir no teu casamento porque o Saturnino é filho de um morfético e a boca pequena já se diz que ele também é tocado do mal.

D. Branca ficou muito triste, mas logo respondeu :

—Também não me casarei com nenhum desses que me perseguem com essa conversa de casamento !

—Mas que felice é esta ?

—Não é felice, não senhor. É um sentimento íntimo. Fique certo de que nenhum desses homens daqui me convém para marido. Não simpatizo com nenhum deles, para tal fim. Gosto de todos, mas não tolero nem que me chamem bonita. Sinto-me mal. Às vezes quando me lembro de que um deles pôde ser meu marido e me imagino em casa como um deles, tratando-me como esposa, tenho horror de mim mesma !

E João Caboclo levantando-se :

—Vosmece está compreendendo ?

—Estou... E por isso d. Branca não se casou !

—Não se casou. Si fosse morar noutra terra, teria encontrado naturalmente um homem que fosse de seu gosto...

—João Caboclo, não te supunha tão conhecedor da mulher... Além das oportunidades que a vida te tem oferecido para a conheceres, como essa que te mostrou d. Branca, d. Santinha, quantas terás tu observado em tua própria casa !

—Saiba vosmece que em minha casa, nenhuma, porque felizmente a primeira que me estonteou foi a Maria Raimunda, e a sua ingratidão não me deixou vontade para ir buscar outra.

—Então, eu também posso dizer que o que se dá com a mulher, acontece com o homem. A tua mulher seria a Maria Raimunda.

—Vosmece agora me embrulhou. Não sei

que lhe diga, porque a verdade é que não aproximei mais de outra, com a intenção de dedicar...

Depois da Maria Raimunda muitas têm passado por mim... e assim como vêm, vão.

Não me deixo prender. Quando sinto qua-

*Ignácio Raposo*



Transcorrerá a 27 deste mês o aniversário natalício do poeta maranhense Ignácio Raposo, figura brilhante de nossas letras.

— Espírito culto, amigo de sua terra Ignácio Raposo receberá os cumprimentos de seus amigos e os saudares muito cordiais de ATHENAS, nessa auspiciosa data.

# HISTORIAS DE JOÃO CABOCLO

(Continuação da pag. IV)

O capitão Bacaba se opôz ao casamento ! E d. Branca a insistir... E o Saturnino a rondar o sítio. O capitão viu que as coisas estavam ficando sérias, chamou a filha e lhe disse a razão porque se opunha ao casamento. E com aquela franqueza que chega a parecer grosseria disse à filha.

—Branca, eu não posso consentir no teu casamento porque o Saturnino é filho de um morfético e a boca pequena já se diz que ele também é tocado do mal.

D. Branca ficou muito triste, mas logo respondeu :

—Também não me casarei com nenhum desses que me perseguem com essa conversa de casamento !

—Mas que felice é esta ?

—Não é felice, não senhor. É um sentimento íntimo. Fique certo de que nenhum desses homens daqui me convém para marido. Não simpatizo com nenhum deles, para tal fim. Gosto de todos, mas não tolero nem que me chamem bonita. Sinto-me mal. Às vezes quando me lembro de que um deles pode ser meu marido e me imagino em casa como um deles, tratando-me como esposa, tenho horror de mim mesma !

E João Caboclo levantando-se :

—Vosmece está compreendendo ?

—Estou... E por isso d. Branca não se casou !

—Não se casou. Si fosse morar noutra terra, teria encontrado naturalmente um homem que fosse de seu gosto...

—João Caboclo, não te supunha tão conhecedor da mulher... Além das oportunidades que a vida te tem oferecido para a conheceres, como essa que te mostrou d. Branca, d. Santinha, quantas terás tu observado em tua própria casa !

—Saiba vosmece que em minha casa, nenhuma, porque felizmente a primeira que me estonteou foi a Maria Raimunda, e a sua ingratidão não me deixou vontade para ir buscar outra.

—Então, eu também posso dizer que o que se dá com a mulher, acontece com o homem. A tua mulher seria a Maria Raimunda.

—Vosmece agora me embrulhou. Não sei

que lhe diga, porque a verdade é que não aproximei mais de outra, com a intenção de dedicar...

Depois da Maria Raimunda muitas têm passado por mim... e assim como vêm, vão.

Não me deixo prender. Quando sinto qua-

*Ignácio Raposo*



Transcorrerá a 27 deste mês o aniversário natalício do poeta maranhense Ignácio Raposo, figura brilhante de nossas letras.

— Espírito culto, amigo de sua terra Ignácio Raposo receberá os cumprimentos de seus amigos e os saudares muito cordiais de ATHENAS, nessa auspiciosa data.



JOSE' RIBAMAR FONTOURA, auxiliar da gerência do IMPARCIAL, que festejou o seu aniversário natalício no dia 10 do mês corrente.

quer coisa cá por dentro, lembro-me da Maria Raimunda, e sinto um grande ódio.

Manuel Coelho levantou-se.

— Vosmecê ainda não se desenganou de encontrar d. Candida?

— Que tu achas?

— Acha que vosmecê fez uma correria precipitado... levado pela cólera que se apoderou rapidamente de vosmecê. Lembre-se de que o caldo estava derramado. Vosmecê não podia dar mais jeito que prestasse... modo que era agora que devíamos está com os animos preparados para sair.

... se estivemos ficado em casa talvez tivéssemos saído, alguma...

Quem sahe assim, como d. Candida, manda sempre ao dia seguinte alguém tomar chegada... conversar, sem etusar desconfiança, com a gente de casa. Mas não se perdeu o passeio, e vendose bem, vosmecê não perdeu nada, porque se vosmecê tivesse encontrado d. Candida, não teria lucrado coisa alguma.

— A esta hora não estaria com vida.

— Acredito, mas isto não seria lucro. Vosmecê ia gastar um dinheirão como gastou seu pai, por causa daquele dama de quem nem me quero lembrar.

... Mas João Caboclo eu nunca te falei nesse caso de meu pai... Nunca mesmo quiz apurar...

— Faz muito bem. Não vale a pena...

— Mas lá pela redondeza se dizia que a razão estava como meu pai. Que devia mesmo mandar matar a amazia...

— Eu também dantes pensava assim. Mas depois que compreendi bem a mulher mudei de pensar...

— Mas espera...

— Em primeiro lugar, saiba vosmecê que não temos o direito de mandar tirar a vida de ninguém.

Só Deus é quem pode matar. Em segundo lugar, o pai de vosmecê não era o homem eleito do coração daquela infeliz. O eleito era o Juca Travinha. O Juca Travinha era o homem a quem ela se dava o coração. Seu pai era o homem bom, que ela estimava por gratidão. Era o homem que lhe dava tudo, tudo, tudo, mas não sabia daquele segredinho...

Manuel Coelho sorriu.

— Temos agora um novo caso!

— Um novo caso?

— Sim! Uma mulher com dois homens — João Caboclo tu és um grande pandego!

**FAÇA** economia, prospere, valorise o seu trabalho, empregando o seu dinheiro em causa util.

O CONSELHO E' DE GRAÇA, E QUASI DE GRAÇA SÃO OS TE-  
CIDOS DAS LOJAS

**"A PERNAMBUCANA"**

CASA QUE ENSINA AS LEIS DA ECONOMIA



JOSE' RIBAMAR FONTOURA, auxiliar da gerência do IMPARCIAL, que festejou o seu aniversário natalício no dia 10 do mês corrente.

quer coisa cá por dentro, lembro-me da Maria Raimunda, e sinto um grande ódio.

Manuel Coelho levantou-se.

— Vosmecê ainda não se desenganou de encontrar d. Candida?

— Que tu achas?

— Acha que vosmecê fez uma correria precipitado... levado pela cólera que se apoderou rapidamente de vosmecê. Lembre-se de que o caldo estava derramado. Vosmecê não podia dar mais jeito que prestasse... modo que era agora que devíamos está com os animos preparados para sair.

... se estivemos ficado em casa talvez tivessemos saído de alguma...

Quem sahe assim, como d. Candida, manda sempre ao dia seguinte alguém tomar chegada... conversar, sem causar desconfiança, com a gente de casa. Mas não se perdeu o passeio, e vendose bem, vosmecê não perdeu nada, porque se vosmecê tivesse encontrado d. Candida, não teria lucrado coisa alguma.

— A esta hora não estaria com vida.

— Acredito, mas isto não seria lucro. Vosmecê ia gastar um dinheirão como gastou seu pai, por causa daquela dama de quem nem me quero lembrar.

... Mas João Caboclo eu nunca te falei nesse caso de meu pai... Nunca mesmo quiz apurar...

— Faz muito bem. Não vale a pena...

— Mas lá pela redondeza se dizia que a razão estava como meu pai. Que devia mesmo mandar matar a amazia...

— Eu também dantes pensava assim. Mas depois que compreendi bem a mulher mudei de pensar...

— Mas espera...

— Em primeiro lugar, saiba vosmecê que não temos o direito de mandar tirar a vida de ninguém.

Só Deus é quem pode matar. Em segundo lugar, o pai de vosmecê não era o homem eleito do coração daquela infeliz. O eleito era o Juca Travinha. O Juca Travinha era o homem a quem ela se dava o coração. Seu pai era o homem bom, que ela estimava por gratidão. Era o homem que lhe dava tudo, tudo, tudo, mas não sabia daquele segredinho...

Manuel Coelho sorriu.

— Temos agora um novo caso!

— Um novo caso?

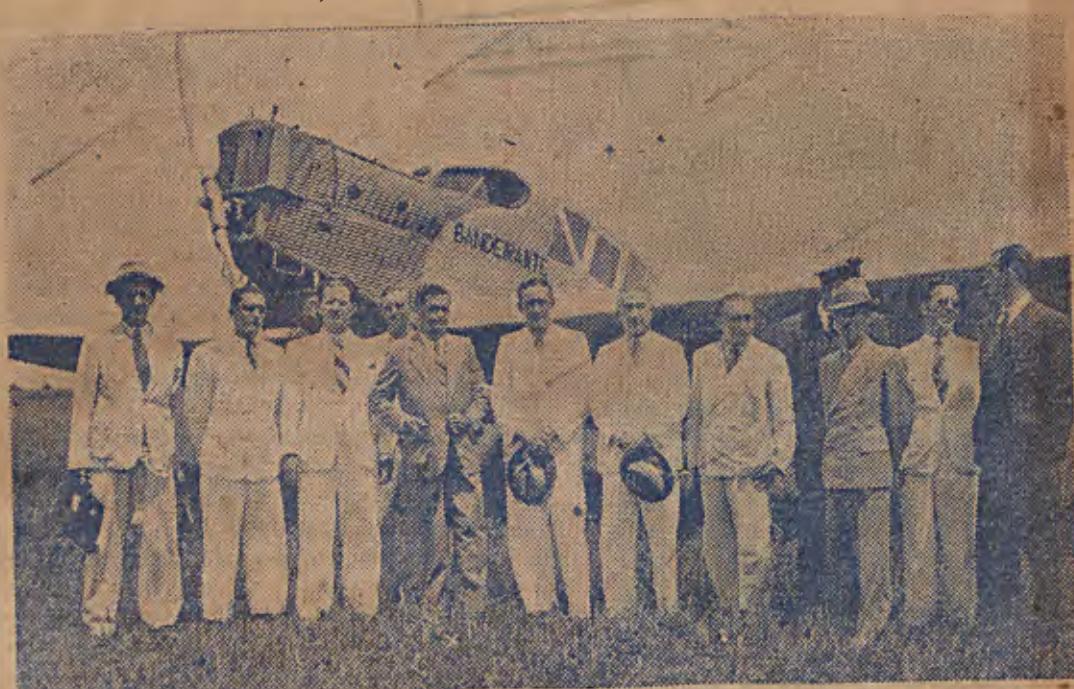
— Sim! Uma mulher com dois homens — João Caboclo tu és um grande pandego!

**FAÇA** economia, prospere, valorise o seu trabalho, empregando o seu dinheiro em causa util.

O CONSELHO E' DE GRAÇA, E QUASI DE GRAÇA SÃO OS TECIDOS DAS LOJAS

**"A PERNAMBUCANA"**

CASA QUE ENSINA AS LEIS DA ECONOMIA



Amerrissagem do "Bandeirante" no campo do Tirirical, que inaugurou a linha aérea Terezina-Piauí

—E João Cabôclo calmamente:

—E também há o homem com duas mulheres! E segundo já ouvi de um patrão do Sítio Formoso, só assim é que dá certo... Só assim é que pôde haver prosperidade visto que se pensa que é um casal, mas que quando se vê bem, tem sempre um indivíduo a mais.

—Então a mulher tem que unir com dois homens?

—Vosmecê deve compreender: a mulher tola como Maria Raimunda não sabe fazer assim, mas a mulher de sociedade, a mulher de responsabilidade, harmoniza tudo! Casa-se com um homem que garante tudo, e, de mansinho, tem o amante, que é o homem de coração. Acontece que quando se distrai, casa com o homem do coração, e depois arranja uma besta para aguentar com as despesas. Essa é que é a regra do bom viver.

—Manuel Cabôclo, estou convencido de que Maria Raimunda te estragou o espírito e o coração. Depois que ela passou por ti, nunca mais prestaste pra nada! Ela fez de te um inimigo feroz de todas as mulheres! Aí dessas pobres criaturas se fosses um sábio e tivesses forças para fazer vigorar um código saído de tua cabeça!

—Na verdade eu sou assim... mas vosmecê não dirá nunca que eu perdi meu sono durante

uma noite por causa de uma dessas pobres criaturas! Vosmecê que eu gastei meu dinheiro, quanto me custa ganhar, pagando cabras valentes para procurar por todas estas paragens a sombra se quer de uma dessas pobres criaturas.

—Está bem. Tu dirás que eu pertenço a numeros dos homens que não se convencem de que não há no mundo uma só mulher que preste.

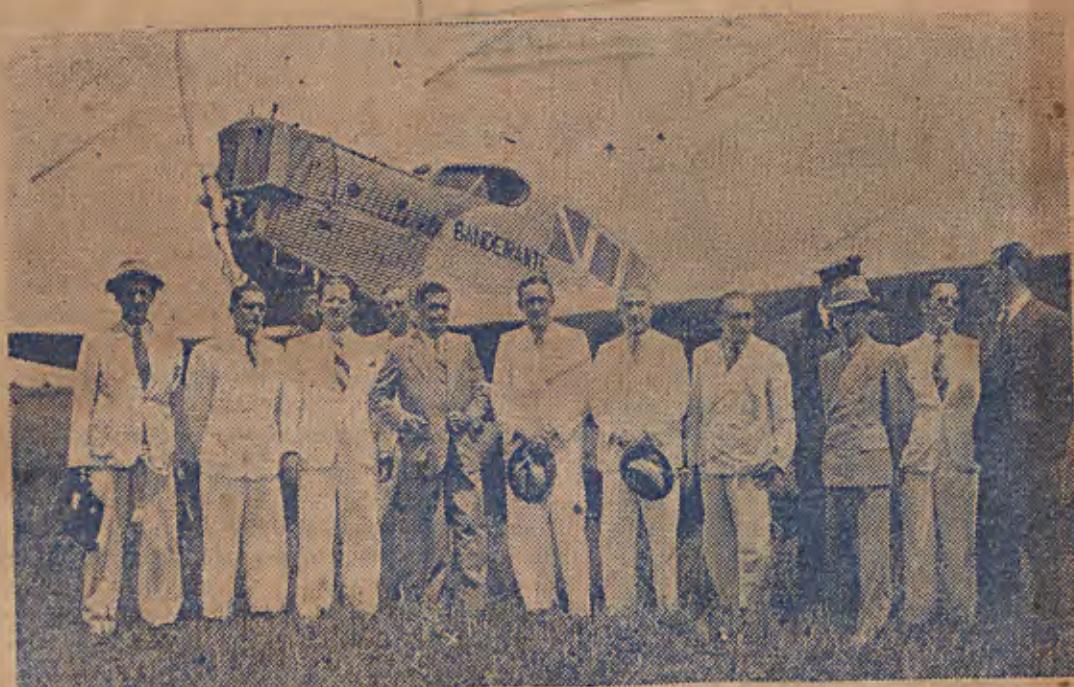
Não! Eu pertenço ao numero dos que nunca perdem a esperança de encontrar uma que seja boa! Serei do numero dos que envelhecem dando que na ultima curva do caminho, virá meu encontro uma mulher como eu sonhei.

—Eu senti que não pertenço ao numero dos obstinados. No meu coração um dia entrou doença, para nunca mais sair.

E é por isto que me sinto tão bem, tão consolado; porque saiba vosmecê que a lei é geral. A mulher é sempre a mesma para todos os homens. Se eu fosse homem de estudo ia descobrir se é ou não é isto que consiste a principal virtude da mulher.

\*\*\*

Alvorecia. Manuel Coêlho e Manuel Cabôclo chegaram na fazenda. Já lá encontraram que haviam partido noutros rumos. Ninguém contravia o menor vestígio de d. Cândida...



Amerrissagem do "Bandeirante" no campo do Tirirical, que inaugurou a linha aérea Terezina-Piauí

—E João Cabôclo calmamente:

—E também há o homem com duas mulheres! E segundo já ouvi de um patrão do Sítio Formoso, só assim é que dá certo... Só assim é que pôde haver prosperidade visto que se pensa que é um casal, mas que quando se vê bem, tem sempre um indivíduo a mais.

—Então a mulher tem que unir com dois homens?

—Vosmecê deve compreender: a mulher tola como Maria Raimunda não sabe fazer assim, mas a mulher de sociedade, a mulher de responsabilidade, harmoniza tudo! Casa-se com um homem que garante tudo, e, de mansinho, tem o amante, que é o homem de coração. Acontece que quando se distrai, casa com o homem do coração, e depois arranja uma besta para aguentar com as despesas. Essa é que é a regra do bom viver.

—Manuel Cabôclo, estou convencido de que Maria Raimunda te estragou o espírito e o coração. Depois que ela passou por ti, nunca mais prestaste pra nada! Ela fez de te um inimigo feroz de todas as mulheres! Aí dessas pobres criaturas se fosses um sábio e tivesses forças para fazer vigorar um código saído de tua cabeça!

—Na verdade eu sou assim... mas vosmecê não dirá nunca que eu perdi meu sono durante

uma noite por causa de uma dessas pobres criaturas! Vosmecê que eu gastei meu dinheiro, quanto me custa ganhar, pagando cabras valentes para procurar por todas estas paragens a sombra se quer de uma dessas pobres criaturas.

—Está bem. Tu dirás que eu pertenço a numeros dos homens que não se convencem de que não há no mundo uma só mulher que preste.

Não! Eu pertenço ao numero dos que nunca perdem a esperança de encontrar uma que seja boa! Serei do numero dos que envelhecem dando que na ultima curva do caminho, virá meu encontro uma mulher como eu sonhei.

—Eu senti que não pertenço ao numero dos obstinados. No meu coração um dia entrou doença, para nunca mais sair.

E é por isto que me sinto tão bem, tão contente; porque saiba vosmecê que a lei é geral. A mulher é sempre a mesma para todos os homens. Se eu fosse homem de estudo ia descobrir se é ou não é isto que consiste a principal virtude da mulher.

\*\*\*

Alvorecia. Manuel Coêlho e Manuel Cabôclo chegaram na fazenda. Já lá encontraram que haviam partido outros rumos. Ninguém contravia o menor vestígio de d. Cândida...



## METROPOLE

### DIRETORIA

F. Solano da Cunha — Presidente  
Leonardo Truda — José Sampaio  
Moreira.

Plínio Barreto — Virgílio de Mello  
Franco

Luiz Cedro Carneiro Leão

Importância de premios arrecadados pela METRÓPOLE, desde o inicio do seu funcionamento até o ultimo exercicio (1935 a 1939) :

1935	2.465:0178700
1936	3.959:528\$900
1937	6.622:181\$000
1938	8.735:829\$900
1939	9.800:900\$000

Estas cifras não foram ainda alcançadas em nosso país, por nenhuma outra congênere, em idêntica fase de negócios.

A METRÓPOLE É UMA COMPANHIA GENUINAMENTE BRASILEIRA

VIDA — INCENDIO — ACIDENTES — AUTOMOVEIS — TRANSPORTES — GRANIZO

MATTIRZ: Rua Primeiro de Março, 88 Telephone: 43-2890 — Rio de Janeiro

FILIAES: São Paulo, Minas Gerais, Baía e Pernambuco

AGÊNCIA: Avenida D. Pedro II, 211

S. LUIZ DO MARANHÃO

## MEIRELLES & CIA.

ARMAZEM DE FERRAGENS,  
TINTAS, ARTEFACTOS NA-  
VAES E MUDEZAS

Depósito permanente de materiais para construções — Ferramentas para lavoura — Chapas de cobre, zinco, ferro, estanho e chumbo — Telhas de ferro galvanizadas — Oleos, Vermizes, Tintas, Graxas, Arame liso, Amarras, Louças de Ferro esmaltado e alumínio

### FERRAGENS EM GERAL

Arame farpado em rolos de 320 e 502 metros (metragem garantida)

## TINTAS «YPIRANGA»

### DEPOSITARIOS

### DISTRIBUIDORES

## NESTE ESTADO

Teleg. — ZECARVALHO

Rua Joaquim Tavora, 173  
Maranhão — C. Postal, 90

## SANTOS & CIA.

### REPRESENTAÇÕES

Únicos distribuidores, no Maranhão, das afamadas machinas de escrever

## «OLYMPIA»

Rua Joaquim Tavora, n. 281

CAIXA POSTAL, 54

Endereço teleg. «SATMA»

SÃO LUIZ-MARANHÃO



### DIRETORIA

F. Solano da Cunha — Presidente  
Leonardo Truda — José Sampaio  
Moreira.

Plínio Barreto — Virgílio de Mello  
Franco

Luiz Cedro Carneiro Leão

Importância de premios arrecadados pela METRÓPOLE, desde o inicio do seu funcionamento até o ultimo exercicio (1935 a 1939) :

1935 . . . . .	2.465:0178700
1936 . . . . .	3.959:528\$900
1937 . . . . .	6.622:181\$000
1938 . . . . .	8.735:829\$900
1939 . . . . .	9.800:900\$000

Estas cifras não foram ainda alcançadas em nosso país, por nenhuma outra congênere, em idêntica fase de negócios.

A METRÓPOLE É UMA COMPANHIA GENUINAMENTE BRASILEIRA

VIDA — INCENDIO — ACIDENTES — AUTOMOVEIS — TRANSPORTES — GRANIZO

MATIRZ: Rua Primeiro de Março, 88 Telephone: 43-2890 — Rio de Janeiro

FILIAES: São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco

AGÊNCIA: Avenida D. Pedro II, 211

S. LUIZ DO MARANHÃO

## MEIRELLES & CIA.

ARMAZEM DE FERRAGENS,  
TINTAS, ARTEFACTOS NA-  
VAES E MUDEZAS

Depósito permanente de mate-  
riais para construções — Fer-  
ramentas para lavoura — Cha-  
pas de cobre, zinco, ferro, esta-  
nho e chumbo — Telhas de fer-  
ra galvanizadas — Oleos, Vermi-  
zes, Tintas, Graxas, Arame liso,  
Amarras, Louças de Ferro es-  
maltado e alumínio

### FERRAGENS EM GERAL

Arame farpado em rolos de 320  
e 502 metros (metragem  
garantida)

## TINTAS «YPIRANGA»

DEPOSITARIOS  
DISTRIBUIDORES

### NESTE ESTADO

Teleg. — ZECARVALHO

Rua Joaquim Tavora, 173  
Maranhão — C. Postal, 93

## SANTOS & CIA.

REPRESENTAÇÕES

Únicos distribuidores, no Mará-  
nhão, das afamadas machinas  
de escrever

## «OLYMPIA»

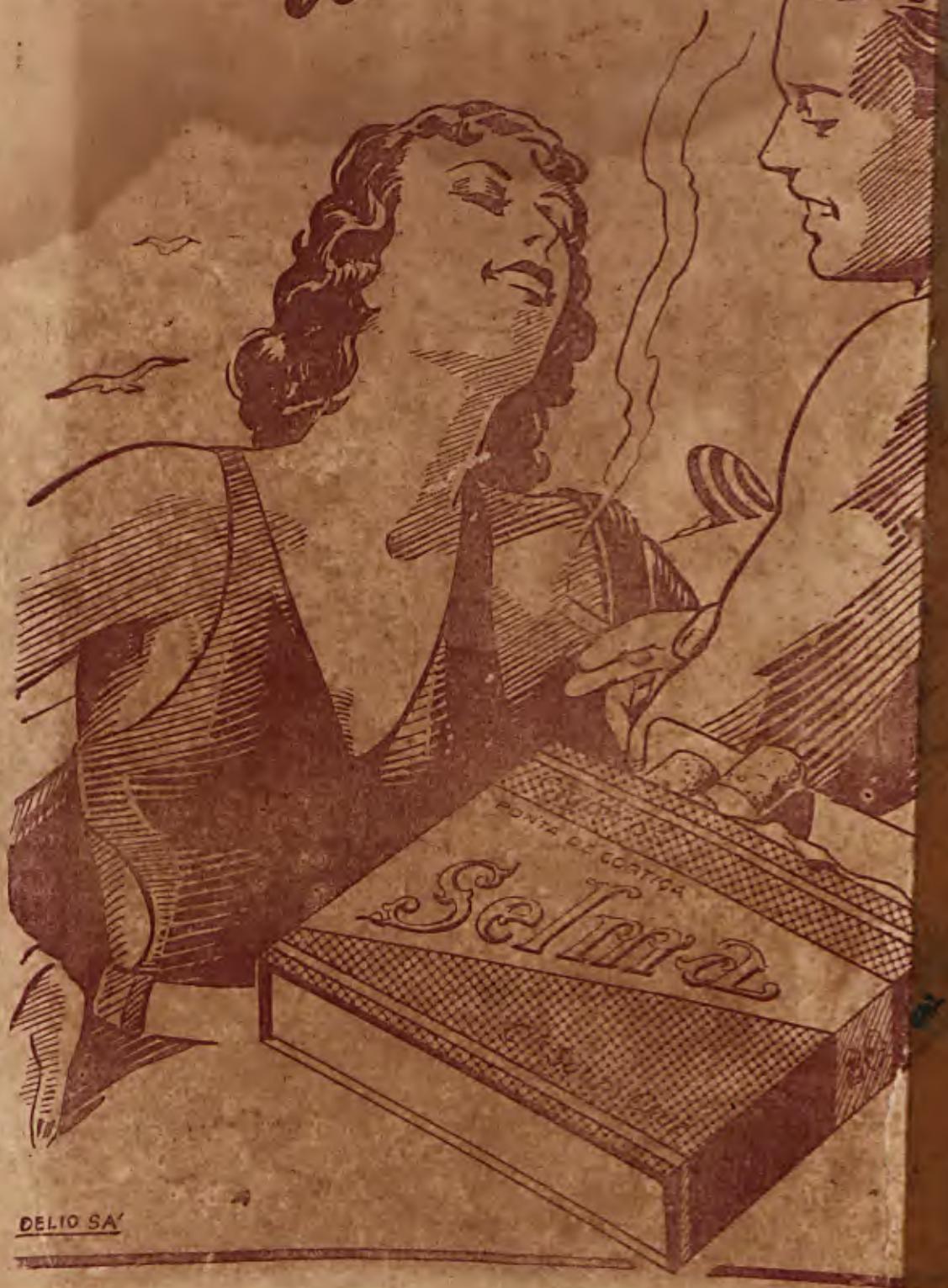
Rua Joaquim Tavora, n. 284

CAIXA POSTAL, 54

Endereço teleg. «SATMA»

SÃO LUIZ-MARANHÃO

Que aroma  
delicioso...



DELIO SA'

Que aroma  
delicioso...





